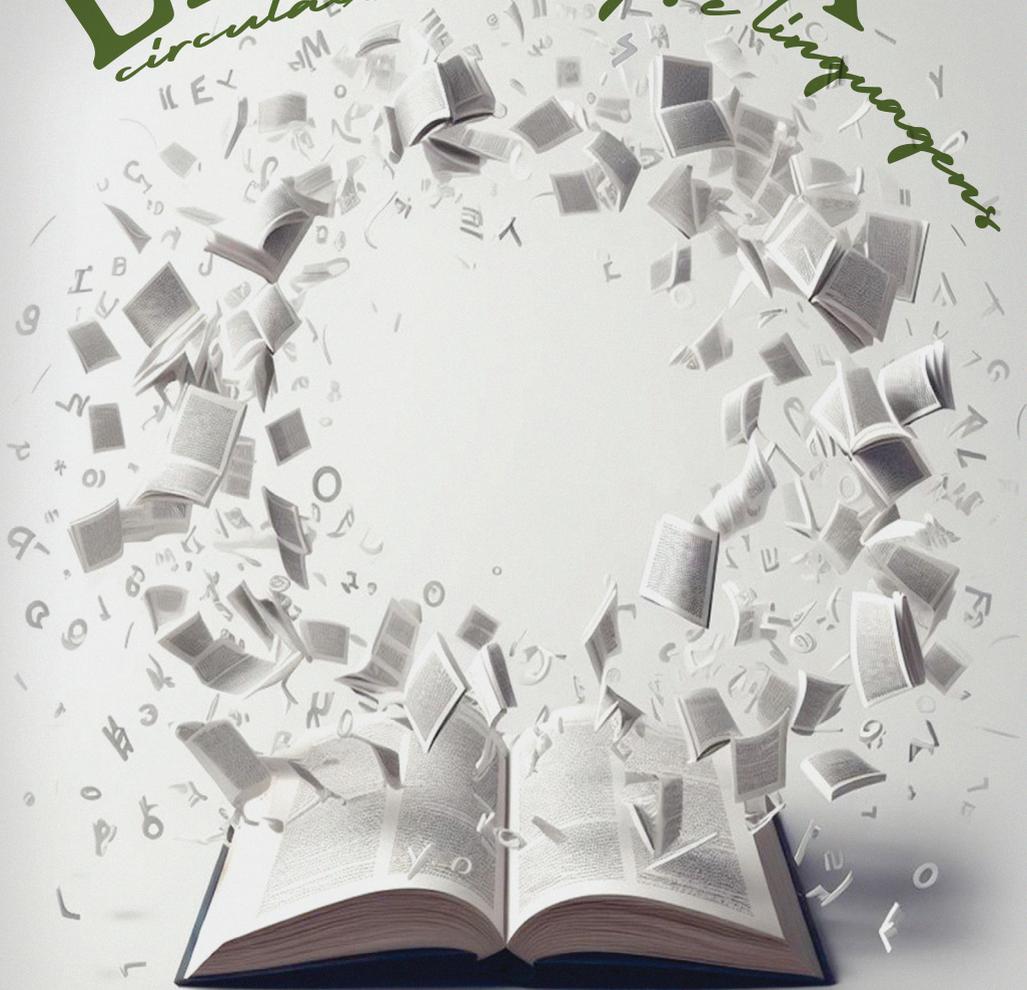


LEITURA

circulações, diálogos e linguagens



Caderno de resumos XIV SAPUERJ

Tatiane Ludegards S. Magalhães | Elisa da Silva Santana
Cristiane Vieira da Graça Cardaretti | Paulo Cesar da Silva Lopes Junior
(Orgs.)

LEITURA

circulação, diálogos e linguagens

Caderno de resumos

XIV SAPUERJ

Tatiane Ludegards S. Magalhães | Elisa da Silva Santana
Cristiane Vieira da Graça Cardaretti | Paulo Cesar da Silva Lopes Junior
(Orgs.)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Mario Sergio Alves Carneiro

DIALOGARTS

Coordenadores

Flavio García

Darcilia Simões

CONSELHO EDITORIAL

Estudos de Língua

Darcilia Simões (Presidente)

Claudia Moura da Rocha (UERJ)

Denise Salim Santos (UERJ)

Maria Aparecida Cardoso Santos (UERJ)

Renato Venâncio Henrique de Souza (UERJ)

Claudio Manoel de Carvalho Correia (UFS)

Eleone Ferraz de Assis (UEG)

Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP)

Kleber Aparecido da Silva (UNB)

Lucia Santaella (PUCSP)

Maria Carlota Rosa (UFRJ)

Maria do Socorro Aragão (UFPB; UFCE)

Maria Jussara Abraçado (UFF)

Maria Luísa Ortiz Alvarez (UNB)

Nataníel dos Santos Gomes (UEMS)

Paolo Torresan (UFF)

Rita de Cássia Souto Maior (UFAL)

Simone Rezende (EBAC, SP)

Vânia Casseb Galvão (UFG)

Dora Riestra (Universidade do Rio Negro, AR)

Paulo Osório (UBI, PT)

Maria João Marçalo (UÉvora, PT)

Massimo Leone (UNITO, IT; Universidade de Xangai, CH)

Estudos de Literatura

Flavio García (Presidente)

Júlio França (UERJ)

Norma Sueli Rosa Lima (UERJ)

Regina Michelli (UERJ)

Tania Camara (UERJ)

Ana Crélia Dias (UFRJ)

André Cardoso (UFF)

Claudio Zanini (UFRGS)

Daniel Serravallo de Sá (UFSC)

Diógenes Buenos Aires (UESPI)

Enéias Tavares (UFSM)

Jane Fraga Tutikian (UFRGS)

José Nicolau Gregorin Filho (USP)

Marisa Martins Gama-Khalil (UFU)

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (UNIMONTES)

Teresa López Pellisa (UAH, ES)

Ana Mafalda Leite (ULisboa, PT)

Ana Margarida Ramos (UA, PT)

Dale Knickerbocker (ECU, EUA)

David Roas (UAB, ES)

Inocência Mata (ULisboa, PT)

Maria João Simões (UC, PT)

Xavier Aldana Reyes (MMU, EN)



Dialogarts

DIALOGARTS

Rua São Francisco Xavier, 524, sala 11007 - Bloco D, Maracanã

Rio de Janeiro – RJ - CEP 20550-900

<http://www.dialogarts.uerj.br/>



Revisores

Cecília Athias Maues Viana
Daniella Olimpio
Janaína Monteiro da Silva
Luísa Machado
Maria Bárbara Branco de Assis de Oliveira
Mariana Nunes Marinho
Marina Otero Lemos Silva
Paulo César da Silva Lopes Junior
Tainara Ramos

Supervisor(es) de revisão

Tatiane Ludegards dos Santos Magalhães

Produção

UDT LABSEM – Unidade de Desenvolvimento Tecnológico
Laboratório Multidisciplinar de Semiótica



CATALOGAÇÃO NA FONTE

Leitura - circulação, diálogos e linguagens
Caderno de resumos – XIV SAPUERJ

M188 Organização: Tatiane Ludegards dos Santos Magalhães
C266 Cristiane Vieira da Graça Cardaretti
J95 Paulo César da Silva Lopes Junior
S231 Elisa da Silva Santana

Edição: Flavio Garcia
Tatiane Ludegards dos Santos Magalhães

Capa: Raphael Fernandes

Diagramação: Tatiane Ludegards dos Santos Magalhães

Rio de Janeiro: Dialogarts
2023, 1ª ed.

80 - Coleções de obras diversas sem assunto específico

ISBN 978-65-5683-067-4

Literaturas. Línguas. Linguística. Comunicações. SAPUERJ.

SUMÁRIO

- 03 **Apresentação**
- 05 **Eixo 1**
Texto, discurso e ensino
- 31 **Eixo 2**
Africanidade em obras da literatura afro-brasileira
- 42 **Eixo 3**
A experiência urbana na literatura: as possibilidades de ler e descrever as dinâmicas em sociedade
- 86 **Eixo 4**
Do contar ao cantar; entre o dito e escrito: as contranarrativas como forma de resistência no cenário literário e musical
- 99 **Eixo 5**
Variação linguística na língua em uso
- 114 **Eixo 6**
Leituras plurais: a leitura na perspectiva da história, filosofia e sociologia
- 127 **Eixo 7**
Monstros à solta: representações do monstro na literatura contemporânea
- 144 **Eixo 8**
O ensino de línguas em perspectivas materna e não-materna
- 161 **Eixo 9**
Literatura infantil e juvenil: diálogos plurais

- 177 **Eixo 10**
Não temos tempo de temer: pensando a literatura como protesto
- 206 **Eixo 11**
Tradução como forma de repensar o cânone literário
- 219 **Eixo 12**
Histórias múltiplas: relendo o mundo a partir de perspectivas decoloniais
- 242 **Eixo 13**
Releituras de personagens canônicos
- 259 **Eixo 14**
Estudos linguísticos em foco: a multiplicidade da linguística em suas variadas correntes, escolas, épocas e autores para decodificar o mundo
- 274 **Eixo 15**
Escritas femininas: identidade e narrativa de vozes pioneiras
- 293 **Eixo 16**
Literatura na era digital: interseção entre mídias e contemporaneidade
- 301 **Eixo 17**
Confluências culturais: possíveis diálogos entre literatura, cinema e teatro
- 311 **Eixo 18**
Tema livre - Línguas
- 324 **Eixo 19**
Tema livre - Literatura

APRESENTAÇÃO

O Seminário de Alunas e Alunos da Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (SAPUERJ) é um evento anual organizado por discentes do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da UERJ. O evento tem como objetivo divulgar e compartilhar a produção científica discente de nossas universidades, evidenciando a relevância e o compromisso dos estudantes de Pós-Graduação com a produção e disseminação de conhecimento científico na área de Letras, fomentando discussões sobre os Estudos de Língua e os Estudos de Literatura na sociedade.

É com imenso entusiasmo e carinho que apresentamos a XIV edição do SAPUERJ que se constitui e se estabelece, cada vez mais, como um espaço de interação entre futuras pesquisadoras e futuros pesquisadores, e de propagação de resultados e de experiências de pesquisas que expandem a formação acadêmica e que possibilitam reflexão, discussão e aprofundamento da relação indivisível entre pesquisa, extensão e práticas de ensino.

A edição de 2023 ocorre no Instituto de Letras da UERJ, no campus Maracanã, entre os dias 6 e 10 de novembro, e conta com 176 comunicações distribuídas em 19 eixos temáticos, 20 conferencistas com mediadores, 49 mesas de comunicação, 14 organizadores e 7 minicursos distribuídos ao longo desses 5 dias. Ademais, temos ainda 6 mesas temáticas compostas por professores da nossa casa (UERJ) e da UFRJ, além de professores de universidades estrangeiras como a Universidad Nacional de Rosário e a École Pratique des Hautes Études. É, portanto,

notório o processo de solidificação e de abrangência do SAPUERJ, o que demonstra a relevância deste evento para a comunidade acadêmica, não apenas em nossa instituição, mas também para as demais universidades do país e do exterior.

Gostaríamos de ressaltar que o sucesso deste evento se deve ao compromisso e à dedicação não somente dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, como também de toda equipe de funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Instituto de Letras da UERJ, que desempenharam/desempenham um papel fundamental nas bases para a consolidação da UERJ como um centro de excelência em Letras.

Nós, Ananda Maria Ferreira Missadilis; Cecília Athias; Cristiane Vieira Cardaretti; Elisa da Silva Santana; Fernanda da Silva Ferreira Ramos; Igráinne de Brito Marques; Janaína Monteiro; Maria Bárbara Branco; Mariana Nunes Marinho; Marina Otero Lemos Silva, Paulo Cesar Lopes Junior, Paulo Pires, Tatiane Ludegards S. Magalhães e Vívian Pereira, desejamos a todas e todos um evento especialmente produtivo e profícuo.

Comissão Organizadora do XIV SAPUERJ.

Eixo 1

Texto, discurso e ensino



A ESTRUTURA ARGUMENTAL DAS CONSTRUÇÕES TOPICALIZADAS À LUZ DA CARTOGRAFIA SINTÁTICA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO

Yan dos Santos Silva (UFRJ)

Considerando trabalhos de pesquisadores como Perini (1985), há evidências não só da necessidade de se repensar os moldes da Gramática Tradicional, bem como sua aplicação à sala de aula da Educação Básica, na medida em que esses compêndios eram executados com fins exclusivamente instrumentais. Sendo assim, é de extrema importância que se introduza uma prática pedagógica inovadora, que possa tanto garantir a eficácia no ensino de língua materna quanto demonstrá-la aos alunos como algo sistêmico, incluindo sua competência para lidar com dados linguísticos. Para tanto, decorridos mais de 50 anos e feita uma série de reflexões, diversos intelectuais debruçaram-se acerca da perspectiva teórica formal gerativista (CHOMSKY, 1965) com o objetivo de reunir um material capaz de levar os docentes dos Ensinos Fundamental e Médio a uma melhoria de suas respectivas aulas, uma vez que, de acordo com a Teoria Gerativa, o aluno possui uma gramática internalizada e esta deve ser considerada na relação ensino-aprendizagem de línguas. Nessa perspectiva, o trabalho tem como objetivos, além de evidenciar as incoerências da Gramática Tradicional na conceituação do elemento sujeito, também propor uma análise de estruturas topicalizadas fundamentada no Programa Cartográfico (RIZZI, 1997) de Gramática Gerativa. A hipótese é

de que os conhecimentos metalinguísticos das teorias formais possam levar luz para explicações mais coerentes com o conhecimento interno do falante que passa pelo processo de escolarização. Ademais, propõe-se como metodologia práticas didáticas no ensino de sentenças que contenham tópico, com o arcabouço da Aprendizagem Linguística Ativa (PILATI, 2017), que promove o uso de materiais manipuláveis nas aulas de gramática, a fim de oferecer o exercício de metacognição no ensino de língua. Logo, o interesse em trazer propostas práticas e inovadoras para o professor de língua se deve ao fato de que os docentes possuem dificuldade em transpor resultados de pesquisas científicas contemporâneas para seu fazer pedagógico. Neste âmbito, a defesa desse trabalho é a de que a teoria linguística gerativista possui valiosas contribuições para o ensino de Gramática (entendida aqui como um conjunto de regras sistêmicas interiorizadas pelos falantes nativos).

Palavras-Chave: Linguística. Educação. Cartografia Sintática. Topicalização. Aprendizagem Ativa.

CORRELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO NARRATIVA E O DESEMPENHO SINTÁTICO DE CRIANÇAS COM COMPROMETIMENTOS DE LINGUAGEM

Raquel dos Santos Brandão (UERJ)

O Instrumento de Avaliação Multilíngue de Narrativas (MAIN) (GAGARINA *et al.*, 2012) tem sido utilizado em vários países do mundo para avaliar as capacidades narrativas de crianças monolíngues e bilíngues, embora tenha sido criado a partir de preocupações acerca de comprometimentos linguísticos em crianças bilíngues. Neste estudo, aplicou-se o MAIN para verificar o desempenho narrativo no português brasileiro de crianças entre 7 e 10 anos de idade de uma escola pública do Rio de Janeiro. Dois grupos foram considerados: possíveis casos de TDL (Transtorno do Desenvolvimento Linguagem) a partir da aplicação do MABILIN 1 (Módulos de Avaliação de Habilidades Linguísticas) (CORRÊA, 2000) e um grupo de crianças sem dificuldades nessa avaliação. Foram também aplicados testes cognitivos do tipo *Flanker e go-no go*. O MAIN consiste em uma sequência de seis imagens que mostram fatos ilustrados, controlados a partir de sua dificuldade, e estimulam a narrativa dos participantes para que elementos de macroestrutura, microestrutura e termos de estado interno sejam avaliados. Logo após cada etapa de produção narrativa, um questionário com 10 perguntas de compreensão é proposto. Não se verifica, no MAIN, preocupação com a avaliação das demandas específicas de estruturas de alto custo computacional, geralmente comprometidas no TDL

(CORREA, 2012; CORREA; AUGUSTO, 2011; 2013). Para fins desta pesquisa, das quatro histórias propostas no MAIN, somente duas foram utilizadas: cachorrinho e cabritinhos. Os resultados ainda estão em fase de análise, mas os dados preliminares apontam que há uma diferença significativa entre as crianças com comprometimento e com desenvolvimento típico. Discute-se, no entanto, que o que parece ser captado pelo MAIN pode estar associado à extensão da narrativa e não explicitamente a questões de ordem sintática, que são marcadores clínicos relevantes na identificação do TDL.

Palavras-chaves: MAIN. TDL. Narrativas. Desempenho.

CRIATIVIDADE METAFÓRICA NA ELABORAÇÃO DE *CONCRETE POEM*

Leonardo Jovelino Almeida de Lima (UERJ)

Marcelo Pereira Martins (UERJ)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância do exercício da criatividade nas aulas de língua inglesa, uma vez que vivemos em uma sociedade plural e diversificada. Todavia, uma questão se mostra atuante: como a criatividade pode ser definida e efetivamente trabalhada em sala de aula? O presente trabalho intenciona apresentar possíveis respostas a essa e a outras questões nesse contexto, pois objetiva identificar como a criatividade se manifesta na produção escrita de um poema concreto na língua inglesa. Assim, voltamos a atenção para a noção de criatividade estabelecida pelo viés cognitivo, considerando, especificamente, as postulações da Teoria da Metáfora Conceptual, desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980). Os referidos autores declaram que as metáforas devem ser compreendidas para além do campo literário e linguístico, sendo, portanto, manifestações da nossa forma de ver e perceber o mundo que nos rodeia, ou seja, conceptualizar o nosso cotidiano. Em outras palavras, a mente é altamente metafórica, tendo em vista que muitos dos conceitos abstratos com os quais entramos em contato são melhor compreendidos se apreendidos em função daqueles que consideramos os mais concretos ou familiares; revelando, assim, o cunho significativamente criativo da cognição humana. Logo, realizamos uma análise qualitativa interpretativista das metáforas conceptuais ativadas na elaboração de um poema

concreto por um aluno do 4º ano do Ensino Fundamental I de uma escola particular do Rio de Janeiro. Ademais, dado os aprofundamentos das pesquisas sobre metáforas conceptuais, principalmente perante a aceitação de que diferentes estruturas conceptuais atuam no mapeamento metafórico, seguimos também as fundamentações da abordagem multinível oferecida pelas postulações de Kövecses (2020). Verificou-se que a criatividade na produção escrita do poema foi alcançada pela ativação de diferentes metáforas conceptuais. Essas metáforas foram percebidas em distintas estruturas de conceptualização e em diferentes níveis, considerando uma hierarquização de esquematicidade.

Palavras-chave: Criatividade. Metáforas Conceptuais. Concrete Poems.

DA LITERATURA MATO-GROSSENSE PARA SALA DE AULA DA EJA: O ENSINO DE LEITURA ATRAVÉS DE *O CONTO DA CASA AMARELA* DE CLÉCIA LINO

Izilene Leandro da Silva (UERJ)

Este artigo tem por objetivo apresentar uma proposta de leitura da obra *O Conto da Casa Amarela* de Clécia Lino, realizada nas aulas de Língua Portuguesa de uma Escola Pública do estado de Mato Grosso. A finalidade da pesquisa é promover uma nova estratégia e melhorar o trabalho dos professores em sala de aula alinhando-o à participação dos estudantes no processo de leitura e de escrita. A abordagem de ensino da EJA destina-se a atender alunos que estão ausentes da sala de aula há muito tempo, pois, em sua maioria, são trabalhadores que desejam flexibilidade de horário para retorno às aulas devido ao mercado de trabalho competitivo. Nossos estudos serão ministrados em uma escola da rede pública de ensino que oferece EJA, localizada na cidade de Várzea Grande-MT. Apresentaremos e analisaremos alguns trechos da obra *O Conto da Casa Amarela* para compreender os caminhos que a autora percorreu para contar a história do avô Pedro e sua neta Lara. Esta proposta permite identificar dificuldades de aprendizagem e construir conhecimentos. Para este estudo, adotamos uma abordagem de pesquisa-ação sabendo que essa abordagem metodológica permite o desenvolvimento de competências e habilidades para o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Leitura e Escrita. Literatura Mato-Grossense. Conto da Casa Amarela. EJA.

DISCURSIVIZANDO A OBRA LITERÁRIA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO DISCURSO APLICADA AO ESTUDO DA LITERATURA

Marcela Maria Almeida Silva (UERJ/FFP)

Refletir sobre uma obra literária e sobre seus aspectos histórico-linguísticos, pode, muitas vezes, limitar-se, como nos alerta Dominique Maingueneau, a duas atitudes distintas: enveredar pelo caminho da história literária e, em função disso, fazer a opção por uma análise sobre os elementos ditos “exteriores” ao texto, ou, diversamente, adotar uma postura analítica centrada na estilística e na investigação sobre o que muitos compreendem como sendo os aspectos “internos” do texto literário. Tais posturas acabam por explorar dicotomicamente o que o referido autor chama de “exterior” ou “interior” do texto. Entretanto, tais esquemas tradicionais, tantas vezes reproduzidos nas salas de aula da educação básica, seja no Ensino Fundamental, seja no Ensino Médio, acabam deixando de lado elementos essenciais do fato literário, prejudicando, por conseguinte, a possibilidade de elaboração, pelo alunado, de uma análise não fragmentada do texto. Procurando trilhar um outro caminho, o caminho da confluência entre o texto e o seu contexto, entre o dito e o dizer, entre o enunciado e a enunciação, considerando-os indissociáveis ao longo de todo o processo analítico, a presente proposta de comunicação pretende reivindicar o caráter enunciativo da textualidade literária, procurando pautar uma metodologia de reflexão sobre a obra a partir das condições de

enunciação e de elementos enunciativos que perfazem a obra literária, especialmente o conceito de cenografia, conforme elaborações do discursivista francês Dominique Maingueneau.

Palavras-chave: Obra literária. Análise do discurso. Enunciação. Cenografia. Dominique Maingueneau.

ENSINAR E APRENDER A LÍNGUA INGLESA DE FORMA SIGNIFICATIVA: UMA BREVE REVISÃO DAS FERRAMENTAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Valeria Silva de Oliveira (CIAGA; UERJ)

A presente comunicação objetiva revisar a importância do uso de determinadas ferramentas de ensino, tecnologias educacionais, e refletir brevemente acerca de algumas estratégias que possam auxiliar no processo de aprendizagem significativa da língua inglesa como língua adicional ou estrangeira. Visando contribuir para prática docente, a referida exposição apoia-se em estudos no campo da neurociência, linguística aplicada e (multi)letramentos (LIGHTBOWN; SPADA, 2017; OAKLEY, 2014, 2018; KALANTZIS; COPE, 2012; BURNS, 2012; CAZDEN; COPE; FAIRCLOUGH; GEE, 1996, entre outros). Entre as estratégias de ensino destacadas encontram-se a solução de problemas e repetição espaçada e contextualizada para que processos cognitivos que contribuem para a aprendizagem significativa sejam facilitados. Além de apresentar um inventário de ferramentas digitais gratuitas que podem ser utilizadas em sala de aula e contribuir para tornar as aulas mais dinâmicas e interativas, também será apresentado e disponibilizado um “protótipo didático” (ROJO; MOURA, 2020) elaborado por esta pesquisadora a partir de materiais autênticos e para o ensino de inglês para fins específicos. O referido protótipo inclui duas unidades de ensino e um detalhado guia do professor (OLIVEIRA, 2022). As referidas unidades de ensino oferecem ao aprendiz oportunidades para desenvolver, de forma

contextualizada, as quatro habilidades da língua inglesa - ler, escrever, ouvir e falar - e os sistemas - gramática, vocabulário, fonologia/pronúncia e discurso. Materiais autênticos foram usados como meios para auxiliar os alunos na aprendizagem do inglês comunicativo e real. “O Guia do Professor” contém os objetivos de ensino e aprendizagem, as respostas de cada atividade, além de algumas orientações e sugestões que podem servir para aumentar as oportunidades de aprendizagem, conforme necessidades específicas dos discentes. Espera-se que o presente trabalho sirva não só para suscitar uma reflexão crítica acerca das dinâmicas envolvidas em sala de aula, mas também para oferecer meios de potencializar as oportunidades de aprendizagem significativa da língua inglesa como língua estrangeira/adicional.

Palavras-chave: Ferramentas de ensino. Protótipo didático. Aprendizagem significativa. Multiletramentos. Língua inglesa.

ESTUDOS SOBRE FRASEOLOGIA: O USO DOS PROVÉRBIOS EM REDES SOCIAIS COMO UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Felipe Genuino de Oliveira (UERJ/CAPES)

O projeto busca investigar a presença de eventos fraseológicos na linguagem cotidiana, que circula no universo da internet, trazendo os provérbios como exemplo de unidades fraseológicas. Este trabalho tem como objetivo primordial identificar distintos padrões, aplicações e conotações subjacentes à incorporação dessas sentenças proverbiais nos espaços das redes sociais, notadamente no contexto de plataformas como Twitter e Facebook. Pretende-se utilizar mecanismos de pesquisas disponíveis tais como as do tipo “pesquisas avançadas” e “filtros de busca” como ferramentas auxiliaadoras no processo de busca de corpus para análise. As orientações metodológicas escolhidas serão as de pesquisa quantitativa, na coleta dos dados nas redes sociais, e pesquisa qualitativa, no que se refere à pesquisa bibliográfica que terá de ser feita e ao estudo dos casos. A escolha por esse tipo de consulta em redes sociais tem como fundamento o fato (amplamente discutido nos meios midiáticos e acadêmicos) de as pessoas estarem usando cada vez mais essas redes como modo de interação pessoal e conseqüente manifestação de seus discursos interlocutivos e alocutivos. Para uma abordagem fundamentada, serão utilizadas como base teórica trabalhos de estudiosos como Charles Bally (1909), Johannes Klare (1986), Gloria Corpas Pastor (1997), Beatriz Méndez Cendón (2002), Luis Fernando Lara (2006) e José Pereira da Silva (2013). Em suma,

este estudo almeja contribuir substancialmente para a elucidação dos padrões linguísticos e discursivos que permeiam as redes sociais, especificamente no que se refere à disseminação e à interpretação das unidades fraseológicas, oferecendo uma visão abrangente das complexas interações entre linguagem, cultura e tecnologia na contemporaneidade.

Palavras-chave: Lexicologia. Fraseologia. Parêmsias. Provérbios. Redes Sociais.

LEGENDO DISCIMUS: O USO DE TEXTOS AUTÊNTICOS EM DIFERENTES ABORDAGENS DO ENSINO DE LATIM

Israel Matheus Siqueira Santos (UERJ)

Pedro Ivo Zaccur Leal (UERJ)

O uso de material autêntico no ensino de línguas estrangeiras, desde o surgimento da Abordagem Comunicativa nos anos 1970 (SILVA, 2017), é fonte de intenso debate. Este debate não é estranho à área do ensino de latim, malgrado o sucesso que tiveram em nosso país métodos que dispensassem os textos originais. Há, no entanto, muitas formas de utilizar os textos clássicos em sala de aula. O lugar do texto latino original muda radicalmente segundo cada abordagem teórica. Embora discussões em torno da pedagogia do latim tendam a ser encaradas como um fenômeno moderno, já há quase um século e meio o Método Natural (ou Direto) faz repensar como (e por quê) aprender latim (OWENS, 2016). As diferentes abordagens partem de diferentes pressupostos teóricos a fim de alcançarem objetivos diversos (WINGATE, 2013). A tradicional Abordagem Gramática-Tradução (AGT) enfatiza o estudo das estruturas gramaticais antes da leitura do texto, que pode ser autêntico, adaptado ou produzido especialmente para fins didáticos (SOUZA; MATOS, 2020). Em resposta à AGT, um leque de abordagens ativas (como a Abordagem Textual, a Comunicativa, a Indutiva Contextual etc.) surgiu, remodelando não só os métodos e os materiais usados em sala, como também repensando os objetivos da aprendizagem da língua latina (BECCARI; BINATO, 2014). Este

trabalho demonstrará que as diferentes abordagens ativas tendem a deixar de lado a leitura de textos latinos autênticos. Avaliando parte da recepção das abordagens ativas tanto no Brasil como no exterior, este trabalho procura explicar como qualquer discussão sobre o ensino de latim precisa reconhecer que há objetivos diferentes e igualmente legítimos para a aprendizagem do latim. Qualquer juízo sobre as abordagens ativas (e, portanto, do uso ou não da literatura latina no percurso pedagógico) será nulo se as julgar por critérios inadequados. Este artigo defende que cada abordagem teórica preserve o seu objetivo particular, sem projetá-lo sobre os outros métodos.

Palavras-chave: Ensino do latim. Textos autênticos. Abordagem gramática-tradução.

LINGUAGEM E SUBJETIVIDADES DE VENEZUELANOS REFUGIADOS NO BRASIL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Ana Sousa da Silva (UERJ)

Esta apresentação é fruto das análises construídas na minha pesquisa de mestrado intitulada “Processos de construção de subjetividades de venezuelanos no contexto de refúgio no Rio de Janeiro: uma análise discursiva”, cujo objetivo foi mapear e construir reflexões acerca dos atravessamentos/dispositivos mobilizados nos processos de construção das subjetividades de refugiados venezuelanos, residentes no Rio de Janeiro. Desse modo, explicitarei a perspectiva cartográfica do discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021), na qual me ancorei ao longo da construção da pesquisa, bem como apresentarei a abordagem sobre subjetividades (MIRANDA; SOARES 2010; ROLNIK; 2011) e sobre des(re)territorialização (HAESBAERT, 2004; BIZON, 2013), basilares às análises empreendidas. Uma vez que a análise dos enunciados se deu a partir do emprego de marcas discursivas, através do instrumento metodológico Questionário (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021), foi mobilizado ademais o conceito de vocabulário, considerando-o enquanto dispositivo da semântica global (MAINGUENEAU, 2008), assim como foi levado em conta todo o contexto de deslocamento, os corpos e as vozes que enunciam, e como o fazem. Por conseguinte, dentre os resultados obtidos destacam-se: 1) a dificuldade, apresentada pelos participantes, com a língua portuguesa, mesmo estando há mais de 1 ano no Brasil (que dificuldade seria essa?); 2) a falta de inserção no

mercado de trabalho formal, e da possibilidade de trabalhar em suas áreas de formação e, conseqüentemente, os contextos de vulnerabilidade social aos quais essas pessoas estão expostas; 3) a necessidade da desconstrução de estereótipos dos venezuelanos refugiados, que muitas vezes são identificados por meio do discurso da falta (DINIZ; NEVES, 2008), e a busca pela promoção de sujeitos potentes, que tanto têm a contribuir à construção de uma sociedade brasileira mais plural.

Palavras-chave: Refugiados venezuelanos. Português com refugiados. Cáritas-RJ.

O ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA, PERSPECTIVAS FLUMINENSES

Thaís Feitosa de Almeida (UERJ/FME-Niterói)

Ouvimos por toda parte de professores e alunos da educação básica que o ensino de literatura nas escolas não vai bem. O problema tem muitas faces, sendo recentemente matéria de implicação política da Associação Brasileira de Literatura Comparada em seu último congresso. Tal ação culminou com a divulgação de uma carta com propostas que visam a melhoria na qualidade do ensino da literatura (ABRALIC, 2023). Nesse contexto, a presente comunicação, situada no âmbito de minha pesquisa de doutoramento, busca analisar iniciativas no estado do Rio de Janeiro que apontem para a promoção do ensino de literatura na escola. Para tanto, cumpre observar que o ensino de literatura é atravessado por questões muito amplas relativas à orientação de documentos oficiais, à aplicação de exames nacionais, à presença de bibliotecas nas escolas, à formação de professores, ao contexto socioeconômico e cultural de discentes e docentes, dentre outros aspectos. No âmbito desta comunicação, a crise no ensino de literatura será analisada a partir da interface universidade/escola no contexto fluminense. Constata-se que os estudos literários trilham caminhos que o distanciam de influenciar o ensino de literatura nas escolas. No entanto, existem iniciativas que atuam na contramão dessa tendência. Assim, observaremos, no âmbito estadual: (a) iniciativas de formação de professores promovidas pela Fundação CECIERJ, (b) referenciais curriculares municipais da região metropolitana e (c)

o panorama das pesquisas da pós-graduação relativas ao tema de ensino de literatura. Tais empreendimentos serão analisados sob a luz dos estudos recentes acerca do ensino de literatura no Brasil (ABRALIC, 2023) (GERHARDT; AMORIM, 2022) e da interface entre literatura e pedagogia (DALVI, 2023).

Palavras-chave: Ensino de literatura. Estudos literários. Políticas públicas. Educação básica.

O PORTUGUÊS DO BRASIL E A REGRA DE USO DO PRONOME OBLÍQUO EM INÍCIO DE ENUNCIADO

Caroline Oliveira de Amorim (UERJ)

O presente artigo trata-se de uma análise diacrônica da regra de colocação pronominal na posição enclítica. Gramáticos como Napoleão Mendes de Almeida (1952) apontam que a regra de colocação pronominal é exclusivamente eufônica e não meramente sintática como apregoam as gramáticas e conseqüentemente os livros didáticos. Esta é uma pesquisa sobre os usos dos pronomes oblíquos, cuja motivação advém de regras, como as de colocação pronominal, que em sala de aula se chocam com a realidade linguística do português do Brasil. Qual deve ser a postura dos professores de língua portuguesa diante de regras da gramática normativa destoantes da realidade linguística dos alunos? Quais aportes teóricos e metodológicos os professores devem adotar diante dos questionamentos dos alunos acerca de regras desconexas dos usos? Este artigo tem a intenção de apregoar os estudos da linguística textual aplicados para o ensino de língua portuguesa, portanto, oferecer subsídios para o professor de Língua portuguesa sanar possíveis dúvidas dos discentes. A ideia é trazer o aluno para um caminho de reflexão e conhecimento da própria língua, guiá-lo para além das prescrições gramaticais e fazê-lo entender as motivações linguísticas-históricas que permeiam as regras da gramática. Para tal finalidade, temos como referencial teórico Luiz Antônio Marcuschi, Maria Helena de Moura Neves, Said Ali, Evanildo

Bechara, Napoleão Mendes de Almeida entre outros gramáticos e linguistas que se debruçaram sobre os estudos das regras de usos dos pronomes oblíquos na gramática tradicional e também dos usos do português do Brasil. Neste trabalho, faremos uma análise descritiva das regras do uso dos pronomes oblíquos desde o latim até o português contemporâneo do Brasil. Traremos uma proposta de análise reflexiva dos usos proclíticos de acordo com contextos discursivos. Segundo Maria Helena de Moura Neves, o estudo da língua materna está inserido em um contexto histórico que, por sua vez, explicita o funcionamento da língua. É a partir dessa afirmativa que pretendemos chegar em uma proposta de ensino das regras de usos dos pronomes oblíquos mais reflexiva.

Palavras-chave: Colocação pronominal. Português do Brasil. Língua de uso. Linguística textual.

PORTUGUÊS DE PORTUGAL OU PORTUGUÊS DO BRASIL? QUE LÍNGUA É ESSA?

Emília Leitão Varella da Silveira (UERJ)

Será que ainda utilizamos a Língua Portuguesa que aqui chegou junto aos portugueses quando ainda éramos uma simples colônia? Será que estudamos e/ou ensinamos o Português daqui ou o de Portugal? Que língua é essa que é tão difícil para uns e tão fascinante para outros? O presente artigo fundamenta-se nos estudos de línguas, em especial da Língua Portuguesa e resulta da revisão da literatura acerca do tema realizado durante o curso de mestrado, mais especificadamente ao longo dos estudos na disciplina Português no Brasil. Este trabalho tem o intuito de apresentar reflexões sobre o processo de construção da Língua Portuguesa no Brasil, bem como apontar algumas das diferenças e semelhanças existentes entre o Português do Brasil e o de Portugal. Para discutir e refletir sobre o tema em questão, baseamo-nos principalmente em Castilho (1962), Cunha (1986), Lucchesi (2002; 2009; 2012) e Faraco (2016). Com base na revisão da literatura realizada chegamos à conclusão de que na modalidade escrita, a Língua Portuguesa no Brasil apresenta traços morfológicos similares aos da Língua Portuguesa de Portugal e que ainda tem na tradição e no clássico, assim como na gramática tradicional, certa expectativa de manutenção da origem e/da similaridade de sua herança. Entretanto, como as línguas são fenômenos sociais da interação verbal, é na comunicação do dia a dia que ela se modifica, logo, é no

falar que percebemos variações entre esses “portugueses”*. A partir deste trabalho, esperamos ser capazes de colaborar para um melhor entendimento a respeito da nossa língua, bem como contribuir para melhoria do ensino desta, destacando a necessidade de se ir além das convenções, sistematizações e/ou atividades mecânicas cujo enfoque está nas identificações, nomenclaturas e classificações, evidenciando a necessidade de um trabalho de natureza reflexiva e coletiva que entende a língua como produto de interação social, e, portanto, como algo passível de mudanças e adaptações de modo a atender e refletir as diferentes demandas do século XXI.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Língua Portuguesa no Brasil. Ensino.

*Refere-se à Língua Portuguesa do Brasil e a de Portugal.

PRÁTICAS DE LINGUAGEM DO PATRIARCADO: ATRAVESSAMENTOS DISCURSIVOS NAS RELAÇÕES ESCOLARES

Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal (UERJ)

O ambiente de trabalho pode ser, por vezes, desconfortável do ponto de vista das relações que se estabelecem e que se fazem necessárias nesses ambientes. Somadas a isso, residem as práticas discursivas abordadas diariamente durante o período de labor. Assim, em muitos casos, as relações se constituem por sobreposição e apagamento de gêneros femininos, ainda que o feminino seja o sujeito em posição elevada na hierarquia de cargos desses ambientes. Em outras palavras, mesmo que o ambiente seja aquele que, por tradição, mais abriga pessoas femininas, como a escola, ainda assim, há práticas de linguagem e dispositivos que aludem a discurso de exclusão. É possível, portanto, cartografar a partir das enunciações diárias a reprodução de preconceitos e distinções que cumprem, simbolicamente, um novo propósito de reorganização e hierarquização dos sujeitos interactantes. Nesse sentido, as relações de poder, com vistas à sobreposição de gêneros, corroboram tais práticas. (DEUSDARÁ, B.; ROCHA, M. L., 2012). Desse modo, é possível dizer que o espaço escolar como espaço repleto de sujeitos com crenças simbólicas é, ao mesmo tempo, locus de grande tradição social, e reproduzidor de dispositivos de exclusão, controle e hierarquização constantes, com os quais sujeitos femininos sofrem nas relações diárias nesses ambientes. Este trabalho, portanto, visa a apresentar estudo inicial a respeito da cartografia escolar que enseja nos discursos

que atravessam o corpo feminino diariamente, sobretudo no ambiente de trabalho. Para tanto, serão apresentadas as análises realizadas a partir de entrevistas anônimas promovidas para evidenciar prática de linguagem que evidenciem enunciações promotoras do patriarcado.

Palavras-chave: Espaço escolar. Práticas de linguagem. Discurso. Patriarcado.

Eixo 2

*Africanidade em obras da
literatura afro-brasileira*



ENTRE LAÇOS E DESENLAÇOS: UMA ANÁLISE DA POLIGAMIA COMO METÁFORA SOCIAL E CULTURAL EM *NIKETCHE* DE PAULINA CHIZIANE

Anne Marylin da Silva Santos (UERJ)

O objetivo deste trabalho é analisar a representação da poligamia na obra *Niketche* da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Utilizando uma abordagem interdisciplinar que combina literatura comparada e estudos de gênero, busca-se compreender como a obra aborda a complexidade das relações poligâmicas no contexto africano. Empregaremos na metodologia uma análise textual qualitativa da obra *Niketche*, complementada por uma revisão bibliográfica de estudos anteriores sobre literatura africana e poligamia. Entrevistas e testemunhos também são utilizados para contextualizar a obra dentro da realidade social de Moçambique. A obra *Niketche* de Paulina Chiziane apresenta uma visão complexa da poligamia através da protagonista, Rami. A personagem não é apenas uma vítima passiva das circunstâncias, mas uma mulher que busca entender a poligamia e o que ela representa em seu contexto cultural e pessoal. Rami enfrenta a poligamia inicialmente como uma forma de subalternidade, uma imposição patriarcal que a relega a uma posição inferior na dinâmica familiar e social. No entanto, à medida que a narrativa avança, ela começa a encontrar nuances na sua experiência. A poligamia, embora estruturada em um sistema patriarcal, também oferece a ela e às outras esposas uma espécie de autonomia. Elas formam

uma rede de apoio e colaboração, uma comunidade dentro da comunidade, que lhes permite exercer algum grau de poder e influência. Essa dualidade na representação da poligamia em *Niketche* reflete a complexidade da própria prática, que não pode ser facilmente categorizada como meramente opressiva ou libertadora. Ela é, em vez disso, um sistema complexo de relações que oferece tanto desafios quanto oportunidades para as mulheres envolvidas. Os resultados indicam que *Niketche* desafia as noções convencionais de poligamia, apresentando-a não apenas como uma prática patriarcal, mas também como um sistema complexo que pode oferecer certas formas de empoderamento para as mulheres envolvidas.

Palavras-chave: Poligamia. Literatura Africana. Paulina Chiziane. Estudos de Gênero. Moçambique.

FILOSOFIAS AFRICANAS EM *ROTEIRO PARA AÏNOUZ*, VOL. 2

Beatriz Lima do Prado (PUC)

Em contexto brasileiro, a canção, entendida neste trabalho como literatura expandida (MAIA, 2019), é uma das expressões artísticas de maior caráter contra-hegemônico, seja pela sua capacidade de capilarizar-se em diferentes esferas sociais, seja por seu papel como plataforma de denúncia pelas classes alvejadas pelo Estado – pensemos no samba, na MPB que serviu de oposição categórica à ditadura, e, evidentemente, no rap. Mas, se conserva caráter acusatório, também configura-se como espaço propício para almejar e construir cenários de reumanização. O presente trabalho analisa a canção como potência criativa, onde é possível especular alternativas contra a condição colonial que, apesar de ganhar novas roupagens, ou ainda, pretender-se invisível sob os mitos de cordialidade, estrutura o que convencionamos chamar de Brasil. Para tanto, será objeto de análise o álbum *Roteiro Para Aïnouz*, vol. 2 (2021), do rapper Don L, que, ao longo de sua linha narrativa, compromete-se com um projeto radical de nação. Através de valores afro-civilizatórios brasileiros (TRINDADE, 2005), é proposta uma revolução popular baseada no sentido de coletividade, no resgate da memória sequestrada no registro da história ocidental e na sabedoria ancestral. Nesse sentido, busco entender como essa dialoga com as filosofias africanas *ubuntu*, dos grupos étnicos ndebele, swati, xhosa e zulu, que ensinam que um ser o é em sua totalidade quando ciente de que faz parte de um todo maior (NOGUERA, 2012), e *sankofa*, dos

povos Akan, que afirma a necessidade de retornar ao passado, para, através do seu reconhecimento, ser possível construir um futuro (NOGUERA, 2019). Diante do exposto, evidencio que o intento desta pesquisa é pontuar a canção como forma literária poderosa na disseminação de discussões insurgentes – e urgentes – no campo artístico. Ademais, através da análise de *Roteiro Para Aïnouz*, vol. 2, busco expor o valor do fôlego cultural africano nos modos de (re)criar modos de vida (NJERI, 2020), diante de um cenário em que ambicionar outra realidade se faz essencial para manter viva nossa força vital.

Palavras-chave: Canção. Roteiro Para Aïnouz, vol.2. Filosofias Africanas.

“LITERATURA NEGRA VEM COM A FORÇA DO QUILOMBO”: ESCRIVÊNCIA COMO CHAVE DE LEITURA PARA O ONTEM, O HOJE E O AMANHÃ

Iuri da Silva Gomes (USP/FAPESP)

Esta comunicação visa apresentar os resultados de uma produção ensaística desenvolvida no âmbito de uma disciplina cursada em nível de pós-graduação, intitulada “Escrivência: sujeitos, lugares e modos de enunciação”, vinculada à Pró-reitoria de Pós-graduação e o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP), e ministrada pela Profa. Dra. Maria da Conceição Evaristo de Brito. Trata-se de uma proposta que chama a atenção para os aspectos envolvidos nas tessituras das escrituras literárias, sobretudo do projeto literário da escritora Conceição Evaristo (1996, 2016, 2017, 2020, 2021, 2022) à luz das contribuições do pensamento da historiadora brasileira Beatriz Nascimento (2021, 2022) sobre a ideia de quilombo como conceito simbólico para a leitura de processos de resistência e um autêntico exercício de uma práxis negro-libertadora, que buscou em África seus referenciais. O conceito de escritura será abordado da seguinte maneira: (1) como chave de leitura do ontem, abordo o potencial do termo em borrar imagens e compreensões reducionistas da vida e vivências de negras/es/os; (2) como chave de leitura para o hoje, escolho analisar a escritura como denúncia das mazelas e restos coloniais, partindo de uma reflexão sobre o processo de elaboração dessa denúncia, o que me faz ponderar sobre a função da pessoa

escritora e de seu processo criativo; por fim, (3) como chave de leitura para o amanhã, elaboro um comentário-desejo para que a escrevivência não saia de nossos horizontes e para que não percamos de vista a dimensão do coletivo em nosso saber/fazer. Por fim, destaco que a aproximação do conceito de escrevivência à leitura dos quilombos feita por Beatriz Nascimento revela que esses termos-símbolos são verdadeiros agentes e agenciadores de condutas. Quilombo e escrevivência são artes de fuga que subvertem discursos e criam modos outros de existência, são fugas e rotas de fuga do malfadado texto moderno.

Palavras-chave: Escrevivência. Africanidades. Literatura negro-brasileira.

NEI LOPES: UM SAMBISTA, DICIONARISTA, PESQUISADOR DA AFRODIÁSPORA NA ACADEMIA DE LETRAS

Nathália Augusto Pereira (UERJ)

Esta comunicação corresponde a um dos caminhos da pesquisa de Doutorado, em curso, acerca da obra poética do dicionarista, pesquisador da diáspora africana no Brasil, compositor de sambas e jingles, ficcionista e intelectual negro Nei Lopes, mais especificamente na sua antologia *Poética* (2014). Reunindo mais de trezentas letras de música, o livro *Academia de letras, Nei Lopes*, organizado por Nei Lopes e Marcus Fernando, lançado em 2022, pela editora Contracorrente, conta a história de cada uma das canções e da trajetória de Nei Lopes ao longo de seus 80 anos de idade e 50 anos de carreira, através do acesso à letra, há uma espécie de glossário, comentários e curiosidades do próprio Nei Lopes sobre a composição. A metodologia deste trabalho compreende a apresentação do livro, a interpretação da capa, do título e de outros elementos e a seleção de algumas das letras, tanto composições apenas de sua autoria quanto parcerias, que evidenciam marcas de um trabalho voltado para as referências afrodiáspóricas através da linguagem e da musicalidade. As letras selecionadas para apreciação nesta comunicação serão, inicialmente, “A Epopeia de Zumbi”, “Maracatu nação do amor (April Child)”, com Moacyr Santos e “Chorando baixinho”, com Abel Ferreira e Leonardo Bruno. O título desse livro convoca os leitores para o diálogo que compreende o cruzamento da tradição da pesquisa acadêmica na área de Letras, Linguagens

e Literatura e da tradição do velho samba, cujos compositores formavam uma “academia”, o que pode ser observado no nome da escola de samba Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, com a qual Nei Lopes possui um longo relacionamento, tendo sido membro da ala de compositores. Em suma, a trajetória de Nei Lopes na poesia, como letra de canção ou como poema de papel, por sua qualidade, quantidade e diversidade estética indicam que o seu estudo tem muito a contribuir para as pesquisas acerca da linguagem, da literatura e de seus diálogos.

Palavras-chave: Literatura. Autoria negra. Nei Lopes. Poesia. Samba.

TRÂNSITOS INTERARTES: POÉTICAS DO CORPO NEGRO EM OBRAS DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA E ROSANA PAULINO

Ariane de Andrade da Silva (UERJ/CAPES)

Esta comunicação, na esteira de minha pesquisa de doutorado em andamento, propõe-se a discutir de que formas as múltiplas experiências do corpo negro são abordadas nas narrativas de Djaimilia Pereira de Almeida em diálogo com as obras de Rosana Paulino. Em suas produções, é possível perceber uma discussão intimamente ligada às corporalidades negras e às complexidades envolvidas no trânsito de pessoas entre Brasil, Portugal e Angola. Djaimilia nasceu em Luanda (Angola), em 1982, e migrou para Portugal ainda na infância, cresceu nos subúrbios de Lisboa e, hoje, reside na capital. No âmbito das relações entre Portugal e Angola, a autora realiza o exercício artístico de inscrever o corpo negro na cidade e de pensar as possibilidades de regulação e exploração a que esse mesmo corpo é submetido. A centralidade do corpo negro também pode ser percebida nas obras da artista visual brasileira e doutora em Artes visuais pela USP, Rosana Paulino. A artista elabora sua crítica às relações raciais contemporâneas por meio de instalações, exposições e molduras, numa gama diversa de materialidades, tanto em séries como “Bastidores” (1997), como também em exposições, de que são exemplos “Atlântico Vermelho” (2017) e “A costura da memória” (2018). Obras como a peça “Ainda a lamentar” (2011), por exemplo, deixam em evidência um corpo negro que, mesmo repleto de dolorosos passados, mantém firmes os seus

passos. Assim, é possível afirmar que tais produções lançam luz às relações coloniais ainda presentes na contemporaneidade. Por isso, pretendemos analisar de que formas os corpos negros protagonistas dessas narrativas artísticas rediscutem o passado e reconfiguram criticamente os espaços por onde circulam, numa ótica que reposiciona identidades e faz frente a estruturas de poder e invisibilidade. Para tanto, esperamos articular as discussões teórico-críticas de Franco (2021), Henriques (2018), Jorge (2021), Kilomba (2019), Mata (2018), Mbembe (2019), Peralta (2019).

Palavras-chave: Djaimilia Pereira de Almeida. Rosana Paulino. Corpo negro. Espaços de trânsito. Perspectivas interartes.

Eixo 3

*A experiência urbana na
literatura: as possibilidades de
ler e descrever as dinâmicas
em sociedade*



A EXPERIÊNCIA DA CIDADE CONSTRUÍDA PELA RELAÇÃO COM O SUJEITO: A “SÃO PAULO” DE ANA MARTINS MARQUES

Philippe Barcellos Barros (UFRJ)

O seguinte trabalho tem como objetivo entender as possíveis relações estabelecidas entre o eu lírico e a cidade e como o contato entre os habitantes pode influenciar essas relações. Para isso, será analisado o poema “São Paulo”, de Ana Martins Marques, publicado no livro *Da arte das armadilhas* (2011), no qual o eu lírico busca definir algumas questões e pontos característicos do meio urbano, como as marcas deixadas pelo veneno, o quanto está distante de um passado de pureza e como a experiência da cidade supera a cidade. Entretanto, a estrofe final revela que o vínculo que o eu lírico tem com a cidade passa pela relação dele com uma pessoa que já amou. Para entender como esse processo ocorre, são necessários os pressupostos teóricos James Hillman, psicólogo americano que, no livro *Cidade e alma* (1993), fala da necessidade de devolver a alma ao mundo a fim de curá-lo e, conseqüentemente, curar seus habitantes. Nesse viés, seria necessário ver o meio urbano como um ser vivo com o qual o ser humano pode se relacionar e criar conexões de afeto, sejam afetivas ou de afetação. Nessa linha de raciocínio, o antropólogo Marc Augé, em seu livro *Introdução a uma antropologia da sobremodernidade* (1992), fala sobre como essas mesmas relações de afeto constroem a noção de Lugar, espaço no qual essas conexões são possíveis, e de Não-Lugar, espaços que não as permite. Dessa maneira, fica nítido

que todos os elementos expostos nas três primeiras estrofes do poema são direcionadas à cidade e ao indivíduo, reforçando o fato da relação do eu lírico com a cidade passar pelo vínculo sentimental. Logo, São Paulo ganha alma ao tornar-se um espaço que guarda experiências que superam sua própria espacialidade, assim como alça ao posto de “Lugar” a partir de uma experiência de afetação, isto é, o eu lírico ainda lembra-se do antigo romance, mas a antiga paixão não se lembra dele.

Palavras-chave: Cidade. Experiência. Relação de afeto. Lugar. Poema.

A FLÂNERIE DE JOSÉ DE ALENCAR E JOÃO DO RIO – APROXIMAÇÕES E DISSONÂNCIAS

Fernanda D'Alessandro Bittencourt Limani (UERJ/FAPERJ)

O presente trabalho pretende aproximar as obras dos autores José de Alencar e João do Rio no que diz respeito à *flânerie* e às crônicas, que são fruto desse processo criativo. Ambos, em seus respectivos tempos, percorreram as ruas do Rio de Janeiro e descreveram o espaço carioca para o leitor de suas obras. Enquanto José de Alencar registrou a paisagem do Segundo Reinado e os costumes da época, João do Rio narrou a construção da modernidade carioca e os conflitos da *Belle Époque*. Por situar seu leitor na perspectiva do caminhante e por registrar essa observação *in loco*, eles são importantes para o estudo sobre o nascimento e o desenvolvimento da crônica no Brasil. Para tanto, serão examinados trechos de crônicas nas quais, inclusive, o termo *flânerie*, importado do francês, faz-se presente. Obras dos dois autores e pesquisas anteriores sobre o tema servem de parâmetro para a construção desta análise. Além disso, pretende-se demonstrar que Alencar, apesar da imagem romântica da maior parte de sua produção, apresenta veia bastante informativa e crítica enquanto folhetinista e que, a despeito das diferenças que separam os autores, há pontos de aproximação latentes.

Palavras-chave: Flânerie. Flâneur. José de Alencar. João do Rio. Rio de Janeiro.

A MULHER QUE VAI E A MULHER QUE ESPERA: UM MAPEAMENTO SOBRE CORPO, TRAJETO E VIVÊNCIA EM *OUTROS CANTOS*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Janaína Monteiro (UERJ)

Este trabalho tem o objetivo de analisar a experiência de trajetória espacial da protagonista do romance *Outros Cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende. Para tal demonstração, importou verificar o habitar e o deslocar da personagem principal, de nome Maria, em contraste com outras personagens mulheres apresentadas no enredo. A partir de uma voz narrativa em primeira pessoa que localiza a protagonista dentro de um ônibus em direção ao município de Olho d'Água para uma revisitação, surge o relato de rememoração da primeira visita de Maria a esse mesmo município sertanejo quarenta anos antes, portanto, é por meio do deslocamento físico, das paradas que o ônibus faz, das observações pela janela, da subida e descida de passageiros, que a personagem principal relembra sua estadia naquele canto do sertão, formando, assim, uma dupla trajetória, uma no presente e outra lembrada a partir do presente. Desse entrosamento de relatos no tempo sobre trajetos, passeios e moradas buscamos investigar as dinâmicas entre o corpo da mulher e o espaço público, sendo fundamental a compreensão de corpo e espaço como um conjunto de materialidades, como explica Leslie Kern (2021) e Lauren Elkin (2022). E mais, interessou, também, para além dessa observação da interação sujeito-espaço dentro do romance, discorrer sobre a relação entre o sujeito e os outros

indivíduos que compartilham esse espaço, para isto nos guiamos no que Jean-Paul Sartre (2008) postula sobre a importância do Outro nas relações humanas, a pesquisa evidencia, dessa forma, que esse conjunto panorâmico acerca das questões sociocomportamentais atravessam a personagem principal formando um trajeto particular que ela usa como mapa-guia de vida.

Palavras-chave: Experiência urbana. Mulheres. Sertão. Outros Cantos. Maria Valéria Rezende.

ÀS VEZES ELES VOLTAM PARA NOS ASSOMBRAR: UMA ANÁLISE SOBRE O MAL EM “O GATO PRETO”, “O CORAÇÃO DELATOR” E “O BARRIL DE AMONTILLADO”, DE EDGAR ALLAN POE

Marcella Cotta Matos (UFRJ/UERJ)

O objetivo deste trabalho, que está em fase inicial, é analisar os contos: “O Gato Preto”, “O Coração Revelador” e “O Barril de Amontillado”, de Edgar Allan Poe e compará-los levando em consideração “A Questão Maligna” e como os assassinatos, a monomania e o encarceramento são temas recorrentes nas obras de Poe citadas anteriormente. Além disso, será utilizado o conto “O Demônio da Perversidade”, obra em que Poe antecipa questões sobre a natureza humana que seriam discutidas anos depois pelo psicanalista e neurologista Sigmund Freud em seu artigo intitulado “O Eu e o Id”. Entretanto, antes de conceituar o mal a partir de uma perspectiva freudiana do século XX ou de apresentar como o mal aparece nos contos poenianos do século XIX, é necessário mergulhar nas origens (ou no passado) desta entidade na literatura americana a partir de estudos sobre o gótico. Por isso, como ponto de partida da minha análise, utilizei o conto “O Jovem Goodman Brown”, de Nathaniel Hawthorne, que traz a questão de como os puritanos enxergavam a floresta como sendo um lugar diabólico e morada de seres maléficose como as bruxas. Para eles, as bruxas praticavam feitiçaria e possuíam a sua magia associada a Satã. Ademais, há uma antiga crença popular sobre a capacidade das bruxas de se transformarem em

gatos pretos como Poe citou em “O Gato Preto”. No conto, o narrador monomaníaco vê o gato preto como um símbolo do Mal que precisa ser extirpado e, durante uma tentativa falha, assassina a sua esposa. A fim de esconder o corpo, o narrador decide emparedá-la. Outra história de Poe que também é narrada por um homem não identificado que fica obcecado não por um gato, mas por um olho é “O Coração Delator”. Nesse conto, o narrador diz que o idoso que morava com ele possuía um Olho Maligno e que embora ele não odiasse o velho, a partir do momento em que a ideia surgiu em sua mente, foi impossível esquecê-la. Então, o narrador mata o idoso e desmembra o corpo a fim de escondê-lo embaixo do assoalho do quarto. No último conto analisado, “O Barril de Amontillado”, Montresor deseja vingar-se de Fortunato e, para isso, atrai a vítima até a sua adega sob o pretexto de experimentar um vinho raro. Aproveitando-se da embriaguez de Fortunato, Montresor o acorrenta e sela para sempre a vítima de sua obsessão por detrás de uma parede de tijolos e argamassa.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe. Gótico. Psicanálise. Freud. O Mal.

CAMINHAR COM CLARICE: O ESPAÇO URBANO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

Otávio Praseres Alves de Moura (UERJ/CAPES)

As discussões sobre a constituição de sujeitos e produção de sentidos são inúmeras e cada vez mais urgentes, tornando perceptível uma mudança de olhar sobre as demandas da reflexão contemporânea no meio acadêmico. Tais mudanças estão relacionadas, sobretudo, à necessidade de atualização e reavaliação dos enfoques teórico-metodológicos aplicados às análises, principalmente por termos a nossa disposição uma gama de teóricos atuantes na cena da crítica e por suas profícuas condições, tanto poéticas quanto analíticas, de pensar a contemporaneidade sem a preocupação do princípio positivista de necessário distanciamento do observador em relação ao objeto analisado. Mais do que isso, consideramos, ainda, não a fixidez, mas o rodízio de postos de observação e escuta privilegiados com as respectivas funções entre as partes envolvidas no processo analítico. Sendo assim, a partir da leitura do conto “Perdoando Deus”, de Clarice Lispector (1923-1977), este estudo propõe refletir sobre como o espaço afeta e influencia nossa leitura e de que maneira a experiência estética se dá articulando essa inter-relação. Para tanto, serão analisados alguns elementos do conto (MOISÉS, 2006) para observarmos como os espaços e as circulações dos personagens entre eles incidem na elaboração de subjetividades combinando a nossa presença com a do outro (RICOEUR, 2014) – este outro podendo

ser, inclusive, um ser não humano. A cidade, que atravessa temporalidades diversas neste espaço contemporâneo de mundo (RUFFEL, 2014), nos apresenta e permite inúmeras formas de análises, em que, dentre elas, identificamos e nos deteremos sobre as formas de estar, ver o outro e a nós mesmos. Tais reflexões foram possibilitadas graças aos estudos sobre o espaço na literatura (REUTER, 2004; BRANDÃO, 2013) e sobre o espaço em Clarice Lispector (FUKELMAN, 2015).

Palavras-chave: Clarice Lispector. Espaço. Experiência literária. Contemporaneidade.

CIDADE, COLAGEM, IMAGEM: O TEXTO DESCRITIVO NA OBRA *ENQUANTO OS DENTES*, DE CARLOS EDUARDO PEREIRA (2017)

Santinie Estevão Soares dos Santos Antonio (UERJ)

O presente trabalho investiga a presença e o papel do texto descritivo na caracterização das imagens urbanas que se colocam como uma colagem do Rio de Janeiro na obra *Enquanto os Dentes*, de Carlos Eduardo Pereira (2017). O estudo é feito à luz da estilística, ao analisar a expressividade dos recursos linguísticos empregados nas descrições feitas ao longo da narrativa. O texto descritivo é uma importante ferramenta comunicativa e expressiva em obras literárias que exploram o cenário e a experiência urbana. Essa expressividade desempenha um papel fundamental na construção de uma atmosfera vívida e imersiva, acrescentando uma camada a mais de significado ao cenário urbano e ao enredo da obra. Durante a narrativa da obra analisada, acompanhamos as descrições do cenário pelo olhar de Antônio, que está voltando para a casa de seus pais depois de anos morando sozinho, mesmo após o acidente que o tornou cadeirante. A narração aproxima tanto o personagem quanto o leitor da materialidade urbana, com descrições sólidas, permeadas por história, memória e subjetividade, que aludem à construção de uma sociedade que amontoou diferentes pessoas e diferentes construções nos centros urbanos. Tais descrições nas narrativas contemporâneas aparecem retratando a cidade real, aquela que se deseja esconder e que se perfaz como uma

colagem do real, contribuindo para a construção da identidade do cenário do Rio de Janeiro. Os recursos linguísticos empregados são capazes de transmitir as nuances da vida urbana carioca, servindo de lente para as impressões, sensações e percepções do protagonista sobre a cidade.

Palavras-chave: Estilística. Experiência Urbana. Literatura Contemporânea.

CORPO-FRAGMENTO, UM TRÂNSITO NO *COICE DA ÉGUA*

Manuella Lopes Villas (UFRJ)

Mariana Patrício Fernandes (UFRJ)

Este trabalho busca entrever as possibilidades afetivas e relacionais em poemas da contemporânea Valeska Torres (2019), no livro *O Coice da Égua*. Com corpos transformados em membros, em carne, fragmentados e tidos como abjetos, de que modo é possível se relacionar com a cidade e com o sujeito? Em uma relação conflituosa entre corpo e território, entre desejo e nojo, parece estar em evidência nessa obra esse convívio tenso para as mulheres em movimento. Ao pensarmos que, ao longo da história ocidental, essa é a norma que organiza e estrutura a sociedade, o tensionamento pode vir pela desordem. Assim, uma vez que os excessos da cidade e do patriarcado buscam um confinamento, entre o açougue e a feira livre, entre corpos quebrados e sujeitos, como desestabilizar o que é imposto e clamar pela reconfiguração de tudo? Se a modernidade e a experiência urbana fazem esses corpos enfrentarem experiências destrutivas, a recusa aos limites colocados às mulheres e aos seus afetos poderia se dar pelas brechas. A partir de um olhar junto aos feminismos latinoamericanos e da leitura de fragmentos de poesias selecionadas de outros livros de Luiza Romão e Taís Bravo, procura-se analisar a construção de um presente por essa poesia contemporânea brasileira. Além disso, busca-se observar como a poética mobilizada por Torres pode se relacionar com a própria poética da cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, em

diálogo com este tempo em que estamos inseridos e com as histórias catapultadas pelos textos selecionados, será possível traçar caminhos para ler os fragmentos que *O coice da égua* carrega consigo.

Palavras-chave: Cidade. Corpo. Feminismo. Poesia contemporânea brasileira.

COTEJO DOS POEMAS DE *O ENGENHEIRO*, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO, PUBLICADOS NO SUPLEMENTO LITERÁRIO “AUTORES E LIVROS”

Marina Maximiano Ferreira de Souza (UERJ)
Éverton Barbosa Correia (UERJ/FAPERJ)

As modificações textuais presentes nas poesias de João Cabral, que permitem um maior levantamento de seu processo de criação, são pouco exploradas. Para tanto, a primeira etapa consistiu em delimitar o *corpus* da análise. A Hemeroteca da Biblioteca Nacional foi utilizada para buscar poemas publicados antes da edição dos livros, sendo selecionados aqueles encontrados no suplemento literário “Autores e Livros” do jornal “A Manhã”. Ao presente trabalho interessa cotejar os poemas de *O engenheiro* publicados no suplemento, com a coletânea *Poesia Completa*, organizada por Secchin, que supostamente abarca toda a obra poética de João Cabral, publicada em 2020 pela Alfaguara. Durante o Estado Novo, uma nova história da literatura brasileira foi iniciada através do suplemento “Autores e Livros”. Cada edição prestava homenagem a um autor considerado relevante no meio cultural do país, e incluía uma “Antologia da literatura brasileira contemporânea”. É nesta seção que se encontram publicados treze poemas de Cabral. Incluem-se aqui: “A André Masson”, “Espaço jornal”, “Janelas” e “Os manequins”, do livro *Pedra do sono*; e nove que comporiam, até então, *O engenheiro*: “A lição de desenho”, “Os primos”, “A paisagem zero”, “A lição da poesia”, “As profissões liberais”, “O

fantasma”, “A viagem”, “O engenheiro” e “O papel em branco”. Entre esses nove poemas, dois permaneceram inalterados na comparação entre o suplemento e a coletânea, sugerindo a satisfação do poeta com esses textos. No entanto, outros passaram por ajustes substanciais. Essas transformações estão alinhadas com o apelido “poeta-engenheiro” dado a Cabral. Críticos como Antônio Candido e Haroldo de Campos exploram esse “construtivismo”. Para Candido, o poeta concebe o poema como um objeto meticulosamente construído; já Haroldo compara os poemas de *O engenheiro* a construções traçadas com precisão, calculadas no papel.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto. Poesia Brasileira. Crítica Textual. Periódicos Literários.

EXPLORANDO A CARTOGRAFIA SUBJETIVA DA CIDADE: A ERRÂNCIA DE JOÃO DO RIO

Vanessa Medeiros de Lima (UERJ/CAPES)

Este trabalho busca investigar a ação de João do Rio como um cartógrafo da cidade do Rio de Janeiro no período da *Belle Époque* tropical. Com base na análise de Paola Berenstein Jacques (2012), que categoriza João do Rio sob a perspectiva de uma errância que se alinha à *flânerie*, mas transcende os limites da *flâneur* ao expressar uma “sensibilidade etnográfica”, investigamos como as deambulações de João do Rio pelas ruas cariocas influenciaram em sua abordagem literária e construíram uma verdadeira cartografia de um Rio de Janeiro em plena transformação no início do Século XX. O estado de “deriva” da errância é uma experiência radical do andar sem rumo, uma experiência vertiginosa de percursos e passagens. A apropriação do espaço urbano pelo vivenciador através da ação do andar sem rumo, acaba por mapear os diversos comportamentos afetivos diante da nova cidade. Nesse sentido, João do Rio transcende o papel de mero observador, tornando-se um narrador cartógrafo que contribui para a história urbana, refletindo a complexa interação entre corpo, subjetividade e espaço urbano. Além disso, sua obra oferece um importante registro da cidade em mutação, representando uma cartografia dos espaços apagados e rejeitados pelo projeto urbano oficial da *Belle Époque* carioca. Tendo em foco essa história que habita as margens, as fissuras, os desvios e, acima de tudo, o que é itinerante, busca-se analisar

o conjunto de espaços acionados por João do Rio em suas narrativas erráticas. Serão espacializados os pontos visitados e os percursos realizados no decorrer das crônicas do autor através de mapas. Partindo dos deslocamentos do transeunte João-riano observado nos mapas, intenta-se compreender o curso de transformações nos percursos percorridos. Tal aspecto ganha ainda mais importância quando tem-se em vista o Rio de Janeiro, uma metrópole densa e com alto grau de complexidade, sobretudo se comparado às áreas ao redor. As diversas camadas espaço-temporais que se sobrepõem na cidade lhe atribuem sua complexidade e suas relações se tornam ainda mais explícitas quando mapeadas.

Palavras-chave: João do Rio. Errância. Cartografia. Belle Époque. Rio de Janeiro.

LEITURA LITERÁRIA NO CÁRCERE: A REMIÇÃO DE PENA NA PERSPECTIVA HUMANIZADORA

Karline Lima de Carvalho (UERJ)
Karolayne Cristine Klabin da Silva (UFRJ)

O projeto de pesquisa “Leitura Literária no Cárcere: a remição de pena na perspectiva humanizadora” tem como objetivo analisar as representações do cárcere em narrativas assinadas por presos e presas a partir do referencial teórico formulado pela crítica do testemunho. O interesse pela questão deriva das reflexões construídas no âmbito do projeto de extensão “Leitura, Existência e Resistência – Remição da pena pela leitura” desenvolvido na Faculdade de Letras da UFRJ com o objetivo de colaborar com a remição da pena pela leitura em unidades prisionais do estado do Rio de Janeiro. A pesquisa igualmente busca investigar a constituição de novos sujeitos da enunciação, refletir sobre as representações do sistema prisional brasileiro, analisar os recursos de linguagem no ato de narrar a experiência da privação da liberdade e, principalmente, cartografar os relatos assinados por mulheres presas. Para a obtenção dos resultados esperados, além do uso de uma estratégia de leitura baseada no close reading, será acionado um aporte teórico formado pela crítica do testemunho, dialogando com pesquisadores como Márcio Seligmann-Silva, João Camillo Penna e Jaime Ginzburg. Além deste suporte teórico, a pesquisa também irá visitar o pensamento de teóricos que estudam as prisões e o encarceramento em massa, como Michel Foucault, Angela Davis e Juliana Borges.

Com a realização desta pesquisa busca-se examinar de forma mais atenta formas de enunciação de sujeitos silenciados que denunciam a partir de seus relatos as violências e dinâmicas de opressão que estão estabelecidas no sistema prisional brasileiro. Por se tratar de um projeto de pesquisa vinculado a uma ação de extensão universitária em parceria com a Secretaria Estadual de Administração Penitenciária, ao disponibilizarmos os resultados da pesquisa para os órgãos responsáveis pela gestão do sistema prisional fluminense esperamos produzir uma ação interventiva na gestão destas unidades e construir uma reflexão crítica sobre os mecanismos punição e vigilância vigentes nas unidades prisionais.

Palavras-chaves: Literatura do Cárcere. Leitura. Privação da Liberdade. Narrativas-Testemunho.

MARÉ MONTANTE SOB NÓS: UMA ANÁLISE DO POEMA “TRAVESSIA DA BARCA DO BROOKLYN” DE WALT WHITMAN

Hugo Dias Molina (UERJ)
Vanessa Cianconi Vianna Nogueira (UERJ)

Este trabalho propõe-se analisar o poema inicialmente chamado “Poema do Pôr-do-Sol”, publicado no volume de 1856 de *Folhas de Relva*, do autor nascido no Brooklyn Walt Whitman, posteriormente renomeado “Travessia da Barca do Brooklyn” em 1860. O objetivo principal desta investigação é observar os temas presentes no poema à luz do estilo e dos temas preferidos do autor assim como a sua relevância a partir da época de sua publicação até os dias de hoje. Será proposto, por exemplo, comentar os assuntos apresentados a cada estrofe e verso, em comparação e contraste às outras estrofes e versos. Para tanto, excertos de *When Brooklyn Was Queer: A History (Quando Brooklyn era queer: uma história*, ainda sem tradução no Brasil), do autor de história queer Hugh Ryan, principalmente para destacar a sexualidade e identidade de gênero, e a introdução de Malcolm Cowley de 1898 para *Folhas de Relva* além de outras obras críticas sobre o autor e o poema para discutir alguns de seus aspectos literários. Sobre o livro, propõe-se também esclarecer alguns detalhes de sua primeira publicação no dia da Independência dos Estados Unidos de 1855 através de esforços feitos pelo próprio autor e da cópia enviada a um de seus ídolos e admirador a partir de então, o transcendentalista Ralph Waldo Emerson, que recebeu uma cópia e escreveu uma

carta expressando sua admiração pelo trabalho, que Whitman foi ousado em afirmar ser um exemplar do que Emerson chamou em seu ensaio “O Poeta” de 1844 o “poeta verdadeiro” da experiência americana. Assim como outros poemas de sua obra-prima, Walt escolheu criar um eu-lírico que descreve o que vê. E aqui, o que ele vê é a barca atravessando de Brooklyn até Manhattan e os seus passageiros. Este eu-lírico reflete sobre o seu próprio presente e o passado e presente das pessoas a bordo da barca no momento e das pessoas que ainda atravessarão a baía no futuro.

Palavras-chave: Walt Whitman. Travessia da Barca do Brooklyn. Folhas de Relva. Poesia Estadunidense. Literatura Queer.

MASSA ENCEFÁLICA GRUDADA NA PAREDE: O CRONOTOPO VIOLENTO EM RUBEM FONSECA E EM PATRÍCIA MELO

Leonardo Freitas de Carvalho (UERJ/CAPES)

Não é absolutamente nenhuma novidade o fato de que os espaços urbanos são frequentemente destacados diante de enunciações descritivas e expositivas nas obras em geral de Rubem Fonseca e de Patrícia Melo, em muitas situações pendidas, inclusive, a tons de denúncia, embora apresentem muito mais do que isso. Sobre esses dois autores, é notável que, ao menos na maior parte dos casos, a urbanidade é colocada em evidência à luz de tonalidades agressivas, sobre as quais, por meio de diferentes estratégias linguísticas, em especial através das adjetivações das descrições e do foco volumoso sobre as informações veiculadas em enunciados informativos ou expositivos, os narradores pessimistas compostos por ambos os escritores constroem *cronotopos* violentos em demasia e, em muitos casos, até mesmo *incômodos* devido ao altíssimo grau de agressividade enunciativa. Pretendemos, então, como partes que representam um todo, avaliar algumas passagens de dois romances, um de cada escritor citado, *Agosto* (1991), obra-prima de Fonseca, e *Ladrão de Cadáveres* (2010), decerto uma das narrativas mais apreensivas e conhecidas de Melo. Interessa-nos, principalmente neste trabalho, analisar a *forma* como a dupla desenhou os centros urbanos, tão importantes para o desenvolvimento das estilísticas policialescas das suas letras, nas suas respectivas obras e entender como esses espaços podem ser colocados em

diálogo entre si, lembrando que a autora brasileira tem como sua principal referência justamente o autor em questão. Para que a nossa leitura ganhe em profundidade no momento da análise, apoiar-nos-emos principalmente em duas linhas críticas e teóricas: uma delas é a do italiano Franco Moretti e o seu debate sobre os adjetivos de *descrição* e os de *avaliação*, e a outra é a do russo Mikhail Bakhtin sobre o heterodiscurso (em suma um sistema diversificado de vozes e de discursos) como *specificum* da prosa romanesca.

Palavras-chave: Espaço Urbano. Violência. Heterodiscurso. Rubem Fonseca. Patrícia Melo.

NAS SOMBRAS, A LIBERDADE: A CIDADE À NOITE COMO ESPAÇO DE CORPOS E PRÁTICAS TRANSGRESSORAS

Igor Mateus Alves Rodrigues (UERJ)

Certos corpos e suas atividades não são aceitos como parte da paisagem urbana burguesa. As figuras da travesti e do homossexual são dois bons exemplos dessa exclusão da vida urbana “comum”. Consideradas desviantes da norma burguesa e patriarcal de comportamento, essas identidades foram, e são, sistematicamente barradas e enxotadas de espaços considerados como pertencentes apenas à população cis-heteronormativa (e, preferencialmente, branca), seja através do aparato estatal como a força policial, seja através de pura censura e pressão social. Como, então, esses indivíduos fazem para contornar esse apagamento de sua presença do espaço urbano, apesar de já fazerem parte dele (graças a inevitabilidade de suas existências)? O intuito deste texto é, então, mostrar a forma como a cidade à noite é literariamente representada como um campo que possibilita a movimentação livre ou, mais precisamente, menos restrita de corpos transgressivos que não se conformam com o parâmetro de existência do sistema cis-heteronormativo, conferindo, assim, mais liberdade para, através de exploração de identidades e práticas sexuais consideradas divergentes do padrão, a criação de espaços *queer* públicos e privados que desafiam a hegemonia patriarcal e causam fissuras na imagem da cidade burguesa e “respeitável”. Para este fim, serão empregadas as obras *O Parque das Irmãs Magníficas* (2021), da autora Camila

Sosa Villada — sobre as travestis do Parque Sarmiento e suas vidas brutais e sublimes —, assim como a crônica *Anacondas en el Parque* (2004), de autoria de Pedro Lemebel — sobre os encontros sexuais que ocorrem entre homens num parque à noite. Verá-se, pois, que a noite, devido aos arquétipos ligados a ela no imaginário humano, se torna, em um processo simultaneamente voluntário e forçado, parte quase intrínseca dessas identidades e experiências que encontram nela liberdade para ser.

Palavras-chave: Literatura queer. Temporalidades. Espaço literário. Literatura urbana. Arquétipos da noite.

O CAMINHAR DE OSÉIAS PARA A MORTE: MAL-ESTAR E ESPAÇO URBANO EM *O VERÃO TARDIO*, DE LUIZ RUFFATO

Pedro Barbosa Rudge Furtado (UNICAMP/FAPESP)

Intencionamos, nessa comunicação, estabelecer as relações entre o mal-estar de Oséias, protagonista do romance *O verão tardio*, de Luiz Ruffato, e o espaço urbano, que reforça a grave melancolia do personagem principal. Os trajetos percorridos por Oséias – a sua peregrinação para a morte – são preenchidos pelo esforço e pela infernalização do espaço. Ele está sempre exausto, dolorido, muitas vezes com sede, outras nauseado e sente o outro muitas vezes antipático e inclemente a si, como o calor de Cataguases. Para estudarmos o nexos entre o complexo emocional de tal personagem e o agravamento de seus sintomas físico-psíquicos na cidade, fazemos uso, respectiva e principalmente, de *Luto e melancolia*, de Sigmund Freud (2019), *A tinta da melancolia*, de Jean Starobinski (2016), *Caminhar: uma filosofia*, de Frédéric Gros (2008), entre outros. Além disso, verifica-se como aspecto fundamental de embasamento estudos acerca do romance contemporâneo brasileiro, como *Ficção brasileira contemporânea*, de Erik Schøllhammer (2009), e artigos que baseiam a fortuna crítica deste romance, como “Descaminhos e desesperança: o Brasil de Luiz Ruffato em *O verão tardio*”, de Enio Passiani (2020). A partir de tal aporte teórico, é possível depreender que os sentimentos de fracasso e culpa do melancólico Oséias provocam a percepção, conjuntamente e, sobretudo, com a doença que o assola e

o intuito final da travessia, de um mundo infernal através da sondagem hipersensível das diversas sensações corporais; da visão, quase sempre embaçada, é percebido o caos da cidade e a opacidade do campo, da audição, o barulho, do toque, a sujeira, do paladar, a insipidez da comida e do olfato, o fedor. Da sua caminhada degenerativa – “Caminhar, caminhar, caminhar... Como se resolvesse” (RUFATTO, 2018, p. 120) – evidencia-se a totalização do desencanto, alimentada também pela falta de conforto no adeus à família e aos conhecidos que encontra.

Palavras-chave: Mal-estar. Espaço urbano. Melancolia. Luiz Ruffato. O verão tardio.

O CORPO FEMININO NA CIDADE NA OBRA DE IRENE LISBOA

Marina Otero Lemos Silva (UERJ/CAPES)

No final do século XIX, as mulheres começam a ganhar espaço nas cidades; mesmo assim, a mulher, de certa forma, ainda é relegada a determinados locais, considerados próprios para sua circulação, em geral vistos como espaços de sociabilidade feminina, em geral o interior dos lugares e os semipúblicos, como lojas, cafés. Em Portugal, o regime ditatorial do Estado Novo abarcou os anos de 1933 a 1974, ano em que ocorreu a Revolução de 25 de Abril, e mesmo sob um governo de forte censura, Irene Lisboa publicou sua obra de 1926 a 1966. Durante esse período, a diferença de gênero em Portugal não está ligada somente a uma questão histórica e cultural, mas à lei institucionalizada pela Constituição de 1933; assim, as mulheres são, mais uma vez, relegadas ao ambiente doméstico para cumprir as funções que lhe cabem segundo o Estado: esposa, mãe, “fada-do-lar”. Nos livros *Esta cidade!* e *Um dia e outro dia...: diário de uma mulher*, de Irene Lisboa, sob o pseudônimo masculino João Falco, é possível se deparar com uma sorte de mulheres que vivem e transitam na cidade de Lisboa, incluindo mulheres de diferentes classes sociais, em especial as de origem menos abastada. É importante, portanto, analisar como Irene Lisboa retrata essas mulheres na cidade mesmo com o panorama sociopolítico em que se insere na época da publicação dos livros – o livro de narrativas curtas *Esta cidade!* em 1942, mesmo os contos tendo sido lançados desde 1939 na revista *Nova Seara*, e o livro de

poemas *Um dia e outro dia...: diário de uma mulher* no ano de 1936.

Palavras-chave: Espaço urbano. Literatura portuguesa. Literatura de autoria feminina.

O ESPAÇO DUAL EM *NOTURNO DO CHILE*, DE ROBERTO BOLAÑO

Cristiane Soeiro Cunha Gomes (UFRJ/CAPES)

O presente trabalho pretende investigar a construção dos espaços no romance *Noturno do Chile* (2004) de Roberto Bolaño, ambientado na segunda metade do século XX no Chile. Publicado originalmente em 2000, o livro é narrado em primeira pessoa por Sebastián Urrutia Lacroix, padre, poeta e crítico literário. Em uma noite de delírio por uma febre alta, o personagem revisa os momentos mais importantes de sua vida. Urrutia está no leito de morte e decide rememorar acontecimentos e ações que, segundo ele, justificariam sua história como um forte apoiador do fechamento político promovido por Pinochet. Como aponta Aguilar (2010), tal regime instaura espaços específicos e ocultos, que invadem os lugares cotidianos e comuns, contaminando o ritmo do normal e solapando-se no conhecido. Deste modo, os espaços urbanos adquirem uma lógica sinistra, todo lugar pode resultar suspeito ou cúmplice. Esta nova disposição espacial pode ser um centro clandestino de detenção, o porão de uma casa ou uma cidade inteira. Assim, esses espaços não estão apartados e distantes da ordem social, pelo contrário, entrelaçam-se com a sociedade, que não é alheia às práticas do poder totalitário. Na obra em questão, os limites entre vítimas e algozes tornam-se difusos e ambíguos, onde a paralisia ou a cumplicidade expõem uma sociedade anestesiada, marcada pelo silêncio e a imobilidade. A fazenda *Là-Bas de Farewell* e a mansão de *María Canales* são locais que, por um lado, se apresentam como normais

e cotidianos, por outro, podem ocultar sua convivência com a arquitetura do terrorismo de Estado. São dois lugares artísticos, representados como esferas alheias ao político, onde ocorrem episódios que denotam o horror. Através de oposições, como impuro/puro, sujo/limpo e culpado/inocente, Bolaño mostra os vincos de uma realidade construída. Visa-se, então, acompanhar esses vincos e estabelecer a estrutura interna dual do romance, com base em autores como Aguilar (2010), Martínez (2019) e Simari (2016).

Palavras-chave: Chile. Ditadura Militar. Literatura Contemporânea. Memória. Espaço Urbano.

POESIA VERBALISTA URBANA: POESIA E REDEMOCRATIZAÇÃO NO RIO DE JANEIRO DOS ANOS 1980

Marcelo José Ribeiro Vieira (UERJ/CAPES)

Este trabalho tem como proposta central descrever e avaliar o caráter *flâneur* de artistas que promoviam eventos poéticos em espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro, na década de oitenta do século passado, período que também ficou conhecido como aquele que deu início ao processo de redemocratização brasileira. Mais especificamente, colocaremos em foco dois movimentos de rua que são bastante simbólicos e que alcançaram o reconhecimento do grande público e do meio artístico: a “Feira de poesia independente”, que atuava propositalmente no maior centro de debates políticos no Rio de Janeiro da época (e de hoje) – a Cinelândia –, e o “Passa na praça que a poesia te abraça”, evento que, sendo itinerante, rodava por várias praças cariocas semanalmente, nos domingos, levando poesia, teatro, música e outras artes a diversas regiões da cidade, preferencialmente às chamadas áreas periféricas do Rio de Janeiro. O presente trabalho possui também como objetivo analisar as representações dessa cidade e de certos personagens que a habitam, em um *corpus* de poemas de alguns dos principais artistas desses dois movimentos que foram escolhidos para nossos estudos. A partir do contato com poetas de gerações anteriores à minha (comecei a atuar no meio poético carioca a partir do ano de 2007), acabei por construir a tese central que defenderei nesse trabalho, a de que, nos anos 1980, os movimentos coletivos de apresentação pública

produziram e disseminaram uma arte de caráter genuinamente *flâneur*. Porém, esses artistas não se restringiram a beber na fonte das ruas para compor seus trabalhos, eles também usavam as mesmas vias públicas para, pessoalmente, mostrar e vender essas suas artes.

Palavras-chave: Poesia oral urbana. Rio de Janeiro. Anos 1980.

RECIFE E SEVILHA: CIDADES DE CABECEIRA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Carlos Eduardo Ferreira de Oliveira (UERJ)

O poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto no volume *A educação pela pedra* (1966) sintetiza, em dois poemas seriados, a sua relação com duas cidades fundamentais em sua poética, a saber, Recife e Sevilha. Os poemas “Coisas de cabeceira: Recife” e “Coisas de cabeceira: Sevilha” arrolam objetos e experiências relacionadas a passagem do poeta nessas duas cidades. Como peças autônomas, os poemas realizam a seleção particular, em síntese, de memórias e objetos que remetem a estes locais-temas. As cidades sintetizadas por seus fragmentos e imagens resultando numa paisagem poética que reclama a estruturação dos significados. Contudo, o tratamento formal aplicado a todo volume, que espelha, classifica, relaciona, duplica, multiplica e localiza os poemas, amplia a recepção dos mesmos como duplo, múltiplos ou série suscitando a possibilidade da comparação e do confronto como possibilidade de leitura dos poemas que se desdobram obsessivamente no volume. A construção do artefato livro se revelará crucial e constitutiva diante do apuro deste poeta, editor de si e de outros. Aplicando a análise formal aos elementos materiais do poema – verso, estrofe e léxico – este estudo pretende reafirmar o rigor construtivo e crítico que João Cabral aplicou em toda a sua poética, além de situar os temas cidade e memória como pano de fundo para o desenvolvimento de sua escritura. A leitura dos poemas dará a ver a importância atribuída a relação entre as cidades citadas

e o modo como se convertem em elemento estruturante da realização estética. Logo, este estudo apontará elementos que permitam estabelecer hipóteses ajustadas à concepção editorial enquanto livro e dos recursos estilísticos aplicados nos poemas na concepção da relação comparativa entre Recife e Sevilha.

Palavras-chave: Recife. Sevilha. Poética. Forma. Série.

REPRESENTAÇÕES CRÍTICAS DO MOVIMENTO EM 3 TEMPO-ESPACIALIDADES

Ghabriel Ibrahim Ermida Tinoco Alves (UERJ/FAPERJ)

A comunicação intenta discutir certas particularidades na representação da relação entre figuras caminhantes e o espaço em que se inserem. Para isso, tomaremos como paradigmática a figura do *flâneur* conforme descrita, sobretudo por Benjamin e Baudelaire, iniciando com uma reflexão acerca de sua consolidação como categoria analítica no confronto entre texto crítico e o texto literário base para as reflexões do autor de *Flores do Mal*: o conto “O homem na multidão”, de Edgar Allan Poe. Interessa, sobretudo, a afirmação de Benjamin que desloca para a cidade de Paris a responsabilidade da “criação” do *flâneur*, subjetivando o espaço urbano e, conseqüentemente, fazendo da figura humana seu produto e objeto. A partir disso, estabeleceremos uma aproximação entre o *flâneur* descrito e a *flânerie* presente no ensaio *Street Haunting*, de Virginia Woolf. Esta aproximação se fará possível a partir da categoria de *fantasmagoria*, regime de visão específico que possui intrínseca relação com o espaço e as circunstâncias históricas de desenvolvimento e consolidação do capitalismo, que por sua vez ensejaram uma nova organização urbana visando melhor circulação de mercadorias. As novas tecnologias de iluminação, fundamentais para o novo modelo de vida urbano, cumprem papel importante na constituição de uma atmosfera fantasmagórica e estabelecem relação dialética com o espaço. A comparação entre *flâneur* e *flâneuse* possibilita uma reflexão

acerca da *flânerie* como um espectro cuja amplitude se exprime entre o movimento e a observação. Por fim, apresentaremos a representação do *cooper* no conto “Cooper da Cida”, de Conceição Evaristo, como uma espécie de *antiflânerie*, evidenciando certos efeitos psicológicos particulares do capitalismo tardio na subjetividade da personagem, sobretudo em sua capacidade de olhar e, no limite, questionando a possibilidade de flânar na contemporaneidade.

Palavras-chave: Flâneur. Cooper. Fantasmagoria. Cidade. Capitalismo.

RUÍNAS DA HISTÓRIA BRASILEIRA NUM POEMA DE ANTÔNIO BOTTO

Oscar José de Paula Neto (UFF/FAPERJ)

A partir da paisagem e dos monumentos do Largo da Liberdade em São Paulo, como a Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados e a estátua do Regente Diogo Antônio Feijó, o poeta português Antônio Botto, radicado no Brasil desde 1947, reflete sobre a história brasileira destacando as violências e as injustiças que ficaram inscritas naquele espaço público. Ainda hoje, a Praça da Liberdade é palco de disputas ideológicas entre diferentes grupos que tentam ressaltar ou apagar a presença da parcela da população negra da história da capital paulista, sobrevivente em poucos indícios que ainda restam soterrados pelas novas feições as quais o bairro ganhou nas últimas décadas do século XX. Assim, as três versões de um mesmo poema, reescrito durante a primeira metade da década de 1950, publicadas primeiro na imprensa e finalmente na versão final em *Fátima – Poema do Mundo* (1955), com o título de “Cântico da Alma Brasileira”, remetem ao passado do Brasil, bem como apontam caminhos para a compreensão do presente e a possibilidade otimista e ufanista do futuro do país. É importante destacar que as diferentes versões do poema apontam os recentes interesses literários que o escritor buscava juntar à sua produção poética desde a década anterior, sobretudo os interesses sociais, políticos e religiosos entrelaçados nos três textos de maneira exemplar, como em parte considerável de sua produção tardia. Desse modo, de acordo com a noção de “lugares de memória”

do historiador francês Pierre Nora (1993), buscamos analisar como Botto, mediante seu olhar de poeta estrangeiro, avalia alguns dos processos de construção da memória social coletiva do Brasil ao buscar refletir alguns acontecimentos históricos relegados ao esquecimento.

Palavras-chave: Poesia Portuguesa. Relações Luso-brasileiras. Paisagem. História do Brasil. Memória.

TENTATIVAS DE UM MUNDO COMUM

Eduardo de Almeida Santos (UERJ)

Uma das questões que tem me atravessado é a de que forma a arte pode operar nas disputas de narrativas e pertencimento? Como o fazer artístico pode potencializar sujeitos que constantemente enfrentam a violência ilegítima do Estado, fome, preconceitos, entre outros fatores – aqueles que são considerados como parte de populações constantemente enquadradas como “destrutíveis” ou “não passíveis” de luto. Ou ainda, consideradas como populações perdíveis ou sacrificáveis, como nos diz Judith Butler em Quadros de Guerra. “Assim há ‘sujeitos’ que não são reconhecidos como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente – ou melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas” (BUTLER, 2015, p. 17). De forma geral, este trabalho pretende apresentar uma tentativa de enfrentamento a isto através das estratégias de visibilidade e pertencimento norteadas por possibilidades da literatura expandida – tanto por narrativas dramatúrgicas como por outras formas de ler e compartilhar a possibilidade literária. Como nos diz Chimamanda “as histórias importam. Muitas histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar” (CHIMAMANDA, 2018, p. 32). Nesta comunicação, três casos e processos de escrita, leitura e performance serão analisados: o processo de mediação de criação literária exercida na disciplina de PIT I durante o primeiro período de 2023, a Web série *Sexo a desconstrução* que trata sobre o processo de transição social e de gênero de um habitante periférico do Rio e o Projeto Literatura

nas casas, que realiza a ação de ler e fazer textos nas casa de moradores periféricos da cidade de Itaguaí.

Palavras-chave: Escrita. Visibilidade. Empoderamento. Literatura expandida. Periférico.

VIRGINIA WOOLF E TONI MORRISON: ENTRE HABITAR E PERTENCER DO CAMPO À CIDADE

Gabriel Leibold (UERJ)

Nesta comunicação, irei investigar a inusitada porém fortuita relação entre as palavras de Virginia Woolf às da laureada escritora norte-americana, Toni Morrison, apontada pela professora e pesquisadora Madlyn Detloff em seu livro *O valor de Virginia Woolf* (2016). Detloff irá concluir dessa conversa entre as duas autoras que “trabalhar com a linguagem de modo que ela prospere é uma responsabilidade comunitária, uma que, por sua vez, mantém a comunidade florescendo” (DETLOFF, 2016, p. 96-98). Nesse sentido, proponho a investigação paralela e interseccional dos romances *Jazz* e *Orlando*, respectivamente escritos por Woolf (1928) e Morrison (1992), mediando os enquadramentos propostos em cada um deles a partir da ficcionalização de dois períodos históricos (em *Jazz*, A Grande Migração nos Estados Unidos e, em *Orlando*, a ascensão de uma classe proprietária de terras na Inglaterra) muito distintos, também habitados por sujeitos muito diferentes entre si. Se, em *Jazz*, a busca por pertencer à cidade grande promete e oprime Joe e Violet, o casal negro de meia idade que investe muito de suas forças para reescrever a narrativa das expectativas depositadas sobre os seus ombros ao migrarem para o Norte, em *Orlando* é o pertencer do artista aristocrata que se coloca em pauta, vocalizado em uma mansão construída sobre a terra comum expropriada dos trabalhadores rurais da Inglaterra e que

agora é habitada por uma subjetividade investida na procura por novos modos de existir neste mundo inglês passando por rápidas transformações.

Palavras-chave: Virginia Woolf. Toni Morrison. Habitar. Pertencer. Materialismo Histórico Dialético.

Eixo 4

*Do contar ao cantar;
entre o dito e escrito: as
contranarrativas como forma
de resistência no cenário
literário e musical*



ALARGANDO OS LIMITES DE MULHERIDADES EM LINN DA QUEBRADA

Orquídea Fernanda Garcia da Silva (UFRJ)
Mariana Patrício Fernandes (UFRJ)

A multiartista Linn da Quebrada nos apresenta canções, performances e performa atividades que compõem um debate de gênero. Focando numa leitura cerrada da música “Talento” (2016), o presente trabalho busca entender que recursos linguísticos são mobilizados na performance da faixa para gerar abalos na produção de sentidos do que se entende por mulheridades. As repetições de palavras e sílabas, as quebras de itens lexicais, as junções de palavras e demais interferências de elementos suprasegmentais compõem o repertório plástico de Lina que geram estranhamentos e operam num plano discursivo e performativo. A ideia de estranho (queer, ou abjeto) tal como visto em *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças* (MISKOLCI, 2016) perpassa aquilo que gera um senso de estranhamento e desafia normas e instituições de poder. Nas performatividades de gênero enxerga-se o estranho (ou abjeto) a partir do deslocamento de algo familiar para um contexto visto como inusitado, tal como a transposição de signos socialmente aceitos e lidos como pertencentes às feminilidades junto a corpos lidos ou designados como masculinos (e vice versa); ou na assimilação daquilo que não é visto como humano, como línguas bifurcadas ou pupilas tingidas de preto, em corpos humanos. Ainda que não seja o foco desta apresentação mergulhar nos contornos e especificidades das variadas experiências

biopsicossociais de gênero, nem se propor a delimitar o que define uma pessoa trans como tal, admite-se como ponto de partida que a artista se enquadra numa vivência travesti, respeitando sua autodeterminação e a recepção pública de sua corpa - termo usado a partir de “Do cílio a navalha: montagem na cena carioca” (VALENTIM, 2019). Recorrendo a um trecho do clipe da música “Talento” (2016), onde travestis falam de suas experiências pessoais ao final da música, pensamos como a tais vivências materializam formas de estar no mundo que atrim com regimes de verdade manifestados na linguagem.

Palavras-chave: Travestilidade. Literatura. Música. Teoria queer.

DIDI E A UNIÃO DA ILHA: ENTRE A MALANDRAGEM, A POÉTICA E A MEDIAÇÃO

Mateus Calheiros Pereira (UFRJ)

O presente trabalho visa trabalhar o legado do sambista Didi na G.R.E.S. União da Ilha do Governador, onde fora compositor de algum dos principais sambas da agremiação, como “É hoje”, para o carnaval de 1982 e escrito em parceria com Mestrinho, e “O amanhã”, de 1978, sendo este último também fruto de uma disputa de autoria dentro da escola. Pretende-se construir uma jornada analítica sobre sua poética dentro destes dois sambas e também entender a questão da disputa de autoria, de forma a entender tal aspecto como um campo de disputa dentro do mundo do samba desde o início do século XX. Quando o samba ainda tinha uma circulação mais restrita à Pequena África, na Região Portuária do Rio, a questão do roubo de autoria se mostrava importante e polêmica, fazendo o sambista Sinhô inclusive cunhar a expressão “samba é que nem passarinho, de quem pegar primeiro”, de forma a contribuir para construir uma fama acerca do mesmo de roubar diversas composições de sambistas daquela região. Portanto, além de se estabelecer paradigmas que ajudem a entender a poética presente nessas duas composições da União da Ilha, faz-se pertinente a compreensão do porquê da autoria ser desde sempre um campo de disputa entre sambistas. Para além disso, também pretende-se entender de que forma Didi se encaixa no arquétipo do mediador, outra figura já bastante trabalhada na literatura acadêmica sobre samba. Considerado um artista

boêmio vide o enredo póstumo da agremiação insulana em sua homenagem (“De bar em bar, Didi, um poeta”, no carnaval de 1991), o trânsito empreendido pelo artista permite não só a compreensão do papel do mediador na história do samba, como também é possível enxergar nele algumas semelhanças ao perfil do malandro historicamente construído por figuras como Noel Rosa, de forma que nos permite entender a importância de Didi para a comunidade insulana. Assim, também será permitido estabelecer uma compreensão sobre a trajetória que o samba construiu desde sua origem na Pequena África até a expansão pelo resto da capital, sendo inclusive exportado como símbolo de brasilidade.

Palavras-chave: Poética. Malandragem. Mediação. Autoria. Samba.

ENTRE DRONES E ANDROIDES: NARRATIVAS CYBERPUNK NA MÚSICA E NA LITERATURA

Julianna de Campos Brêtas Sellmann (UERJ)

Carolina Correia dos Santos (UERJ)

Em 2015, a banda britânica Muse apresentou o álbum *Drones*. Segundo o vocalista e compositor Matt Bellamy, o álbum é “uma metáfora moderna sobre perder a empatia através da tecnologia”. O álbum traz uma narrativa cyberpunk, apresentando uma realidade militarizada, dominada pela tecnologia, que tem por consequência a perda da humanidade e da empatia. A comunicação tem como objetivo apresentar como o gênero cyberpunk pode ser encontrado nas músicas e as relações com outra obra do gênero: *Androides sonham com Ovelhas Elétricas?* de Philip K. Dick. Os paralelos passam obrigatoriamente pela ideia de humano e como podemos questionar e repensar esse conceito dentro de uma sociedade tão dependente da tecnologia e as opressões sistêmicas que os corpos sofrem. Sendo assim, o trabalho utiliza a definição do corpo ciborgue de Donna Haraway em *Manifesto ciborgue* (1985). Ao longo da obra, seguimos o caçador de androides se envolvendo com androides e seu questionamento se estes realmente são incapazes de ter empatia. O álbum, por sua vez, traz músicas como “Dead Inside” e “Mercy”, que trazem o pedido do eu-lírico por uma salvação dessa realidade. Mas é em “Psycho” que somos apresentados ao ponto de vista do dominador, que de início indica que o amor é uma fraqueza e repete que vai quebrar a vítima até torna-la em

uma máquina de matar - um ser tão sem empatia quanto ele, não questionando sobre as atrocidades que é mandado a fazer, somente obedecendo. É possível perceber traços entre as duas obras e a falta de empatia entre elas e como é possível a partir desse ponto explorar o gênero cyberpunk.

Palavras-chave: Cyberpunk. Ficção-científica. Empatia. Música. Tecnologia.

FEMINISMO NO ESTÁCIO: A SUBVERSÃO DOS PAPÉIS DO MALANDRO E DA SUBMISSA NO SAMBA DE ALDIR BLANC E JOÃO BOSCO

Lienne Aragão Lyra (UERJ)

O samba “Feminismo no Estácio”, de Aldir Blanc e João Bosco, remete à malandragem que reinava nas ruas cariocas nos anos 1930 e 1940. Com acidez e ironia, o samba lançado em 1976 narra o lamento de um marido que não consegue impor sua postura de malandro com a própria esposa. Aldir Blanc e João Bosco só fazem alusão ao bairro no título do samba. Conhecendo um pouco mais sobre o bairro do Estácio e o contexto socioeconômico que circunda o Rio de Janeiro entre os anos 1930 e 1970, compreendemos por que o título já é suficiente. O universo da turma do Estácio tem homens da jogatina e da vadiagem, da pernada e da navalha. Os sambas de Ismael, Bide e Marçal e outros refletem uma realidade violenta e na qual as mulheres são alvo de abuso psicológico, exploração financeira e violência física. Por isso, em resposta, vislumbramos a identidade de uma mulher “maior e vacinada”, que não se vale de um feminismo acadêmico e eurocêntrico. Essa mulher, no subúrbio carioca dos anos 1970, passa a oprimir um marido que encarna o malandro histórico, em resposta a séculos de agressões e silenciamento. A análise aqui proposta alia a contextualização espacial e histórica do bairro do Estácio a elementos de letra e música, a fim de identificar possíveis chaves de leitura para a canção de Aldir Blanc e João Bosco. A vocoperformance de João Bosco colabora

para a a visualização de um homem humilhado, ferido em sua “macheza”. Ela também sugere a possibilidade de este ser um homem traído, aquele que não pode em hipótese alguma se admitir “corno”; assim como a possibilidade de que seja ele a vítima de uma agressão doméstica. Os elementos musicais situam a composição na linguagem do samba do Estácio – e o violão de Dino Sete Cordas cria uma linha melódica paralela que dá voz ao discurso da “maior e vacinada”, a “feminista do Estácio”.

Palavras-chave: Aldir Blanc. João Bosco. Vocoperformance. Malandragem. Samba do Estácio.

LETRAS, IMAGENS: PIVA, LAURIANO E MULAMBÖ POR UM OUTRO BRASIL

Gabriel Bustilho Lamas (UFRJ/CAPES)

Em 1935, na França, vendo a ascensão do nazismo pela Europa, unem-se os surrealistas e os intelectuais que se reuniam ao redor de Georges Bataille para formar o grupo *Contre-attaque*, que, como pressupõe o nome, buscava formular um contra-ataque frente ao avanço nazista. Esse contra-ataque, no entanto, não se daria através de armas, e sim no campo ideológico, já que, como postulava o grupo, a potência do nazismo não se encontrava na sua força bélica, mas sim na sua capacidade mitológica. Assim, partindo dessa ideia, o grupo *Contre-attaque* propõe, contra o mito nazista (que pode ser resumido no mito da raça ariana), a formulação de um mito novo, que o combatesse. Se esse projeto, à época, não obteve êxito, nem por isso deixa de nos despertar um interesse ímpar acerca da capacidade que o discurso e a imagem têm de provocar mudanças profundas na sociedade. Então, estipulando como repertório teórico os textos do grupo *Contre-attaque*, além de textos de Georges Bataille, essa apresentação visa a realocar o debate para o contexto nacional, pensando de que forma artistas como Roberto Piva, Mulambö e Jaime Lauriano encenam uma nova mitologia contra certos mitos nacionais que oprimem o povo brasileiro há anos. Desse modo, partindo de diferentes campos artísticos, o presente trabalho se debruça sobre os poemas de Roberto Piva, as intervenções digitais sobre fotografias de Mulambö e, por fim, as miniaturas de Jaime Lauriano, com a finalidade de apresentar o poder que

as contranarrativas, independentemente de seu formato, têm sobre o discurso opressor.

Palavras-chave: Mito. Contranarrativa. Piva. Lauriano. Mulambö.

UNREAL UNEARTH E A RENDIÇÃO AO INFERNO NO CENÁRIO PÓS-PANDÊMICO

Ticiane Sousa de Oliveira (UERJ)
Adriana de Souza Jordão Gonçalves (UERJ)

Em agosto de 2023, o cantor e compositor irlandês Andrew Hozier-Byrne, conhecido por seu nome artístico Hozier, lançou seu terceiro álbum de estúdio: *Unreal Unearth*. Assim como seus dois trabalhos anteriores, este veio recheado de referências históricas, simbologias da mitologia cristã e influências da cultura folclórica irlandesa. Como temática principal, *Unreal Unearth* foi revelado como um paralelo à descida de Dante Alighieri, poeta renascentista italiano, durante a primeira parte de sua *Divina Comédia* (1321), o Inferno. As 16 faixas do álbum foram divididas por Hozier entre a descida, os nove círculos do Inferno e a ascensão, momento em que Dante segue para o Purgatório. O álbum, assim, produz uma coleção de reflexões sobre desejo e pecados sem traços de arrependimento, mantendo a postura espiritual e fundamentalmente antirreligiosa que tornou o cantor notório. Além dessa referência sobre a qual toda a narrativa do álbum está disposta, há também alusões ao ensaio *A Modest Proposal* (1729), do escritor anglo-irlandês Jonathan Swift, no single “EatYour Young” e ao personagem De Selby do romance *The Third Policeman* (1967), de Flann O’Brien, pseudônimo do autor irlandês Brian O’Nolan, nas duas músicas que descrevem a descida: “De Selby (part 1)” e “De Selby (part 2)”. A proposta desta comunicação é traçar paralelos entre o contexto da composição da *Divina Comédia*, quando Dante presencia os primeiros sinais

de corrupção na Igreja Católica e escreve uma longa canção de advertência, e o contexto de produção do álbum, quando a maior pandemia da história recente leva Hozier a celebrar a existência ao mesmo tempo livre e cheia de falhas, e o quanto essas contradições geradas pela escolha de tema tornaram o álbum um dos lançamentos musicais mais intrigantes do ano. O que exatamente Hozier reproduz de Dante, de Swift e de O'Brien, em que momentos ele vai na direção oposta e como isso impacta as 16 faixas de *Unreal Unearth* são algumas das perguntas que nos propomos a responder nesta pesquisa.

Palavras-chave: Inferno. Hozier. Álbum. Dante.

Eixo 5

*Variação linguística na
língua em uso*



A ARTICULAÇÃO DAS ORAÇÕES COMPLEXAS DA PERSPECTIVA TRADICIONAL À FUNCIONALISTA

Vivian de Sousa Neves Pereira (UERJ/CAPES)

Conforme os pressupostos da gramática tradicional, resultam, da organização das palavras em enunciados, relações de igualdade ou de dependência sintáticas, ou seja, relações de coordenação ou de subordinação, respectivamente. Essas denominações são baseadas na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que classifica as orações em absolutas, coordenadas, principais e subordinadas. Para a NGB, é considerado “composto” o período em que há mais de uma oração e “simples”, o que apresenta oração única (absoluta). A articulação de orações, nas gramáticas tradicionais, é analisada de forma dicotômica: os casos de coordenação, por uma perspectiva e, por outra, os casos de subordinação. Essas orações são apresentadas fora de um contexto, independentemente dos fatores enunciativos que possam ter levado à escolha de uma ou outra. Figuram como autores de base tradicional, autores de renomadas gramáticas do Português Brasileiro, como Rocha Lima, Bechara e Cunha & Cintra. Para os estudos de cunho funcionalista, todas as línguas humanas possuem recursos que possibilitam combinar orações para formarem sentenças complexas. Muitos representantes do funcionalismo, estrangeiros e brasileiros, têm se preocupado em questionar e em revisar os processos sintáticos de articulação das cláusulas e, principalmente, analisar as noções de coordenação e subordinação, adotando novos critérios para a classificação das

orações complexas. Destarte, alguns autores e suas obras são de extrema relevância para o estudo das cláusulas complexas sob uma perspectiva funcionalista. Exponentes como Lehmann, Hopper & Traugott, Longacre, Thompson, Halliday, Matthiessen, Moura Neves, Braga e Paiva apresentam uma vasta pesquisa nos estudos funcionalistas das cláusulas complexas, reorganizando-as de maneiras distintas daquelas que as gramáticas tradicionais postulam. Portanto, serão apresentadas, de maneira sucinta, conforme necessita este trabalho para uma comunicação oral, as principais diferenças e semelhanças de um polo a outro. Este estudo faz parte da minha dissertação de mestrado, defendida em 2019, que teve como objetivo final o estudo das cláusulas causais em crônicas da *Belle Époque* carioca, escritas por Lima Barreto e por João do Rio.

Palavras-chave: Cláusulas complexas. Gramática tradicional. Gramática Funcional.

AS CLASSES DE PALAVRAS NOS ESTUDOS DE LÍNGUA NO BRASIL: AS CONTRIBUIÇÕES DO FORMALISMO, O NOVO OLHAR DO FUNCIONALISMO

Alessandra Cristina Costa Mendes (UERJ)

Durante séculos, o pensamento aristotélico fundamentou os estudos linguísticos no mundo reconhecendo a língua como expressão do pensamento. No Brasil, cuja história começa a ser registrada a partir do século XVI, esse mesmo pensamento conduziu a formulação da gramática que representava a arte de falar e escrever bem a língua do outro, dos portugueses, ditadores do bom uso do seu idioma. O formalismo, inicialmente representado pelo estruturalismo, é uma corrente de estudos linguísticos de base sintagmática, que prioriza a forma em relação ao conteúdo, forçando um enquadramento em determinadas concepções paradigmáticas. Por outro lado, o funcionalismo buscou ampliar o horizonte dos estudos da língua, antes restrita aos padrões literatos, pretendendo entender como ela funciona, considerando o uso, a interação entre os indivíduos e o contexto situacional dentro de uma vasta rede de sistemas. Desse modo, o objetivo deste estudo é apresentar a trajetória dos estudos de língua no Brasil a partir do século XIX com ênfase nas categorias propostas pelas classes de palavras. A metodologia consiste em classificar os termos do enunciado “Julgamento de influencer Mariana Ferrer termina com tese inédita de ‘estupro culposo’ e advogado humilhando jovem”, sistematizando o caminho percorrido pelo pensamento gramatical do português no Brasil

a partir da comparação entre as gramáticas dos seguintes autores: Ribeiro (1885), NGB (1957), Rocha Lima (1957), Bechara (2010), Neves (2011) e Azeredo (2018). Por fim, conclui-se que o formalismo e o funcionalismo coexistem e que suas concepções se desdobram em diversas vertentes do pensamento linguístico no século XXI. No âmbito das categorias das classes gramaticais, foram poucas as variações nos conceitos formalistas; no entanto, as recentes gramáticas de base funcionalista têm apresentado novas concepções tanto na reorganização da apresentação quanto nas definições dos termos.

Palavras-chave: Formalismo. Funcionalismo. Variação Linguística. Classe de Palavras.

EVIDÊNCIAS DA MUDANÇA NO PARÂMETRO DO SUJEITO NULO EM CARTAS PESSOAIS FLUMINENSES

Cristian Quintanilha Ferreira (UFRJ/CAPES)

O português brasileiro (PB) vem sendo descrito como uma língua de sujeito nulo parcial após diversos estudos constatarem que a inserção de *você* e *a gente* no quadro pronominal levou a um aumento nos índices de sujeitos preenchidos, tanto determinados quanto indeterminados/arbitrários (DUARTE, 1995, 2000, 2018; FERREIRA, 2022; entre outros). Além disso, outra consequência é uma variedade de estratégias de indeterminação do sujeito além das duas formas canônicas que constam na tradição gramatical (3ª pessoa do plural nulo; partícula *se*), incluindo um sujeito de terceira pessoa do singular (3PS) com leitura indeterminada, uma característica que distancia o PB do português europeu e de outras línguas românicas (GALVES, 1987; CAVALCANTE, 1999, 2007; entre outros). Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de verificar a implementação da mudança do parâmetro do sujeito nulo em uma amostra de cartas pessoais dos séculos XIX e XX, constituintes do corpus HistLing (<https://histling.letas.ufrj.br>), organizado por Célia Lopes (UFRJ). Para isso, num primeiro momento, analisamos a expressão nula e plena dos sujeitos determinados de terceira pessoa e, num segundo momento, as estratégias de indeterminação e expressão dos sujeitos indeterminados/arbitrários. Por hipótese, esperamos (1) aumento no índice de sujeitos preenchidos ao longo do tempo, tanto determinado quanto indeterminado/arbitrário,

(2) uma variedade de estratégias de indeterminação e (3) dados de sujeito indeterminado de 3PS. Nossos resultados iniciais confirmam nossas hipóteses, atestando aumento de sujeitos plenos, uma gama de estratégias de indeterminação e, ainda que timidamente, ocorrências de sujeito de 3PS com referência indeterminada, o que confirma a mudança do PB em direção a uma língua de sujeito nulo parcial.

Palavras-chave: Sujeito nulo. Português brasileiro. Sintaxe.

FORMALIDADE E INFORMALIDADE EM PRODUÇÕES TEXTUAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Talita Emrich Gomes (UERJ)

O artigo em questão analisa, compara e comenta as marcas de formalidade e informalidade presentes em produções textuais elaboradas por alunos da educação básica. Para tal, foi coletado e selecionado um grupo de produções textuais feitas em sala de aula e aplicadas como avaliação diagnóstica pelo professor de língua portuguesa responsável pela turma, originalmente com o intuito de melhor compreender as competências de escrita dos estudantes. O corpus foi elaborado por alunos do sexto ano regular e do EJA (PEJA, neste caso) do ensino fundamental da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, no ano de 2023. Para evitar qualquer influência sobre a análise, comparação e comentários durante a elaboração do presente artigo, todo o corpus foi coletado e digitalizado antes do processo de correção ser realizado pelo professor titular da turma. Sendo assim, o primeiro passo foi a identificação das marcas de informalidade e formalidade apontadas por Ataliba Castilho na Nova Gramática do Português Brasileiro (2014), seguida de transcrição (pois o corpus foi manuscrito e há complicações acerca da legibilidade, no caso de alguns alunos). Após análise, comparação e comentários, a questão levantada foi a seguinte: por que determinados alunos demonstram plena capacidade de distinguir uma ocasião que exige o registro mais formal da língua enquanto outros não aparentam ter o domínio dessa habilidade?

O que difere o primeiro grupo do segundo? E principalmente: o que podemos fazer para desenvolver essa competência de forma mais abrangente? A discussão foi elaborada com base nos elementos encontrados nas produções e autores renomados no campo do ensino de produção textual na educação básica.

Palavras-chave: Produção de texto. Oralidade. Ensino de língua portuguesa. Português brasileiro. Educação básica.

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE ORAÇÕES RELATIVAS

Jamilis Machado Vicente (UERJ)

Nesta apresentação, temos o objetivo de explorar o uso e a compreensão de orações relativas, enquanto observamos a distância que separa a gramática internalizada de forma natural e espontânea (conforme proposto por Chomsky em 1986), adquirida nos primeiros anos de vida, da gramática prescrita pela escola para a Língua Portuguesa. No contexto do português brasileiro, existem diferentes estratégias para a formação de orações relativas: a forma padrão e as estratégias cortadora e com pronome lembrete, estas últimas consideradas não-padrão (TARALLO, 1983). É importante destacar que, dentre essas estratégias, as não- canônicas (ou não-padrão) tendem a ser desconsideradas pela escola, resultando em um grande déficit no processo de aprendizado. Assim, como uma proposta de intervenção para esse impasse, buscamos métodos para o ensino e aprendizado das orações relativas, incorporando as contribuições da linguística gerativa, sob a perspectiva da metacognição e das metodologias ativas (PILATI, 2017). Partimos da premissa de que é possível estabelecer uma relação entre o conhecimento considerado não-canônico da língua e o ensino padrão. Para alcançar esse objetivo, conduzimos um experimento envolvendo estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Primeiramente, aplicamos um questionário para identificar orações relativas que estavam de acordo ou não com a norma culta, a fim de avaliar o domínio que os alunos tinham da estratégia padrão de

formação de orações relativas. Adicionalmente, implementamos uma sequência didática com o intuito de aprimorar o domínio dos alunos sobre essa estratégia padrão de formação de orações relativas. Ao término da sequência didática, realizamos um novo questionário para avaliar em que medida a sequência didática se mostrou eficaz.

Palavras-chave: Metacognição. Metodologias Ativas. Orações Relativas.

O LINGUAJAR CARIOCA: UMA PESQUISA ACERCA DA PALATALIZAÇÃO DO S À LUZ DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Renata D'Aguila Júnior (UERJ)
Caroline Oliveira de Amorim (UERJ)

O presente artigo se propõe analisar as marcas de oralidade presentes na fala dos cariocas, à luz da variação linguística, componente relevante para a formação do professor de língua portuguesa (BRASIL, 1997). Um estudo da palatalização do s, o famoso chiado, como uma marca dialetal carioca. Illari e Basso (2021), mencionam o fenômeno da Palatalização de /s/ e /z/ finais de sílabas e palavras, característico da fala carioca, mas também encontrado no Espírito Santo, em algumas regiões de Minas Gerais e em certos falares do Pará, Amazonas e Pernambuco (Recife). Exemplos incluem <mais> pronunciado [majʃ] e <rapaz> pronunciado [Ra'pajʃ]. Por outro lado, ao examinar o Atlas Linguístico no contexto de /S/ em coda silábica externa, considerando a produção de homens e mulheres moradores das capitais brasileiras, observa-se a predominância do fenômeno na capital carioca, sendo produzido com a mesma frequência por ambos os sexos. Nas capitais de Belém e Macapá, o sexo feminino apresenta maior palatalização do /s/. Já na região Sul, Florianópolis se destaca novamente, com homens e mulheres palatalizando com a mesma frequência que no Rio de Janeiro, porém em menor medida. Este trabalho tem como base a teoria sociolinguística de origem laboviana, entendendo a língua como fenômeno social e cultural, analisada e examinada com a

finalidade de descrever os tipos de variações internas existentes na Língua Portuguesa, com vista a auxiliar na preparação de aulas produtivas no que tange ao entendimento do fenômeno da variação no Português do Brasil. Os subsídios teóricos são pautados nos seguintes autores: Ataliba Teixeira de Castilho, Claudia Santos de Jesus, Dinah Callou, José Carlos de Azeredo, Celso Ferreira da Cunha, Luís Filipe Lindley Cintra, Rodolfo Ilari, Renato Basso, John Lyons e Silvia Figueiredo Brandão.

Palavras-chave: Linguajar carioca. Variação diatópica. Sociolinguística.

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS DOS SINAIS DE LIBRAS EM TERMOS TECNOLÓGICOS POPULARES

Laila da Silva Quintero Fernandes (UFPA)

Tamires Magalhães Cordeiro (UFPA)

Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)

Este artigo aborda a variação linguística na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) com foco em termos tecnológicos populares. O estudo tem como objetivo geral conceituar a variação linguística e explorar como ela ocorre em LIBRAS, com objetivos específicos que incluem definir o conceito de variação linguística, apresentar sua aplicação em LIBRAS e analisar variações nos sinais de dez termos tecnológicos, são eles: Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp, TikTok, YouTube, Netflix, celular, tablet e computador. A pesquisa foi realizada na Unidade Educacional Especializada Professor Astério de Campos, em Belém, no estado do Pará, com a participação de alunos de diferentes idades, escolaridades, gêneros, sexualidades, e classes sociais. A pesquisa visa identificar quais termos possuíam sinais em LIBRAS e se havia variedade de sinais para um mesmo termo. O estudo destaca a importância de pesquisar e validar a LIBRAS como uma língua única, dada a crescente participação da comunidade surda na sociedade. O conceito de variação linguística é explicado, enfatizando que todas as línguas têm variações, independentemente de seu formato. A metodologia utilizada é qualitativa, envolvendo entrevistas informais para compreender as variações linguísticas em LIBRAS se concentrando em um grupo pequeno de alunos, professores

e funcionários surdos da Unidade Educacional Especializada Professor Astério de Campos, com foco no ambiente natural como fonte de dados, análise descritiva dos dados e ênfase no processo de pesquisa. E, como embasamento teórico temos os autores A. Gesser – *Libras: que língua é essa?* (2009); F. Tarallo – *A pesquisa sociolinguística*; Machado e Weininger – “As variantes da língua brasileira de sinais - LIBRAS” (2018) entre outros. Os resultados da pesquisa são apresentados com base em gênero, faixa etária e escolaridade. Outro resultado é um quadro de sinais que mostra as variações encontradas nos sinais de termos tecnológicos em LIBRAS. Conclui-se que a variação linguística é uma realidade em LIBRAS, influenciada por diversos fatores, e a pesquisa contribui para a compreensão das variações presentes na língua. Este estudo representa uma pequena contribuição para futuros trabalhos na área e destaca a importância de continuar a pesquisa e promover a valorização da LIBRAS como língua oficial.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação linguística. LIBRAS.

Eixo 6

*Leituras plurais:
a leitura na perspectiva da
história, filosofia e sociologia*



A HISTÓRIA NA HISTÓRIA: METAPICTURALIDADE E NARRATIVA EM *O RETRATO DO REI*

Cristina Reis Maia (UERJ)

O presente artigo visa discutir a interrelação estabelecida entre a metapicturalidade e a intermedialidade na metaficção historiográfica *O retrato do rei* (MIRANDA, 2001). Evocando iconotextos de diferentes expressões artísticas (como pinturas e arquiteturas) apresentados sob elementos metapicturais, o livro transita entre as categorias da *mimese*, *hipotipose* e *ekphrase* para contextualizar seu enredo e explicar a conjuntura que serve de pano de fundo para a trama envolvendo as personagens. Trazendo a História para história reporta hábitos e costumes da época através de uma semiose icônica, abrindo espaço a interpretações possíveis para além dos registros oficiais, retratando (e recontando) uma parte da história do Brasil. Para tanto, trabalha com o sugestivo entrelace entre a escrita e a imagem percebida – mesmo que por alusões e descrições – fomentando a interpretação (e/ou a construção) de narrativas que, eventualmente, possibilitam o desenvolvimento de versões. É uma vez que “o processo de interpretação começa no ato da percepção” (ELLESTRÖM, 2021, p. 82), importa saber distinguir os mecanismos e modalidades midiáticos utilizados para atingir este objetivo. Neste sentido, este estudo tem por finalidade última problematizar o modo pelo qual as mídias envolvidas no texto espelham a realidade – seja por meio de construções imagéticas, interartísticas ou iconotextuais –, descrevendo-a sob um olhar

singular, subjetivo, implicando na reconstituição da própria história. Tendo em vista esse escopo, procurar-se-á estudar as possibilidades interpretativas oferecidas pelo texto referido, a partir das abordagens desenvolvidas por Arbex (2006; 2007), Bakhtin (2011), Clüver (2011), Elleström (2021), Louvel (2012), Rajewski (2012; 2020), Ribas (2013; 2016; 2021), entre outros.

Palavras-chaves: Metapictorialidade. Intermidialidade. Narrativas. O retrato do rei. História do Brasil.

A TRANSFIGURAÇÃO VERBAL DO CORPO NA POESIA DE ORIDES FONTELA

Fábio Santana Pessanha (UFF)

Este trabalho parte da pesquisa referente ao estágio pós-doutoral em andamento no PPG em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF), cuja pesquisa se intitula “A corporeidade poético-filosófica em Orides Fontela”. No presente recorte, o sentido de corpo será discutido a partir da ideia de corporeidade poética, a qual vislumbra a concretização de um acontecimento tanto palpável quanto transitório, desde a tensão de forças ambigüizantes, previstas na mútua referenciação entre poesia e filosofia. De maneira ampla, as reviravoltas poético-pensativas a serem desenvolvidas se darão pela provocação da poesia de Orides Fontela, embasadas fundamentalmente nos estudos fenomenológicos de Martin Heidegger, tendo outros teóricos como Jean-Luc Nancy, por exemplo, para compor o arco pensativo de discussão. Neste trabalho será feita uma interpretação de cunho poético-ontológico do poema “Fala”, que integra *Transposição* (1969), livro de estreia da referida poeta paulista. Em referência ao citado Nancy, abordaremos o aspecto ontológico desde uma citação de seu livro *Corpus* (VEGA, 2000), pelo qual discutiremos o modo de realização do pensamento enquanto corpo e seu desdobramento em palavras, poemas. Nesse sentido, o dizer entrará como intercâmbio pelo qual tais manifestações ocorrerão; e essa proposta se dá em função do que o mencionado poema de Fontela possibilita como questionamento, segundo a fronteira entre corpo e palavra,

entre poesia e filosofia, levando-nos a observar a íntima relação entre poesia e pensamento, a fim de se perceber aí um poema pensante. Por fim, veremos também como os *enjambements* têm função decisiva no referido poema, ou seja, na maneira que interferem em seu ritmo e de que modo materialmente o poema apresenta possibilidades de leituras distintas, em função da hesitação e da apresentação dessa suspensão enquanto sintaxe própria de uma voz poética em exercício de concretização, ao se considerar a ocorrência da corporeidade poético-filosófica.

Palavras-chave: Orides Fontela. Poesia. Pensamento. Filosofia. Corporeidade.

ELISABETE SAWYER (?-1621), A “BRUXA” DE EDMONTON

Cecília Athias (UERJ)

Esta comunicação tem como objetivo realizar uma leitura da figura da bruxa da peça inglesa *The Witch of Edmonton* (1621), escrita colaborativamente por Thomas Dekker (1527-1632), John Ford (1586-1639) e William Rowley (c.1585-1626). Em Edmonton, vilarejo localizado na área rural da Inglaterra, uma velha senhora, Elisabete Sawyer, ao ser flagrada juntando gravetos caídos no chão de uma terra que não é sua, é agredida repetidas vezes e xingada de “bruxa” (2.1). Um jovem, atormentado, apunhala sua esposa até a morte (3.3). O gado da comunidade adoeceu (4.1). Um cachorro, que é a materialização do diabo (2.1), surge e interage com os referidos personagens. Elisabete Sawyer, que sela um acordo com Cão (2.1), é acusada de bruxaria. Um dos muitos pontos interessantes dessa peça, que é ainda bastante desconhecida no Brasil e não tem uma tradução para o português, é que Elizabeth Sawyer realmente existiu. Porém, os escassos dados biográficos que temos a seu respeito são referentes ao local onde residiu, as condenações das quais foi alvo, sua prisão em Newgate, e sua execução por enforcamento em abril de 1621. Para encaminhar a discussão que proponho neste trabalho, considerarei a criação dramática da personagem Sawyer, focalizando seu repertório verbal na peça. Darei destaque aos seus dois primeiros momentos a sós no palco, pois é em solilóquio que Sawyer verbaliza com clareza suas aflições devido à condição de isolamento e desamparo que vive

em Edmonton, que a faz, por exemplo, ser “evitada / E odiada como uma doença” (2.1). Meu interesse nesta comunicação é ler como a bruxaria de Sawyer é construída, sobretudo pela própria comunidade – afinal, trata-se ou não de uma bruxa? Sawyer é ou não responsável pelos estranhos acontecimentos em Edmonton? – e a maneira como a personagem elabora a condenação de bruxaria dirigida a ela, bem como as acusações das quais é alvo. Além disso, trarei informações do panfleto que serviu de fonte aos dramaturgos, também escrito em 1621, por Henry Goodcole, clérigo que interrogou Sawyer quando estava presa em Newgate. Contextualizarei, também, a questão da bruxaria durante a Primeira Modernidade inglesa (1550-1650), período em que a caça às bruxas atingiu seu auge.

Palavras-chave: Teatro inglês. Primeira Modernidade Inglesa. Bruxa.

IMAGEM POÉTICA, IMAGEM DA HISTÓRIA: POESIA COMO LUGAR DA HISTÓRIA EM OCTAVIO PAZ (1914-1998)

Maycon da Silva Tannis (PUC-Rio)

O presente trabalho visa tratar da questão que se forma na obra de Octavio Paz onde a poesia é trazida para a centralidade do método historiográfico. Ao tomar a poesia como uma forma de pensamento não-conceitual, a própria historiografia extravasa seus limites. Neste trabalho pretendo identificar o que na poesia se constitui como peça-chave para a destituição da ontologia e seus efeitos na escrita da história. Paz em sua obra *O Arco e a Lira* (1956) se preocupa em realizar uma longa discussão a respeito da poesia, centrando-a como objeto de pensamento e ação. Paz identifica um longuíssimo arco de realização performática da poesia que a coloca como “um lugar de encontro”, onde dois universos linguísticos e temporais se encontram: por um lado o passado e o presente se encaram e em seu choque dialético ocasionado pela experiência estética surge uma poderosa força que recria o mundo do leitor, ao mesmo tempo que inaugura no texto um elemento novo, a mimesis. Por outro lado, a Poesia, como produto histórico presente em todas as sociedades, se faz realizar para além da conceitualidade formal, ela não se deixa prender em conceitos e extravasa toda a forma de controle que existe. Percebendo isto, Paz traz essa dupla tensão – Passado/Presente, Conceito/Poema – para dentro de sua escrita historiográfica. Essa movimentação dota sua historiografia de instrumentos que já não se limitam às conceitualidades,

sobretudo as formuladas nas experiências do velho mundo. A História se liberta do peso teórico do velho mundo e se abre a própria sorte de possibilidades de escrita de um pensamento teórico seu. Essa abertura teórica, operada pela poesia, funciona como uma destituição da ontologia colonial que pode se abrir para nós como uma proposta de pensamento decolonial que não destrói a herança intelectual do novo mundo, mas cria um espaço novo para o pensamento: de termos no espaço latino-americano um pensamento autônomo em relação à proposta do Ocidente e que se reconheça no meio de duas forças tensas.

Palavras-chave: Teoria. Filosofia. Poesia. Ontologia. Octavio Paz.

IMAGENS DO BRASIL: JESUÍTAS E MODERNISTAS UMA ANÁLISE COMPARADA ENTRE OS SÉCULOS XVI E XX

Cosme Jorge Braga de Moura (UERJ)

Sheila Moura Hue (UERJ)

A partir das leituras e discussões realizadas para estudar o objeto da pesquisa, os dois manuscritos jesuítas sobre o Brasil atribuídos ao padre Francisco Soares, minha pesquisa pessoal começou a se delinear. No escopo do projeto de pesquisa de minha orientadora, que visa a produzir uma edição-crítica dos manuscritos, encaminhei o meu interesse para as relações existentes entre as obras escritas no século XVI sobre o Brasil e algumas obras modernistas brasileiras, do início do século XX, que constroem uma determinada identidade nacional. Portanto, um dos resultados obtidos foi a estruturação de minha pesquisa, que tem como objetivo realizar uma discussão comparativista sobre o *Manuscrito de Coimbra, coisas notáveis do Brasil* (1591), e obras seminais da poesia modernista, de Oswald de Andrade, o *Manifesto antropófago* (1928), o *Manifesto da poesia pau-brasil* (1924), e o seu livro de poesia *Pau-brasil* (1925). Através de uma reflexão de caráter histórico e crítico dessas duas literaturas “de início”, de dois diferentes séculos, pretendo analisar as relações textuais entre elas e as estratégias discursivas de construção de uma identidade nacional. Neste projeto, serão abordadas, principalmente, questões culturais, histórico-sociais e linguísticas, com auxílio do pensador contemporâneo e artista visual, Denilson Baniwa, do livro *Jamais fomos modernos* (1991),

do filósofo francês Bruno Latour, além de trabalhos de Gênese Andrade e de Haroldo de Campos, como o artigo *Uma poética da radicalidade* (1974), parte deles já estudados ao longo deste primeiro semestre de pesquisa.

Palavras-chave: Literatura. Jesuítas. Modernistas.

POETA-MARINHEIRO E SOLDADO-POETA: ÉPICA CAMONIANA EM PANFLETO INGLÊS SOBRE PERNAMBUCO

Marcela Miranda Salgueiro Cirne de Castro (UERJ)

Esta pesquisa dedica-se ao estudo de um panfleto inglês, *Lancaster hisallarums*, escrito por Henry Roberts e publicado em Londres em 1595. Segundo Joad Raymond (2003), panfletos eram livretos de no máximo 12 folhas, contendo prosas ou poesia, considerados de baixa literatura destinados às massas. Calcagno (2011), destaca que estes eram vendidos em lojas localizadas em áreas de fluxo intenso em Londres. O livro *Inglese no Brasil* (2020) informa também que os panfletos eram normalmente lidos em voz alta em locais de grande movimento como tavernas, fato que contribuiu para disseminação das histórias. Os panfletos formaram o que se chama hoje de opinião pública. O panfleto estudado relata a viagem de James Lancaster ao Brasil, especificamente Pernambuco, realizada no mesmo ano de publicação do panfleto, 1595. Nesta viagem, Lancaster saqueou os armazéns de Recife, atacou a cidade, e permaneceu lá por volta de um mês. Regressou a Londres com um enorme butim. Neste período em que os panfletos foram escritos, os ingleses faziam viagens piráticas ao Brasil. Havia também uma inimizade política entre Inglaterra e Espanha – consequentemente com Portugal e suas colônias. Este mesmo autor, Henry Roberts, já havia escrito outros panfletos sobre outras viagens. Segundo Louis B. Wright (1932), Roberts manteve uma carreira escrevendo panfletos patrióticos por mais de 30 anos. Wright destaca que

Henry Roberts merece reconhecimento não pela genialidade de seu trabalho, mas por seu admirável esforço em implantar o novo espírito imperial no cidadão comum. A partir de trabalhos de Barbara Fuchs, em especial seu livro *The Poetics of Piracy: Emulating Spain in English Literature* (2013), em que a influência da literatura e da cultura espanhola sobre a cultura e literatura inglesa do século XVI é estudada e que revelou que havia sim uma influência da cultura da península ibérica sobre a então nascente potência inglesa, e a partir das pesquisas das professoras Sheila Hue e Vivien Kogut Lessa Sá, principalmente do capítulo “Pirates in Brazil: Early Anglo-Portuguese Relations in the New World” que se encontra no volume *Transnational Portuguese Studies* (2020), estudo o panfleto e suas representações do Brasil e das relações anglo-ibéricas, e a influência de *Os Lusíadas* no trecho poético do panfleto.

Palavras-chave: Épica camoniana. Relatos de viagem. Panfletos ingleses.

Eixo 7

*Monstros à solta:
representações do monstro na
literatura contemporânea*



A TERATOLOGIZAÇÃO DO SUBALTERNO: O OUTRO COMO MONSTRO ALEGÓRICO

Morgana Silva Larotonda Caetano (UERJ)

O presente estudo pretende investigar sobre como a alegoria distópica do zumbido *A ilha da magia* de W. B. Seabrook (1990) influencia a literatura popular de horror contemporânea, representando uma atribuição do aspecto teratológico ao Outro, através da exotização desse Outro, principalmente de indivíduos pertencentes a determinados grupos sociais étnicos e subalternizados. Como base teórica, adota-se as ideias de Edward W. Said ([2004] 2007) em uma obra na qual o crítico literário palestino-estadunidense se propõe a recuperar o conceito de humanismo dentro de um momento entre a Modernidade e a Pós-Modernidade; Jean-François Lyotard (1997) em cuja obra o filósofo francês, trata sobre humanismo, partindo da perspectiva filosófica da diferença e do desconstrucionismo; e por fim, Gayatri Chakravorty Spivak (2012), em uma obra na qual, a teórica literária Indo-americana trata sobre questões relativas à epistemologia e teoria do conhecimento, que analisa a relação entre sujeito (ser pensante) e objeto (ser inerte e epistêmico). Outras obras serão utilizadas para fomentar uma análise dialógica entre os textos literários e teóricos a serem analisados, com o intuito de expor e argumentar sobre os conceitos de alteridade na perspectiva desse monstro que, sob o olhar da crítica sociológico-literária, trará à luz o(s) ponto(s) de convergência existentes entre as obras mencionadas e suas significações na literatura contemporânea de horror.

Palavras-chave: Literatura. Monstro. Sociedade. Inumano. Alteridade.

AS FILHAS DE LILITH: MULHERES MONSTRUOSAS NA LITERATURA AO LONGO DO TEMPO

Paula Pope Ramos (UERJ/CAPES)

Na concepção aristotélica, a mulher, o oposto do homem, o universal, torna-se o outro inferior, incompleto, imperfeito. Há muito também associada ao ab-humano, não é incomum vermos, na literatura e na imaginação ocidental, a sua associação, enquanto aquilo que não corresponde ao ideal de feminilidade burguês, a figura do Anjo do Lar, àquilo que entendemos como monstruoso, devastador de limites sociais e psíquicos, além de catalisador de ansiedades culturais. A mulher, historicamente vista sob uma ótica negativa e atravessada pela diferença (porque é o oposto do universal), é, portanto, facilmente associada ao monstruoso (BRAIDOTTI, 1994; PUNTER, 2016). A experiência da mulher, marcada por alteridade, é também permeada por sua morfologia dúbia: ciclo menstrual, gravidez ou o sexo que não é nem um nem dois (IRIGARAY, 1985). Aquela que não é o Um, é, então, Tudo: irrestrita, totalizante. O objetivo desta comunicação é apresentar as figuras de mulheres monstruosas que ocupam o imaginário cultural ocidental: Lilith, Medeia, Lady Macbeth (*Macbeth*, William Shakespeare, 1606), Matilda (*The Monk*, Matthew Lewis, 1796), Victoria di Loredani (*Zofloya, or the Moor*, Charlotte Dacre, 1806), Lady Audley (*Lady Audley's Secret*, Mary Elizabeth Braddon, 1862), a protagonista de *Mulheres Empilhadas* (Patricia Melo, 2019), com a finalidade de constatar que, sendo a mulher motivo que fez correr muita

tinta ao longo dos séculos, seja por controle, preocupação ou reivindicação de liberdade, a verdade é que somos obcecados pela figura da mulher monstruosa, seja a partir de uma tentativa de dominá-la ou, é o que nos interessa, dar-lhe voz. Com base nos trabalhos sobre monstruosidade de Cohen (1996), Shildrick (2002) e Gilmore (2003), além da bibliografia feminista citada ao longo do resumo, apresentamos as mulheres citadas acima, as filhas de Lilith, como imagens recorrentes de libertação do feminino na literatura e imaginário ocidentais.

Palavras-chave: Mulher. Monstruosidade. Feminismo. Literatura.

ENTRE SURTOS E PANDEMIAS: POTENCIALIDADES DO VAMPIRO PATOGENICO NA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA

Thiago Sardenberg (UERJ)

Esta comunicação se propõe a discutir, em perspectiva comparada, dois romances contemporâneos com viés epidêmico-apocalíptico – *Salem* (1975) de Stephen King, e *Noturno* (2009), de Guillermo del Toro e Chuck Hogan – no que se referem, especificamente, à forma como se apropriam da figura mítica do vampiro para desencadear processos de contágio em escala sucessivamente maior. Para isso, partiremos de um breve olhar para a forma como o vampirismo estivera intimamente ligado a surtos epidêmicos reais na Europa setecentista, para então estabelecer o corpo do vampiro ficcional como um *locus* potencialmente patogênico: tal como vírus, depende de organismo estrangeiro vivo para se sustentar; necessita penetrar nesse organismo outro para parasitá-lo, e é frequentemente por meio desse contato que o modifica e se replica, produzindo uma espécie de cópia de si mesmo. Exercendo, mais além, algumas das inúmeras potencialidades latentes de monstros ficcionais bem localizados no tempo e espaço, os vampiros que habitam estas narrativas – corporificando um tipo de “doença” de alta infectividade, patogenicidade e letalidade, prenunciadores de calamidades de saúde pública – simultaneamente revelam, mais além da preocupação com eventos de contágio descontrolados, particularidades intrínsecas às sociedades que os imaginaram,

desde a forma como a epidemia se espalhava, tão ávida quanto o apetite consumista de seus habitantes, até a figura elusiva do (bio)terrorista, que se torna uma entidade monstruosa onipresente no imaginário do início do século XXI.

Palavras-chave: Vampiros na literatura. Epidemias. Pandemias.

FRANKENSTEIN ALÉM DO TERROR: SUA INFLUÊNCIA NA CIÊNCIA DE OUTRORA E MODERNA

Giovana C. Trentin Paes Leme (UERJ)

O presente trabalho tem o objetivo de fazer uma leitura na influência da obra Frankenstein ou O Prometeu Moderno (1818) da autora Mary Shelley na ciência de hoje e de outrora. A obsessão de Frankenstein em desvendar os segredos da vida e da morte é tema recorrente na ficção científica, mas que traz consequências catastróficas nos alertando sobre os perigos de se ultrapassar os limites do conhecimento. Apesar disso, a obra de Mary Shelley é até hoje mencionada e vista como uma grande influência tanto em obras literárias como na própria ciência e foi tão marcante que acabou por lançar as bases da imagem pública da comunidade científica e as atrocidades cometidas pelo “monstro” e sua “monstruosidade” relatadas na obra vão muito além do terror em Frankenstein. Frankenstein teve impacto nos debates sobre a vivisseção na Grã-Bretanha Vitoriana, refletiu sobre o potencial da vida criada em laboratório no início do século XX e sobre as atuais controvérsias relativas aos bebês de proveta, à engenharia genética e à clonagem. Trabalhos científicos, palestras ou descobrimentos em laboratórios, sempre que expostos ao público, inevitavelmente fazem alusão a Frankenstein e sua criatura, devido à sua grande importância tanto à época como atualmente. Publicado durante o início da revolução industrial e quando o método de Galvanismo encontrava-se em seu ápice, Mary Shelley com suas pesquisas

e curiosidade sobre a criação artificial da vida conseguiu lançar-se dessa técnica para que a criação de sua criatura através de Frankenstein fosse possível. Shelley levantou questões sobre o desenvolvimento científico e personificou a reação do público leigo à ciência e, embora Shelley não fosse cientista, seu livro criou o mito moderno da ciência conseguindo distinguir entre boa e má ciência, abordando que estudar a natureza seria aceitável; tentar manipulá-la, não.

Palavras-chave: Monstruosidade. Ciência. Contemporaneidade. Criação da vida.

O MONSTRO DE ESTIMAÇÃO: DO MEDO AO ENCANTO EM *AMIZADE COM O MONSTRO* DE MIGUEL OUANA

Tatiane Ludegards dos Santos Magalhães (UERJ)

A figura do monstro é parte significativa do imaginário infantil e frequentemente representam os desafios que as crianças podem enfrentar na vida real. Eles são responsáveis por provocar medo, e por vezes funcionam como guia para ilustrar as diferenças entre certo e errado no contexto da história narrada, como se pode constatar no mundo ficcional de *Amizade com o monstro*, do escritor moçambicano Miguel Ouana. Por tradição o monstro é a parte mal, que deve ser superada, vencida, e em geral, é na infância que se descobre o medo, seja ele provocado ou adquirido, oriundo de uma fonte real, como medo da violência, ou imaginária, como medo do bicho papão. Esses temores vêm sendo atribuídos a monstros imaginários que atuam como personagens na literatura, no cinema e demais mídias que distribuem a produção ficcional. Na atualidade, é através desses canais que temos nosso primeiro contato com criaturas horrendas, apavorantes que têm como principal função nos causar pavor. Contudo, numa inversão dos valores tradicionais, o monstrengo que deveria oprimir e machucar torna-se aquilo que conforta e salva, pratica recorrente no universo das animações e da literatura infantojuvenil, que de tempos em tempos representa o monstro não como a figura do mal, causador de dano, mas sim como amigo e companheiro de aventuras. Assim, o presente trabalho visa discutir a construção desse monstro

no texto de Ouana, que ao invés de causar medo e angústia, causa alegria e conforto, e mesmo assim não perde seu posto de monstruoso.

Palavras-chave: Monstro. Medo. Infantojuvenil. Miguel Ouana. Literatura moçambicana.

O MONSTRO NO CONTO “A BELA E A FERA OU A FERIDA GRANDE DEMAIS” DE CLARICE LISPECTOR

Karen Cristina Schuler (UERJ)

O conto “A bela e a fera ou a ferida grande demais” de Clarice Lispector faz analogia com o conto de fadas “A Bela e a Fera” cuja versão mais difundida é de Madame de Beaumont (1756), mas há também uma anterior, de Madame de Villeneuve (1740). A partir das sete teses apresentadas por Jeffrey Cohen (2000) nas quais o autor defende que cada cultura gera o monstro que melhor lhe cabe, é possível traçar a monstruosidade presente no mendigo, mas também na bela do conto de Lispector. A Fera dos contos da tradição exemplifica um momento de efervescência do feérico, os casamentos arranjados com maridos violentos e a conseqüente necessidade da autonomia feminina para escolher com quem deseja casar, bem como a importância de um par amoroso gentil e respeitoso, ainda que escondido sob uma aparência desagradável. Em Lispector, a Fera é a ferida das desigualdades sociais, do humano relegado à condição de impotência. Da mesma forma como o monstro, o belo e o feio também são construções sociais que se adaptam e respondem aos anseios de uma determinada época e contexto social, tal como analisa Umberto Eco ao traçar um levantamento histórico e sociológico acerca da beleza (2004) e da feiura (2007). Além disso, Cohen (2000) reitera a necessidade de extermínio do monstro. É o que fizeram em relação aos muçulmanos durante as cruzadas, aos judeus no período de dominação nazista, ou mesmo, às

mulheres, metamorfoseando-as em figuras monstruosas como as Sibilas ou Melusinas, quando elas tentaram ultrapassar as fronteiras do esperado para seu gênero. As Feras dos contos mencionados apontam para o diferente, o excluído. O monstro ainda delimita os espaços sociais a serem ocupados, tanto que a protagonista do conto de Lispector só encontra o mendigo ao sair por uma porta diferente do hotel e, assim, adentrar um espaço que, até então, não lhe pertencia. Ela se depara com uma figura que lhe é monstruosa e percebe que ela própria é também um monstro.

Palavras-chave: Monstro. Clarice Lispector. Conto. Bela. Fera.

O PODER DA INFLUENCIA: A ATUAÇÃO DO POVO PEQUENINO NA CONFIGURAÇÃO DO MUNDO FANTÁSTICO DE *1Q84*

Ananda Maria Ferreira Missailidis (UERJ/CAPES)

O principal objetivo deste trabalho é interrogar os modos de aparição do monstro em *1Q84* de Haruki Murakami (2009). Observamos a estruturação narrativa com foco na construção da figura do monstro. Para isso, apoiamo-nos nos estudos de Tzvetan Todorov (1970) e Filipe Furtado (1980) sobre o fantástico, tendo em vista a aparição do “povo pequenino” como presença assombrosa na trilogia *1Q84*. Privilegiaremos as formas sob as quais o monstro codifica-se textualmente. Sua figura, além de apresentar certas tipologias recorrentes (como o vampiro, o lobisomen, o fantasma, etc.), é produto de uma estrutura actancial que a posiciona em determinada relação com o protagonista e os acontecimentos. A monstruosidade, em contextos fantásticos, estabelece-se de forma específica, revertendo, muitas vezes, as expectativas de subjetivação do texto, as quais dominam a literatura de cunho realista. O povo pequenino de *1Q84* assombra a trilogia, atuando de modo diferente das demais personagens, e sua influência sobre outras personagens-protagonistas concede-lhe, apesar da sua quase não-aparição explícita ao longo dos três volumes, uma posição de sujeito da ação.

Palavras-chave: *1Q84*. Haruki Murakami. Fantástico. Monstros. Estrutura Actancial.

PARA ALÉM DAS CONVENÇÕES: A INOVAÇÃO ESTÉTICA DA LICANTROPIA EM *HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN*

Gabriel Felipe da Silva (UERJ; UFRJ)

Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban (2004) embora não seja o filme mais vendido da saga, destaca-se como um dos favoritos entre os fãs, graças à sua estética gótica e ao desenvolvimento das personagens. As duas primeiras obras transpostas para o cinema contaram com a direção de Chris Columbus, exímio diretor cinematográfico responsável pela criação de diversos filmes infantis, juvenis e de comédia. Diante do enredo que comporta personagens mais maduras e temas mais complexos, a produtora achou por bem realizar uma troca para a criação do próximo filme da saga. A terceira obra, dirigida pelo latino-americano Alfonso Cuarón, marca uma notável ruptura quando comparada aos dois primeiros filmes, tanto em termos de paradigmas narrativos como na representação visual de elementos importantes da saga Harry Potter, em nossa análise citamos especialmente a licantropia, vivenciada pelo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, Remo Lupin. Este estudo busca examinar as técnicas e decisões adotadas pelo diretor para conceber um lobisomem inovador. Em outras palavras, investigamos de que maneira a transposição midiática (RAJEWSKY, 2017), da mídia livro para a cinematográfica, deu origem a uma representação de lobisomem que transcende as convenções estabelecidas até então. Ao fim, resta claro que Cuarón conseguiu criar um

lobisomem que aparenta ser doente e fraco, diferindo dos licantropos monstruosos e assustadoramente fortes presentes na tradição cinematográfica.

Palavras-chave: Lobisomem. Harry Potter. Intermidialidade. Literatura Comparada. Cinema.

TOMIE: O CORPO EM ESCAPE DO CONCRETO

Isabella Morelli Esteves (UERJ)

Esta comunicação investiga a personagem Tomie, da história em quadrinhos de mesmo nome do autor japonês Junji Ito, enquanto tema de sua própria história. *Tomie* é uma história em quadrinhos serializada que adere ao gênero do horror cósmico. Sem um protagonista específico, cada novo episódio acompanha o ponto de vista de uma nova “vítima” de Tomie, uma “mulher-monstro” sedutora e imortal, que provoca em todo homem que conhece o desejo incontrolável de cortá-la em pedaços (e cada pedaço se torna uma nova Tomie). O corpo de Tomie é submetido a interminável violência. Em uma inversão dos papéis típicos do horror, a perspectiva narrativa caracteriza aquele que comete a violência como a vítima, e aquela que sofre a violência é caracterizada como algoz. A natureza inumana e o comportamento vilanesco de Tomie não apenas “justificam” e “autorizam” a violência dentro do contexto narrativo, mas também levam a “culpa” pela violência sofrida a recair sobre ela. Desse modo, o espectador é levado a vivenciar uma dessensibilização ao feminicídio – se é que se pode chamar Tomie de “mulher” – conforme a personagem é desumanizada, culpabilizada e objetificada repetidas vezes. Considerando o processo de exclusão e desumanização de corpos que falham em cumprir com normas hegemônicas, como teorizado por Judith Butler em *Corpos Que Importam* (1993), Tomie, enquanto personagem-tema de uma narrativa de horror, pode ser

interpretada de forma simbólica como uma extrapolação de contextos reais de misoginia, nos quais o corpo da mulher é violado, sua palavra é distorcida e sua agência é anulada. Voltamos o olhar, então, para como Junji Ito utiliza o foco narrativo para subverter expectativas e quais questionamentos surgem nas entrelinhas da representação de Tomie, marcada sempre pelas percepções parciais e incompletas dos personagens-foco. No cerne desta análise, estão as questões: Quem – ou o que – é Tomie? Qual o limite de sua suposta invulnerabilidade? Por que essa personagem inspira fascínio? E por que ela inspira horror?

Palavras-chave: Junji Ito. Horrorismo. Mulher-monstro. Femicídio. Abjeção.

Eixo 8

*O ensino de línguas em
perspectivas materna e
não-materna*



A ASPECTUALIDADE VERBAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL PARA ESTRANGEIROS: EXPRESSÃO DAS NUANCES DE COMPLETUDE E DURAÇÃO POR FALANTES DE ÁRABE

Cristiane Vieira Ribeiro de Oliveira (UERJ)

Pode-se definir a noção de aspecto, como uma “[...] categoria de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou as suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação” (TRAVAGLIA, 2016, p. 42). Na língua portuguesa, elementos representacionais dessa categoria são o sentido do verbo, as flexões temporais empregadas, o acompanhamento de adjuntos adverbiais e certos tipos oracionais, caracterizando-a como uma categoria de ordem léxico-sintática (CASTILHO, 1968, p. 55). No tocante à expressão do aspecto e das diversas possibilidades de tempo e modo no sistema verbal árabe, há duas formas verbais principais, tanto isoladas quanto em construções com demais verbos e partículas, como formas basilares para a materialização dessas nuances (LIMA, 2017, p. 85). Dessa forma, o presente trabalho toma como objeto de estudo, especificamente, a noção de aspectualidade verbal em Português do Brasil e seus usos por estrangeiros, especificamente, falantes de árabe como língua materna, a partir da transcrição de reportagens publicadas em vídeo na plataforma do Youtube, em que esses falantes de árabe contam sobre suas vidas. Sobre as bases teóricas que sustentam

a presente pesquisa, utiliza estudos não exclusivamente dedicados aos estudos de Português Língua Não Materna (PLNM), que tratam de aspectualidade de modo mais geral. Ademais, leva-se em consideração os aportes teóricos da Abordagem comunicativa como meio de adquirir regras formais e funcionais da língua, manifestando-as em seus diversos contextos de usos com objetivo comunicativo (HYMES, 1972), decorrente disso, o conceito de Competência Comunicativa (Widdowson, 1978), a ideia de Língua em uso (MARTELOTA, 2012), pautados na noção de Aspecto como duração interna do processo verbal (AZEREDO, 2010, p. 132). Resultantes desse processo, verifica-se estratégias de usos que esses falantes fazem dos verbos em português no decurso das interações linguísticas autênticas, proporcionando um leque de usos das formas verbais e de suas nuances aspectuais no português, mostrando como estão sendo empregadas e as estratégias utilizadas para a marcação de completude e duração por esses falantes nativos de árabe.

Palavras-Chave: Aspectualidade. Português como língua não materna. Competência comunicativa. Completude e duração.

A TESSITURA DO TEXTO: UMA ANÁLISE DA MATERIALIZAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTO “VENHA VER O POR DO SOL”

Alini Cardozo dos Santos Paravidini (UERJ)

O ensino e a aprendizagem de língua sempre foi alvo de críticas e constantes investigações, especialmente no que tange ao pouco sucesso dos estudantes nos processos de leitura, compreensão e produção textual. É notório, na atualidade, que esse ensino não tem alcançado os efeitos desejados, já que, por vezes, as aulas de português acabam sendo baseadas em atividades mecânicas, descontextualizadas e destituídas de significado. Tais problemas ficam ainda mais evidentes a partir dos resultados de avaliações da Educação Básica, produzidos pelo SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), os quais revelam a fragilidade do sistema educacional brasileiro. No âmbito da Língua Portuguesa, pode-se dizer, tendo em vista as médias alcançadas nos últimos anos, que os estudantes apresentam dificuldade em realizar inferências, estabelecer relações lógico-discursivas e correlacionar textos. Fundamentando-nos nessa questão e na urgente necessidade de que o texto assuma centralidade na sala de aula, desenvolveu-se este trabalho. Tendo como base as teorias de autores como BEAUGRANDE (1997); DIJK (2012); KLEIMAN (1997); KOCH (2004; 2008; 2021); MARCUSCHI (2007; 2008) e TRAVAGLIA (2001), empreendeu-se uma análise da materialidade linguística no conto “Venha ver o por do sol”, de Lygia Fagundes Telles, alicerçada na perspectiva interacionista e nos princípios e regras do Processo

Inferencial Automático, visando a colaborar para as práticas de leitura em salas de aula de língua da contemporaneidade. Como resultado da análise, foi possível verificar que escolhas lexicais e as relações semântico-discursivas estabelecidas sustentaram a construção literária de acordo com o projeto de dizer da autora. Espera-se, com este trabalho, contribuir para que outros professores façam uso dessas ideias de modo a empreenderem análises como esta em suas salas de aula.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Texto. Perspectiva Interacionista. Processo Inferencial Automático.

ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E A UTILIZAÇÃO DO GÊNERO MEME COMO RECURSO PEDAGÓGICO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Bruna Iansen Basile (UERJ)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise dos exercícios que utilizam o gênero meme existentes em livros didáticos submetidos ao Programa Nacional do Livro Didático 2023 para os anos finais do Ensino Fundamental. Conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular e os Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto deve ser o elemento central do ensino de Língua Portuguesa e o meme surge como um gênero da cultura digital contemporânea possível para ser utilizado como recurso de ensino-aprendizagem. Nesse segmento de ensino, espera-se que os alunos fortaleçam a sua autonomia por meio de ferramentas para acessar e interagir criticamente com os diferentes conhecimentos e fontes de informação devido ao fato de a cultura digital promover mudanças sociais significativas na sociedade contemporânea. A análise foi realizada consoante ao pensamento de Antunes (2003) e de Rojo (2015) acerca da utilização dos gêneros para cumprir o propósito das aulas de Língua Portuguesa, além de empregar exemplos próprios da cultura digital presentes no cotidiano dos jovens. Os resultados observados a partir dessa análise consistem em uma utilização simplista acerca do gênero, o texto como um pretexto para atividades de análise gramatical e, ainda, pouca incidência do meme nos livros didáticos. Espera-se, portanto, que esse estudo

traga uma reflexão sobre como os docentes podem inserir os memes nas aulas de Língua Portuguesa e façam uso produtivo desses textos para a incorporação das novas linguagens e dos seus modos de funcionamento nas salas de aula.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Livro didático. Meme.

CAMINHOS PARA A LEITURA EM SALA DE AULA SOB A PERSPECTIVA METACOGNITIVA

Mariana Nunes Marinho (UERJ/CAPES)

A leitura como prazer e entretenimento há muito está presente na vida da civilização humana. Isso faz com que as pessoas sejam capazes de adquirir novos conhecimentos e, também, viajar por mundos desconhecidos a partir da imaginação. No entanto, a realidade leitora atual no Brasil vai de encontro a essa afirmativa, além de haver uma parcela significativa de brasileiros que são analfabetos funcionais. Nesse sentido, esta comunicação, sob o tema “A leitura do conto ‘Atrás do arco-íris’, de João Carrascoza (2014), em turma do 6º ano do Ensino Fundamental sob a perspectiva da linguística metacognitiva”, visa colaborar com a prática docente no que tange à formação do aluno-leitor a fim de traçar caminhos que levem a uma leitura mais autônoma e de qualidade, para que, assim, possam ser formados leitores proficientes. A metodologia norteadora pauta-se em estudo bibliográfico, com a fundamentação delineada em Chomsky (1965), Pilati (2019), Maia, Garcia e Fernandes (2019) e na proposta de atividades linguística, epilinguística e metalinguística, em momento pré e pós-leitor, a partir dos pressupostos teóricos de Solé (1998) e de Pilati (2019). Após o levantamento, verificou ser possível o trabalho da metacognição na sala de aula, visto que possibilitará ao alunado perceber utilidade no que está aprendendo ao ter sua língua internalizada

(língua-i) e seu conhecimento de mundo levado em consideração dentro dos muros da escola.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Leitura. Aprendizagem Linguística Ativa. Metacognição. Atividades Linguística, Epilinguística e Metalinguística.

CODOCÊNCIA ENTRE PROFESSOR BILÍNGUE E INTÉRPRETE DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR

Renata dos Santos Costa (UERJ)

Essa pesquisa visa discutir o conceito de Codocência aplicado na Educação Inclusiva e em instituições com alunos surdos matriculados. Foi pensada na perspectiva qualitativa (FREITAS, 2010). O desenho metodológico buscou construir informações por meio de levantamento bibliográfico (GIL, 2002). A Lei de Libras (BRASIL, 2002) oficializou a Língua Brasileira de Sinais do país como meio de comunicação e expressão da comunidade surda. É preciso construir um trabalho que possibilite que a comunidade escolar e acadêmica valorizem as línguas de todos os estudantes. Ainda são enormes os desafios dos discentes surdos na luta por acessibilidade e ampliação do acesso à educação. A implantação de uma codocência ocorre quando o trabalho é planejado e desenvolvido na parceria entre professores e intérpretes de Libras. Ao invés de uma bidocência, significando simplesmente ocuparem o mesmo espaço de trabalho, a coparticipação mútua beneficiará a todos (KELMAN, 2008; KELMAN & TUXI, 2011; PHILIPPSSEN *et al.*, 2019, dentre outros). Todos os discentes Surdos têm direito de acesso aos conteúdos acadêmicos em língua de sinais, em qualquer nível de escolarização. Além disso, deve haver organização de currículos, atividades e avaliações voltadas para as suas particularidades linguísticas, demandando uma organização estrutural. Ainda enfrentamos desafios quanto ao engajamento do poder público e das instituições na defesa da garantia dos

direitos linguísticos de comunidades minoritárias (CALVET, 2007). Dentre alguns dos resultados provisórios, é possível considerar que quando o intérprete de Libras possui formação no campo educacional, a relação de codocência poderá ter mais chances de ser desenvolvida. O intérprete de Libras não deve substituir o professor no ensino dos conteúdos das disciplinas, porém deve construir um trabalho de codocência, usando juntos as estratégias e planejamento necessários para um atendimento de qualidade (TUXI, 2009). A estrutura organizacional precisa ser anterior à alocação dos alunos e profissionais nas turmas para que a comunidade escolar e acadêmica realize a demanda institucional de maneira coerente.

Palavras-chave: Codocência. Libras. Educação de Surdos. Intérprete de Libras. Acessibilidade Linguística.

DIVERSIDADE NA AULA DE LÍNGUA ADICIONAL: PERSPECTIVA INTERCULTURAL CRÍTICA

Helena da Conceição Gonçalves (UERJ)

No presente trabalho, intenta-se problematizar a dimensão cultural relacionada a língua no processo de ensino-aprendizagem de francês como língua adicional, dentro de uma perspectiva intercultural. Diante do crescimento, na contemporaneidade, da interação entre pessoas de culturas diversas, impulsionada pelo avanço das tecnologias de comunicação, as diferenças e igualdades entre os sistemas culturais são, com frequência, postas em evidência e as representações sociais se tornam mais dinâmicas, de modo que, surge a necessidade do desenvolvimento de uma interação mais dialógica entre os indivíduos de diferentes realidades. Nesse sentido, a proposta de educação intercultural crítica (CANDAUI, 2012;2016) apresenta-se como uma possibilidade de formação que valoriza a construção de relações de respeito e igualdade entre diferentes atores e grupos sociais. Assim, nesta pesquisa, busca-se investigar o papel da abordagem da diversidade cultural e linguística na aula de língua francesa, na Educação Básica, em uma escola pública, localizada na cidade do Rio de Janeiro, como possibilidade de promoção de uma formação intercultural crítica. Para isso, realiza-se o estudo das representações sociais (MOSCOVICI, 2002) e linguísticas (PEREIRA; COSTA, 2012) dos envolvidos e do tratamento da diversidade sociocultural relacionado ao universo francófono durante as aulas. Este trabalho caracteriza-se como

uma pesquisa ação participante (BRANDÃO, 1981; THIOLENT, 2011), de base qualitativa interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008), na qual utilizam-se questionários, diários de pesquisa e entrevistas. Visto que o levantamento de dados será realizado, ainda não há resultados concretos, no entanto, no que tange as percepções da dimensão cultural, foi possível constatar o compartilhamento, na referida sala de aula, de visões simplificadas do universo francófono.

Palavras-chave: Educação intercultural. Formação crítica. Línguas adicionais. Diversidade cultural. Educação Básica.

IMPLICAÇÕES DO MITO DO FALANTE NATIVO NA AULA DE LÍNGUA ADICIONAL: ENTRE ESTEREÓTIPOS E DIVERSIDADES

Cassandra de Oliveira Rodrigues (UERJ)

Helena da Conceição Gonçalves (UERJ)

Uma das metas didáticas no ensino de línguas adicionais é, frequentemente, desenvolver uma suposta competência perfeita do falante “nativo” (RAJAGOPALAN, 2003; GRADDOL, 2006). Tal pressuposto implica pensar o “não-nativo” como um aprendiz imperfeito, tornando a aprendizagem da língua alvo um objeto inalcançável, pois sempre seria a “língua-mãe” do outro (CARDOSO, 2017, GRADDOL, 2006, RAJAGOPALAN, 2003). As línguas, contudo, não têm donos: há um processo de apropriação por parte dos falantes, que as influenciam ao mesmo tempo em que sofrem suas influências. (CARDOSO, 2017). Em um mundo cada vez mais conectado, em que línguas e culturas influenciam-se mutuamente, é mister desconstruir a crença de que cada país possui uma língua nacional única, propriedade do “nativo” idealizado. Tal concepção vai contra a noção da variação linguística inerente a todas as línguas, evidenciando uma epistemologia colonialista no ensino-aprendizagem de línguas adicionais que se caracteriza pela valorização dos grupos sociais dominantes em detrimento de outros que são excluídos e inferiorizados. Assim, a construção de representações sociais (MOSCOVICI, 2002) e linguísticas (PEREIRA; COSTA, 2012) em sala de aula são, muitas vezes, marcadas por estereótipos e preconceitos, fortemente influenciadas pelo mito do “nativo”.

Uma possibilidade de desconstruir esses mitos é a perspectiva intercultural crítica, pois aborda a diversidade cultural através da relação de equidade entre os diversos atores sociais, valorizando a alteridade, as diferenças e a construção de relações mais igualitárias entre os distintos grupos socioculturais (CANDAU, 2012; 2016). Utilizando como metodologia a pesquisa qualitativa-interpretativa, este trabalho pretende estabelecer um diálogo entre as pesquisas de doutorado de Gonçalves (2023) e de mestrado de Rodrigues (2023) que buscaram analisar as representações sociais e linguísticas de alunos de francês e inglês como língua adicional. Verificamos que o mito do “nativo” ainda está presente nessas construções, indicando que é preciso seguir fomentando pesquisas que adotem a perspectiva intercultural crítica para possibilitar um ensino-aprendizagem que valorize a alteridade e identidade linguística dos falantes.

Palavras-chave: Representações. Variação linguística. Interculturalidade. Ensino-aprendizagem. Línguas adicionais.

O QUE É SABER UMA LÍNGUA: GRAMÁTICA NORMATIVA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Cassandra de Oliveira Rodrigues (UERJ)

A frequente crença na identificação entre língua e gramática não é de todo errônea se pensarmos a gramática como o conjunto sistemático de regras que interiorizamos na infância, o saber linguístico dos falantes, a “*verdadeira gramática da língua [...] da qual todas as demais [...] não passam de mera reprodução*” (LUFT, 1985, p. 40, grifos meus). Compreendida como o sistema de regras que qualquer falante de determinada língua domina, a *gramática internalizada* é constituída pelos “conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases [...] de maneira tal que essas frases [...] são compreensíveis e reconhecidas como pertencentes a uma língua” (POSSENTI, 1996, p. 68). Contudo, a crença na identificação entre língua e gramática é invertida (BAGNO, 2015), de modo que, em geral, acredita-se que primeiro deve-se saber gramática e só depois de ter aprendido essa tal gramática pode-se dizer que se *sabe uma língua*. Dessarte, “saber falar uma língua é conhecer esse sistema e empregá-lo corretamente” (LUCCHESI, 2016, p.11), mas não o sistema de regras que todo falante de uma língua possui, e sim o sistema prescrito pela gramática normativa que determina o “conjunto de regras *que devem ser seguidas*” (POSSENTI, 1996, p. 61, grifos meus). Assim, aqueles que não dominam as regras prescritas pela gramática tradicional são julgados, diminuídos e inferiorizados, como se não soubessem falar a própria língua que falam, sofrendo, portanto, preconceito

linguístico. O presente trabalho é um recorte da minha pesquisa de mestrado (2023) desenvolvida na UERJ que buscou investigar a interferência do preconceito linguístico no ensino-aprendizagem de inglês. Utilizamos como metodologia a pesquisa cartográfica qualitativa-interpretativa, a fim de averiguar, entre outras questões, o que alunos e professores de inglês entendiam por saber uma língua. Através da análise das suas manifestações linguísticas, obtidas por meio de questionários e entrevistas semi-estruturadas, concluímos que boa parte dos participantes, ainda que questionasse tais crenças, identificava saber uma língua com saber suas normas gramaticais, o que nos levou a corroborar a crença no mito da identificação da língua com gramática normativa. Assim, pretendemos demonstrar como essa identificação pode contribuir para perpetuar o preconceito linguístico no ensino de línguas adicionais.

Palavras-chave: Preconceito linguístico. Gramática normativa. Gramática internalizada. Saber uma língua. Ensino-aprendizagem de inglês.

Eixo 9

*Literatura infantil e juvenil:
diálogos plurais*



A MITOLOGIA GRECO-ROMANA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Rafaelli de Miranda Pereira (UERJ)

Regina Silva Michelli Perim (UERJ)

O projeto “Literatura Infantojuvenil, narrativas de ontem e de hoje”, ligado à Iniciação Científica, constitui-se em estudos e análises relacionados às literaturas infantis e juvenis, criando conexões com outras áreas do conhecimento. Além disso, revela que esse tipo de estudo é de tamanha relevância, pois muitas pessoas consideram e sustentam o argumento da literatura infantil ser simplesmente “menor”, sem importância, embora as pesquisas atuais demonstrem o valor estético e literário dessa literatura, que pode ser lida por todos, inclusive adultos, por sua marca poética e de plurissignificação nos textos. O objetivo deste trabalho é analisar os elementos mitológicos presentes na literatura infantojuvenil, estabelecendo conexões com a fonte da mitologia greco-romana, suas narrativas e personagens. A pesquisa é conduzida por meio de uma análise comparativa bibliográfica, considerando textos que abordam a origem dos mitos e sua adaptação para o público infantil e juvenil. Observa-se como se desenvolve a relação entre o antigo mito e sua presença na Literatura Infantil, com respaldo em teóricos que analisam tanto os mitos a partir de Homero, como Junito de Souza Brandão, quanto o livro infantil, como Nelly Novaes Coelho. Como resultado, foram estudados textos sobre a Literatura Infantojuvenil e suas origens, nos quais se encontram elementos do maravilhoso, também presentes na mitologia clássica. Este

trabalho tem por corpus ficcional o conto “Barba Azul”, de Charles Perrault, escritor considerado um dos fundadores do que hoje se entende por literatura potencialmente dirigida às crianças, e objetiva investigar origens míticas ou possíveis associações com as narrativas da mitologia greco-romana. Consideramos que estudos na área de Literatura Infantojuvenil possuem grande importância no meio acadêmico, pois promovem uma visão mais aprofundada de uma literatura que é muito mais complexa do que sugerem leituras superficiais, além de contribuir para a formação de alunos que desejam ser professores e utilizar a literatura em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Mitologia grega. Perrault.

AS LENDAS DE DANDARA E A MEMÓRIA HISTÓRICA

Gabriella Marinho da Silva (UERJ/PIBIC)

Não é surpresa afirmar que a história nem sempre conta todos os fatos, isso se dá por muitos motivos, mas principalmente pelo narrador e sua perspectiva. Sabemos que por muito tempo os povos marginalizados no Brasil, em especial os negros, tiveram grande parte de sua versão esquecida ou apagada pela elite dominante do país. Só a partir da implementação de leis, que buscaram dar voz e visibilidade para esse povo excluído, começamos a ter acesso à essa parte da história e conseguimos dimensionar a importância de personagens como Dandara na formação da nossa cultura. Assim, pensando na função social que a literatura infantojuvenil pode acrescer na visibilidade e representação desses fatos que nos foram negado o conhecimento, é que tem-se, então, o livro *As lendas de Dandara* da autora Jarid Arraes e ilustrado por Ariane Freitas em que é trago para o acesso infantil a história de Dandara dos Palmares, uma guerreira que luta contra o sistema escravagista a fim de reconquistar sua liberdade ao lado de seu companheiro Zumbi dos Palmares. Além de promover o debate sobre a escravidão e o racismo, o livro também busca valorizar a importância das mulheres na luta e na construção da sociedade, uma vez em que a protagonista Dandara é uma mulher negra, e dando assim visibilidade para uma parte da história brasileira ainda pouco contada. Logo, com o objetivo de analisar como a literatura infantojuvenil ajuda na recuperação da memória cultural e na

formação de um pensamento crítico e social sobre os fatos históricos, essa pesquisa, ainda em estágio inicial se baseia na metodologia de análise qualitativa do texto ficcional e de pesquisa bibliográfica sobre os estudiosos Cuti e Eliane Debus acerca da literatura afro-brasileira e seu impacto social.

Palavras - chave: Dandara dos Palmares. Literatura infantojuvenil. Memória histórica.

AS MORTES E A INFÂNCIA EM *SAPATO DE SALTO*, DE LYGIA BOJUNGA

Elisa da Silva Santana (UERJ)

O presente trabalho visa a fazer uma análise crítica da obra *Sapato de salto*, de Lygia Bojunga, pensando nas questões da infância e da morte a partir das diferentes formas de representação da morte na narrativa. Abordaremos, principalmente, o suicídio da personagem principal Sabrina, a morte da tia dela e da bebê Betina, filha da personagem Paloma. Nosso estudo utiliza, como aporte teórico, textos de análise crítica de Gregorin Filho, Alice Áurea Penteado e Danúbia Ferreira Alves sobre a mesma obra, a fim de aprofundarmos as representações simbólicas do salto alto que contorna a questão da prostituição na narrativa; neste trabalho, porém, focaremos, especificamente, nas mortes de personagens. Este trabalho propõe fazer um percurso para entender como as mortes se relacionam com a história da personagem principal, e mostrar possibilidades de leitura para a construção simbólica dessas mortes. Recorreremos também aos estudos de Ana Margarida Ramos, Beatriz Feres e Regina Michelli para analisar problemáticas apresentadas na história ligadas a temas fraturantes ou sensíveis sendo desenvolvidos em uma obra de literatura direcionada ao público infantil e juvenil. A pesquisa integra projeto de mestrado na UERJ e se encontra em estágio inicial.

Palavras-chave: Literatura infantil. Lygia Bojunga. Temas fraturantes. Morte. Teoria literária.

FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: O LER COMPARTILHADO E A CRIAÇÃO DE NOVOS DIÁLOGOS

Cristiane do Couto de Moraes (UERJ)

Compartilhar histórias tem um poder bem maior do que imaginamos. Além da perpetuação das mesmas, ao compartilharmos, refletimos juntos, tiramos conclusões, acrescentamos ou recriamos partes da história. Podendo até mesmo criar outras histórias a partir de um texto literário. Sendo assim, a utilização da leitura compartilhada nas escolas torna-se uma ferramenta valiosa na formação do leitor literário. Teresa Colomer (2007) aponta que possivelmente uma das causas de resistência à leitura provenha da perda das formas de leitura coletiva nas sociedades contemporâneas. Por essa razão, nossos planos de ações devem vislumbrar várias atividades em que o “ler com os outros” é acolhido e vivenciado. Este trabalho tem como objetivo apresentar a estratégia da leitura, mais especificamente da literatura infanto-juvenil, de maneira compartilhada em roda ou círculos de leitura, apresentando relatos dessa prática desenvolvida em salas de leitura das escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro com a percepção de oportunidades de criação de novos diálogos e discursos a partir das leituras feitas nas aulas. Segundo (ROJO, 2012, p. 194), revendo teorias bakhtinianas sobre discurso, relata que: “a leitura é um ato de relacionar um discurso (texto) com outros discursos anteriores a ele, emaranhados nele e posteriores a ele, como possibilidades infinitas de réplicas, gerando novos discursos (textos)”. A leitura

tem o poder de fecundação e propagação de ideias, adicionado seu processo interativo, ela incita a criatividade e a construção de novos significados e conseqüentemente novas histórias.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Compartilhar. Diálogos.

MORTE E LUTO NA SÉRIE *ANNE DE GREEN GABLES* DE LUCY MAUD MONTGOMERY

Hugo Dias Molina (UERJ)

Este trabalho propõe-se a analisar as seis primeiras obras literárias componentes da série de romances iniciada por *Anne de Green Gables* (*Anne de Avonlea*, *Anne da Ilha*, *Anne de Windy Poplars*, *Anne e a Casa dos Sonhos* e *Anne de Ingleside*) da autora canadense Lucy Maud Montgomery, publicadas entre 1908 e 1939. O principal objetivo desta investigação é observar a ocorrência de morte e pesar na narrativa e como esses acontecem à luz da filosofia, psicanálise, e teoria literária. Será proposto, por exemplo, comparar cada exemplo de morte e pesar na narrativa e de qual maneira esses coincidem com conceitos e estudos concebidos por teóricos de áreas como filosofia e psicanálise. A obra de Lucy Maud Montgomery sempre atraiu um grande público hipnotizado pelo otimismo e resiliência de Anne Shirley. Como uma menina que se tornou órfã com tão pouca idade, ela vê o momento de sua adoção pelos Cuthberts como um presente, uma redenção quase inesperada. A morte deixa uma marca nela no início de sua vida, com a partida de seus pais. Esta morte produz resultados que estão fora do controle da protagonista. Ela ainda é uma criança e não tem poder de decisão, o que a faz sofrer a consequência mais comum encarada por crianças em seu lugar, que se veem à mercê de quem quer que possa e queira ajudá-la, em troca de limpeza e serviço de babá. Como uma logófila, eloquente e cheia de imaginação, a personalidade dela é altamente evidente, provendo impressões

tanto favoráveis quanto espúrias. Contudo, a esperança e a luz que o seu cabelo ruivo e a sua sagacidade carregam a transformam neste pequeno anjo de luz de mudança na plácida e até-o-momento tediosa fazenda de Green Gables e da tranquila cidade de Avonlea. Pode-se dizer que a vida de Anne se inicia de fato, no momento em que Marilla confirma a sua adoção. Em metáforas e alegorias, seria dito que a morte dos pais dela é a morte dela própria, suas primeiras famílias adotivas, o seu purgatório; e a sua família adotiva final, em Green Gables, o seu paraíso. Porém, não há morte no paraíso. Ou há?

Palavras-chave: Literatura canadense. Lucy Maud Montgomery. Anne de Green Gables. Morte. Luto.

MORTE EM CONTOS DE FADAS: AS VERSÕES PORTUGUESAS DE *A BELA E A FERA*

Igráinne de Brito Marques (UERJ/CAPES)

A ideia de que contos de fadas precisam necessariamente ter um final feliz faz parte da construção social contemporânea desse tipo de narrativa. Essa perspectiva foi reforçada pela influência estadunidense da empresa Disney, que se tornou, no século XX, a grande voz das adaptações dessas histórias para o meio cinematográfico. Por muito tempo, no entanto, ignorou-se – embora não por desconhecimento, e sim por conveniência – que contos de fadas poderiam ter versões mais obscuras ou meramente discrepantes daquelas histórias apresentadas pela grande mídia. A história de *A Bela e a Fera*, narrativa da França do século XVIII, apresenta duas variantes consideradas pela crítica especializada como originais: uma de 1740, escrita por Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve; e uma de 1756, elaborada por Jeanne-Marie Beaumont. Em ambas as versões, o encerramento se dá com o popularmente conhecido “final feliz”. Essas narrativas, no entanto, produziram variantes que fogem ao desfecho considerado positivo, como as versões portuguesas do conto: uma assinada por Consiglieri Pedroso (1985), que culmina em morte; e uma escrita por Adolfo Coelho (1999), em que a morte é uma ameaça constante. Visa-se avaliar tais variantes sob a perspectiva de especialistas em contos de fadas, como Maria Tatar, Angela Carter e Marina Warner, além de se promover uma reflexão a respeito da apresentação da morte para leitores iniciantes, ou seja, crianças. Objetiva-se desmistificar o assunto

frente à primeira idade, levantando-se a oferta de que contos de fadas podem ser mais do que simples histórias.

Palavras-chave: Contos de fadas. A Bela e a Fera. Literatura infantil. Morte na literatura.

POEMAS MATERNOS DE GABRIELA MISTRAL EM *BALADA DA ESTRELA E OUTROS POEMAS*

Fernanda da Silva Ferreira Ramos (UERJ)

As músicas de ninar e as cantigas de roda fazem parte (deveriam fazer) do repertório cultural da infância, tornando mais afetivos os laços entre adultos e crianças. As cantigas de roda são objetos sociais que entrelaçam diversas idades; a criança experimenta e vivencia os prazeres do brincar por meio das cantigas, e o adulto rememora as experiências vividas na infância. Ambos participam do jogo, configurando novas memórias. O objetivo deste trabalho é apresentar os diálogos de Gabriela Mistral e a literatura infantil entre objetos da vida infantil como as músicas de ninar e as cantigas de rodas. Como corpus ficcional, analisaremos alguns poemas de Gabriela Mistral (2009), publicados pela editora Olho de Vidro traduzidos pelo poeta Leo Cunha, passeando pelas as ilustrações de Leonor Pérez, que dão corpo ainda mais significativo às palavras. Propomos uma análise de um livro endereçado para o público infantil, levando em consideração a leitura das imagens, com base nas leituras teóricas de Sophie Van der Linden (2018), *Para ler um livro ilustrado*, e Graça Ramos (2020), *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Como corpo teórico no tocante à leitura de um livro infantil, gênero poesia, traremos a contribuição de Glória Kirinus (2011), *Synthomas de poesia na infância*, Jacqueline Heylen (1987), *Parlenda, riqueza folclórica: base para a educação e iniciação à música*. É nosso intento evidenciar como a poesia

pode se tornar uma grande brincadeira e uma aliança entre diferentes vivências e memórias.

Palavras-chave: Literatura infantil. Poesia. Gabriela Mistral. Músicas de roda. Músicas de ninar.

SEXUALIDADE NA LITERATURA DISTÓPICA JUVENIL

Camila Maria Rodrigues Macedo (UERJ/ CAPES)

A distopia se caracteriza por um gênero literário no qual há um Estado extremamente negativo, adoentado, dominado pelo medo (CLAEYS, 2017). As distopias juvenis (*Young adult*) contém elementos de ficção científica, fantasia e, mais recentemente, romance. São histórias comumente passadas no futuro e definidas por privação, opressão e terror. As distopias são extremamente populares com os adolescentes, pois os protagonistas dessas histórias passam pela transição da adolescência para a vida adulta, característica da literatura juvenil (GILLIS; SIMPSON, 2015). Ainda segundo as autoras, “sexo” é um tópico social e político na literatura distópica. Roberta SeelingerTrites, em seu livro *Disturbing the Universe: Power and Repression in Adolescent Literature* (2000), correlaciona sexo com poder, utilizando *História da Sexualidade*, de Michael Foucault (1988), e de sua asserção de que, na cultura Ocidental, sexualidade depende de uma dinâmica de poder/repressão. Sexo é tão poderoso que deve, mas não consegue, ser controlado. Dentro das obras de distopia juvenil, encontram-se séries como *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins (2010 - 2011); *A Seleção*, de Kiera Cass (2012 - 2014); e *Delírio*, de Lauren Oliver (2012 - 2014). Assim, objetiva-se analisar o gênero distopia dentro da literatura juvenil, por meio das obras supracitadas, e questões de sexualidade: como ela se apresenta nas personagens principais e como as relações amorosas das obras selecionadas são desenvolvidas. A fundamentação teórica

será feita por meio de Bryan Gillis e Joanna Simpson, com seu livro *Sexual Content in Young Adult Literature: Reading between the Sheets* (2015); Michael Cart em *Young Adult Literature: From Romance to Realism* (2010), e Basu Balaka, Katherine R. Broad e Carrie Hintz, com o livro *Contemporary Dystopian Fiction for Young Adults: Brave New Teenagers* (2013).

Palavras-chave: Literatura juvenil. Sexualidade. Literatura Young Adult. Distopia juvenil.

Eixo 10

*Não temos tempo de temer:
pensando a literatura como
protesto*



A ANCESTRALIDADE PODE FALAR? REVERBERAÇÕES ANCESTRAIS EM *GABRIELA, CRAVO E CANELA* (2012)

Clara Sampaio Fernandes (UERJ)

O presente estudo é um recorte de tese em andamento e busca analisar em *Gabriela, cravo e canela* (2012), de Jorge Amado, o silenciamento bem como o pronunciamento de vozes femininas – que não se dão necessariamente pela palavra. Para tanto, será observado o silêncio imposto à personagem ancestral Ofenísia, o que ele deixa perceber, como a memória da história narrada por outrem perpetua-se na sociedade e como sua (não) voz pode manifestar-se nas descendentes Sinhazinha, Malvina e Gabriela. Nesse sentido, examinar-se-á fatores como a história descrita acerca da ancestral feminina Ofenísia, seu silenciamento, mas também sua memória presente e como isso contribui para a ascensão de novas vozes femininas e mudança de práticas e, conseqüentemente, do futuro. Para tal, serão utilizadas obras como *O perigo de uma história única* (2019), de Chimamanda Adichie, *O Banquete dos deuses* (2009), de Daniel Munduruku e *Pode o subalterno falar?* (2010), de Gayatri Spivak. As obras de Adichie (2019) e de Spivak (2010) serão suporte para problematizarmos o silenciamento e o apagamento do sujeito subalterno feminino bem como unir-se-ão a Munduruku (2009) para alertar sobre a necessidade de voltar à atenção para a ancestralidade como forma de resgate e libertação. Pretende-se, então, evidenciar que a voz abafada da personagem ancestral Ofenísia reverbera em ações das mulheres que depois dela

vieram, como Sinhazinha, Malvina e Gabriela, e que tal eco do passado se faz ouvir no presente para reverberar ainda mais o futuro. A narrativa criada por personagens masculinas para Ofenísia é repetida durante a obra inteira, tornando-se parte de uma memória coletiva. Assim, a lembrança-presença de uma personagem aparentemente coadjuvante, com suposta irrelevância na obra, ganhará espaço central e inspirará reflexões, resistência e transformações sociais de modo que a ancestralidade não apenas fale, mas se uma a outras vozes e ecoe liberdade.

Palavras-chave: Ancestralidade. Voz. Memória. Gabriela, cravo e canela. Jorge Amado.

A CAIXA DE FERRAMENTA POÉTICA: UM BREVE ESTUDO SOBRE POESIA ESCRITA POR MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE

Carla dos Santos e Silva Oliveira (UERJ/CAPES)

Esta proposição parte do desejo de compreender certo ímpeto violento encontrado em alguma poesia escrita por mulheres, materializado na insistência de determinado gesto perfurador presente nessas obras, cujas temáticas tratam das encruzilhadas que se apresentam à contemporaneidade, como a questão reprodutiva, a violência sexual, o racismo etc. Para além do enfrentamento do androcentrismo branco, esse atributo belicoso será contraposto com um caráter propositivo que constitui, também, esses projetos literários, considerando as ferramentas – punho, martelo, alicate e bombas – e os artifícios poéticos – humor causticante, manejo da brutalidade etc. – utilizados pelas autoras. Dentro desse contexto, este estudo observará como as poetisas, em seus trabalhos, criam aberturas para outros sentidos, no que diz respeito ao que se convencionou chamar de “mulher”, “mulher negra” e “feminino”. Para tanto, esta comunicação lançará mão dos livros *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas; *O martelo*, de Adelaide Ivánova; *Use o alicate agora*, de Natasha Felix; e *Onde estão as bombas*, de Tatiana Pequeno. Por fim, pretende-se trazer breves apontamentos sobre a presença da referida poética na cena contemporânea, tendo em vista uma perspectiva interseccional.

Palavras-chave: Poesia contemporânea. Mulheres. Corpo.

A CRIANÇA DE CAROLINA E DE CONCEIÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A INFÂNCIA NEGRA NAS OBRAS *QUARTO DE DESPEJO* E *BECOS DA MEMÓRIA*

Débora Magalhães de Souza França (UERJ)

A presente pesquisa intitulada “A criança de Carolina e de Conceição: um estudo comparativo sobre a infância negra nas obras *Quarto de despejo* e *Becos da Memória* objetiva analisar de que forma a infância negra é retratada nas obras citadas. Para tal, utiliza-se como metodologia a pesquisa bibliográfica das obras em questão. Pretende-se estabelecer quais pontos convergem e/ou divergem em relação ao olhar de duas mulheres negras acerca das infâncias que vivenciam de diferentes perspectivas – a de uma mãe em *Quarto de Despejo* e a de uma protagonista criança em *Becos da Memória*. Destacamos o reconhecimento de características próprias da literatura afro-brasileira, como o protagonismo étnico. A pesquisa se apoiará nos conceitos de literatura afro-brasileira de Duarte (2006) o qual acredita que tal literatura pressupõe um protagonismo do negro à medida que este abandona um lugar de objetificação e subalternização e alcança uma abordagem de humanização. A importância da abordagem desta temática se dá pela necessidade de pensar e repensar de que forma a literatura reflete o olhar sobre a infância negra em nossa sociedade, seu impacto na construção identitária da criança afrodescendente e a abordagem desta infância duplamente suplantada (étnico e etariamente) na literatura nacional.

Palavras-chave: Infância. Literatura nacional. Literatura negra.

A EDUCAÇÃO E A HERANÇA FAMILIAR EM ÉDOUARD LOUIS NA LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA

Paulo Cesar da Silva Lopes Junior (UERJ)

Édouard Louis (1992) é um jovem escritor e sociólogo francês que vem se destacando no cenário internacional por suas escritas autobiográficas eivadas de análises sociológicas. O seu primeiro livro autobiográfico, lançado em 2014, *En finir avec Eddy Bellegueule*, tornou-se um sucesso na França com mais de trezentas mil cópias vendidas. Na verdade, de origem pobre, o escritor, ao longo de sua carreira, tem utilizado a literatura autobiográfica para denunciar questões de caráter social e problemas que afetam diretamente comunidades marginalizadas na França e no mundo. No Brasil, o autor também conquistou um público significativo e dispõe de quatro obras autobiográficas traduzidas em língua portuguesa, a saber: *O fim de Eddy* (2018), em que Louis desvela a homofobia e a violência vividas em sua infância e juventude em um pequeno vilarejo no norte da França; *História da violência* (2020), também de cunho autobiográfico, que relata questões amplas como homofobia, imigração e desigualdade social dentro de um episódio traumático de assalto seguido de estupro em seu próprio apartamento e dois livros dedicados às figuras parentais, *Quem matou meu pai* (2023) e *Lutas e metamorfoses de uma mulher* (2023), que utilizaremos para investigar a educação e a herança familiar do autor. Desse modo, analisaremos o ambiente familiar do jovem francês – que outrora sofrera com a miséria, falta de perspectivas nos estudos e

na vida – que se dedica a debater esses temas que permeiam não só a sua própria vida, mas a de centenas de milhões de pessoas. Portanto, buscaremos entender como a sua própria experiência de superação da adversidade e sua disposição em abordar temas sociais contribuíram para a sua ascensão e figuração na cena cultural e literária da França e do mundo, tornando-se uma das vozes mais proeminentes da literatura francesa contemporânea.

Palavras-chave: Édouard Louis. Autobiografia. Preconceito. Educação. Pobreza.

CARLOS DE ASSUMPTÃO E OSWALDO DE CAMARGO: DOIS POETAS NEGROS BRASILEIROS

Ricardo Silva Ramos de Souza(UFJF/CAPES)

Os poemas “Protesto”, de Carlos de Assumpção, e “Grito de Angústia”, de Oswaldo de Camargo, publicados no volume de estreia de *Cadernos Série Cultura Negra*, da Associação Cultural do Negro (ACN) em 1958, demarcaram o início de duas longas trajetórias literárias. Desde então, os dois escritores destacaram-se no associativismo negro e na literatura negra brasileira, e tornaram-se referências para uma nova geração de autorias negras surgida na década de 1970, inclusive atuando com ela. Apesar desse reconhecimento, Assumpção e Camargo passaram décadas sem despertar maior interesse do mercado editorial e da crítica literária, com reduzida e restrita circulação de suas obras. Entretanto, esse panorama começa a se modificar na segunda década do século XXI, até o momento em que são publicados *Não pararei de gritar: poemas reunidos* (2020), de Assumpção, e os livros *O carro do êxito* (2021, contos), *30 poemas de um negro brasileiro* (2022) e *A descoberta do frio* (2023, novela), de Camargo, por uma grande editora comercial brasileira. Com isso, suas obras passam a ter uma visibilidade, reconhecimento e fortuna crítica inéditos. Valendo-se de pesquisa bibliográfica sobre as discussões em torno da literatura negra e suas características, as interdições do cânone literário para as autorias negras e as formas como as personagens negras são representadas pelo cânone literário brasileiro, esta comunicação pretende analisar

quais foram as condições possíveis para que, após sessenta anos de vidas literárias, Carlos de Assumpção e Oswaldo de Camargo conquistassem espaço em uma grande editora comercial e suas obras passassem a receber maior atenção da crítica acadêmica e ampliação de público leitor. A comunicação fundamenta-se em teóricos como Cuti, Oswaldo de Camargo, Edimilson de Almeida Pereira, Zilá Bernd e Florentina da Silva Souza.

Palavras-chave: Carlos de Assumpção. Oswaldo de Camargo. Literatura brasileira. Mercado editorial. Racismo.

COMO LER UM ROMANCE HOMOERÓTICO???

Evandro Viana (UERJ/CAPES)

Às margens do cânone literário tradicional, o autor carioca Kiko Riaze, mais conhecido por suas obras *Depois de Sábado à noite* (2008), *Águas Cálidas* (2011) e *Garotos do Beco* (2018), apresenta ao leitor narrativas que, de um modo geral, são fluídas, consistentes e bem amarradas, textos que prendem o espectador do início ao fim por tratarem de assuntos que, para muitos, ainda são tabus e, devido a isso, geram curiosidade de quem não faz parte da comunidade LGBTQIA+. Em suas obras o autor busca, seja em primeiro ou em segundo plano, fazer uma crítica a uma sociedade heteronormativa patriarcal que dita regras consoante as quais o restante da humanidade deve viver e que marginaliza as minorias, cerceando-as, em muitos casos, de ter voz, vez, representações e oportunidades dentro da sociedade. Além da crítica a sociedade, o autor também tece críticas às famílias que, não raras às vezes, discriminam e fazem com que os jovens LGBTQIA+ sejam obrigados a saírem de casa ou a viverem dentro de “armários”. Sainte-Beuve (1804-1869), um dos críticos franceses de maior influência no seu tempo, adotava uma metodologia crítica fundamentada no fato de que a obra de um escritor seria, primeiramente, todo um reflexo de sua vida e, assim, se poderia explicar por ela. Assim como ele, outros críticos literários adotaram essa forma de analisar as obras no decorrer dos tempos. Seria essa a forma mais adequada de se ler uma obra LGBTQIA+? Até que ponto críticos biografistas como Sainte-

Beuve, Sílvio Romero e Gisèle Sapiro estariam certos adotando essa metodologia crítica? Qual seria a forma mais adequada para ler obras homoeróticas escritas por autores LGBT's?

Palavras-chave: Literatura homoerótica. Literatura LGBTQIA+. Literatura brasileira contemporânea. Autores LGBTQIA+. Crítica literária.

DO ABISMO ENTRE A INCLUSÃO E O FAZER PARTE: SOBRE AS VIOLÊNCIAS EM NOME DO PERTENCIMENTO

Marianna Pais Carvalho da Silva (UERJ)

Esse trabalho se propõe a analisar algumas passagens – ficcionais ou não – nas quais a luta pela inclusão mostra uma face menos romântica e eficaz daquela esperada. Existem histórias - ficcionais ou não - que dariam intensos roteiros de cinema, como por exemplo, a da estagiária em uma escola no Cariri, Gláisa Cedrim, que em mais uma manhã normal de trabalho, explica sua matéria, faz inúmeras anotações na lousa e, depois da simples pergunta “posso apagar?”, descobre que possui uma aluna surda em sua turma, sem ter recebido nenhum aviso prévio da escola; Ou ainda, a história da professora de uma turma de alunos especiais e de pouca idade, denunciada pela mãe de uma das crianças, após ser flagrada dispensando aos alunos um tratamento, no mínimo, violento. Se inclusão é obrigar diferentes corpos e vivências dobrarem-se feito origamis para caber num conceito de mundo pré-estabelecido, provavelmente estamos falando de atos de violência, não de acolhimento, ocupação ou inclusão e é precisamente essa discussão, dentre muitas outras, na verdade, que encontramos nas arrebatadoras páginas do premiado *Leitura Fácil*, obra que tomamos com um livro-manifesto, da jovem escritora espanhola Cristina Morales, lançado em 2020, já tendo sido traduzido para o português de Portugal (2023), mas ainda sem data para chegar aqui no Brasil. Ao longo da obra somos apresentados à Nat, Marga, Patri e

Àngels: mulheres e primas, que são lidas pela administração pública como descapacitadas mentais, cada uma com sua própria porcentagem de deficiência. Marginalizadas, incompreendidas, objetos de controle do Estado, diminuídas para caber. Bastardas dentro de uma sociedade que, como numa dança, repetem movimentos previamente estipulados e, quando olham para o lado, enxergam apenas seus pares, e nada mais.

Palavras-chave: Literatura. Manifesto. Inclusão. Violência. Protesto

EDNA ST. VINCENT MILLAY E A LUTA POR UM IDEAL NA SEGUNDA GRANDE GUERRA

Liciane Guimarães Corrêa (UERJ)

Adriana de Souza Jordão Gonçalves (UERJ)

Enquanto a Europa sofria as consequências de uma Segunda Guerra Mundial no curto período de 25 anos, os Estados Unidos, do outro lado do Atlântico, passaram o primeiro ano mantendo certo distanciamento do conflito. A poeta estadunidense e vencedora do Pulitzer, Edna St. Vincent Millay, então, decidiu escrever um poema acusando os Estados Unidos de “isolacionistas”, o que ela considerava, dadas as proporções das investidas nazistas em território europeu, ser uma postura antidemocrática. Considerado à época um dos mais importantes poemas sobre o tema, “There Are No Islands, Any More: Lines written in passion and in deep concern for England, France and my own country” [Não há mais ilhas: versos escritos com fervor e grande preocupação com Inglaterra, França e meu próprio país] foi publicado nos prestigiados *The New York Times*, *Herald Tribune* e *Daily News*, mostrando que a Guerra não era um assunto que cabia somente aos homens, como muitos diziam. Os versos de Millay (“Não há homem, não há nação que se liberte / Apenas pela força de um decreto”) eram uma resposta direta aos discursos proferidos por políticos como o senador republicano Gerald Nye, que dizia publicamente que a população, em geral, não queria mais saber de guerra nem que o país se envolvesse em conflitos alheios – algo que em menos de uma década já não mais representaria a postura bélica assumida pelos Estados

Unidos. Além de trazer uma análise do poema, que foge à métrica dos sonetos que tornaram a poeta conhecida, a proposta desta comunicação é entender o papel de Millay na historiografia da literatura e das artes desse período – com esse poema e outros publicados na coletânea *Make Bright the Arrows* –, para isso mapeando a política externa estadunidense e a condição da mulher, fosse ela artista ou não, no contexto da Segunda Guerra.

Palavras-chave: Edna St. Vincent Millay. Poesia. Segunda Guerra Mundial. Agenda política. Democracia.

O CÁRCERE POLÍTICO NA PRODUÇÃO POÉTICA DA ESCRITORA LARA DE LEMOS

Juliana de Brito Carvalho Ferreira (UFRJ/CAPES)

Ao colocar em cena as discussões de classe e gênero, a produção de literatura feita por mulheres no recorte temporal de 1970 a 1990 tem poucos nomes consagrados e na maioria das vezes não se apresenta com uma escrita de denúncia. Neste trabalho sobre a produção poética da escritora gaúcha Lara de Lemos, coloca-se primeiramente em discussão a possibilidade de pensar uma epistemologia através da experiência de mulheres em diversos debates sobre o país. O que tenho feito nesta pesquisa é um levantamento da produção desta autora durante e após o período histórico da ditadura civil-militar, para comparar com a produção anterior e dessa forma procurar entender como se deu a transformação deste debate acerca da denúncia ao sistema político por meio da própria produção literária e do contexto sociocultural. As produções investigadas são os livros *Adaga Lavrada* e *Inventário do Medo*. Dessa perspectiva, o objetivo é entender como as experiências pessoais no cárcere influenciaram a mudança da sua literatura que se encontrava anteriormente no senso comum de “poesia de mulher” – conceito bem desenvolvido pela escritora Ana Cristina Cesar. Através desta investigação, notar como a produção de Lara de Lemos se modificou, saindo do lirismo e sonetos à Cecília Meireles para uma escrita mais áspera, crítica e dentro dos embates políticos. Por meio dessa exploração, pretendo contribuir para entender como o debate público em torno do regime militar e da prisão

aos opositores, bem como os conceitos de nacionalismo e cultura, são elaborados numa escrita feminina. Como estratégia metodológica, a princípio, se conduz pela análise dos textos para tratar a experiência do cárcere e da tortura na visão poética e artigos e ensaios de intelectuais feministas como Heloisa Buarque de Holanda e Ana Cristina Cesar, entre outras autoras. Os poemas de *Adaga Lavrada* e *Inventário do Medo* que serão utilizados nesta apresentação são variados, entre eles “Degredo” e “Simple investigação” e outros que também proporcionarão uma análise sobre os eixos discutidos.

Palavras-chave: Poesia brasileira. Literatura e ditadura. Escrita de mulheres. Literatura e memória.

“O DANO SEM TRÉGUA CONTRA O CORPO DAS TRAVESTIS”: VIVÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIA EM *O PARQUE DAS IRMÃS MAGNÍFICAS*, DE CAMILA SOSA VILLADA

Douglas Ernesto Fernandes Gonçalves (UERJ/FFP)

Camila SosaVillada, escritora argentina, travesti, dedica sua produção literária entre narrativa, poesia e teatro. Em seu romance *O parque das irmãs magníficas*, lançado no Brasil em 2021, aborda a história de Camila, travesti vinda do interior, expulsa de casa pelos pais, encontra em seu “novo lar”, em Córdoba, uma rede de acolhimento, proteção e sobrevivência. No Parque Sarmiento, todas as noites, usavam seus corpos para garantir o dia seguinte. “Apesar da condenação à morte de que éramos vítimas” (VILLADA, 2021, p. 33), as irmãs magníficas, lideradas por Tia Encarna, possuem na prostituição seu meio, mas não seu fim no objetivo de sobreviver. Este trabalho tem por objetivo, a partir do romance, encontrar nas personagens, caminhos de resistência nos corpos travestis, por meio de suas vivências. Seja pelas noites em vias públicas, ou os dias encasteladas na casa rosada que lhes serviam de abrigo e repouso, a segurança que a coletividade permite idealizar uma vida dentro dos padrões enraizados em uma sociedade patriarcal, cisheteronormativa: maternidade, casamento, carreira, formação educacional. Para esta leitura, buscamos reflexões a partir dos conceitos de gênero (BUTLER, 2003), putafeminismo (PRADA, 2016), autodefesa (DORLIN, 2021) e feminismo decolonial (VERGES, 2020) a fim de traçar a relação entre as violências sistêmicas oferecidas

pela normatividade e a existência e sobrevivência de corpos da comunidade trans/travesti na obra supracitada.

Palavras-chave: Corpos femininos. Literatura argentina. Resistência. Transfeminismo. Camila Sosa Villada.

O RETRATO DA HOMOSEXUALIDADE EM *THE PICTURE OF DORIAN GRAY*

Rafaela Culuchi Benfica (UERJ)
Vanessa Cianconi Vianna (UERJ)

The Picture of Dorian Gray é uma obra literária notável do autor britânico Oscar Wilde, publicada em 1890, que se destaca por suas sugestões implícitas de temática homoerótica. Esta comunicação busca analisar de maneira mais aprofundada as nuances homoeróticas presentes na produção literária de Wilde, iluminando ainda mais sua própria vivência. A narrativa conta a história de Dorian Gray, um jovem cuja beleza e riqueza são deslumbrantes, e que é obcecado por preservar sua aparência. Para alcançar essa imortalidade estética, ele estabelece um pacto sobrenatural, enquanto seu retrato envelhece e se deteriora em resposta a seus atos imorais. Apesar da época vitoriana ser reconhecida por sua conservadorismo e repressão à homossexualidade, o romance sutilmente sugere a presença de relações homoeróticas. Dorian Gray é retratado como um ser sedutor, capaz de atrair tanto homens quanto mulheres. O próprio Oscar Wilde, autor da obra, ganhou notoriedade por sua vida pessoal extravagante e escandalosa. Isso leva a considerar a possibilidade de que Dorian Gray seja uma manifestação velada de Wilde. O autor foi preso por “conduta indecente” com outro homem, e após ser libertado, produziu peças e poemas que abordavam abertamente a temática homoerótica. A proposta desta comunicação é aprofundar a análise das sugestões homoeróticas presentes em *The Picture of Dorian*

Gray, explorando como esses elementos espelham não apenas a vivência de Wilde, mas também o contexto social da época. Além disso, a mesma também visa refletir sobre a relevância da representação LGBTQ+ na literatura e na arte, destacando o impacto dessas obras na luta pela igualdade e aceitação da diversidade sexual. Através dessa análise mais abrangente, podemos compreender como o poder da expressão artística transcende as barreiras do tempo, influenciando as percepções e promovendo mudanças significativas na sociedade.

Palavras-chave: Oscar Wilde. Era Vitoriana. Século XIX. Homossexualidade. LGBTQIA+.

PARA ALÉM DO CANTO DA “ARAPONGA”: MATIZES DA PROPOSTA LITERÁRIA DE LIMA BARRETO

Ana Beatriz Moraes de Souza (UERJ)

Neste trabalho, pretende-se analisar a proposta da *literatura militante* formulada pelo escritor Lima Barreto (1881-1922). Assim sendo, como referência, o estudo utiliza os seguintes textos críticos do autor: “Estética de ‘ferro’”, “Literatura Militante” e “O destino da Literatura”, principalmente. A proposta inicial consiste em elaborar uma leitura e, em seguida, problematizar, este projeto idealizado por Lima. Para isso, recorre-se aos estudos pós-coloniais e aos estudos culturais, com as contribuições teóricas de Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Alberto Moreiras (2001) e Marcos Natali (2006). Assim, observa-se que Lima ensaiou um projeto literário visto como polêmico, mas que apresentou, de certa forma, uma compatibilidade com a concepção canônica de literatura (do período da *Belle Époque*). Os resultados parciais encontrados corroboram com a ideia de que a proposta de uma literatura militante apresentou matizes diversos, não só levando em consideração o ideal de solidariedade proposto pelo autor, mas promovendo um espaço do excesso, de uma “polaridade irresolúvel”, questão essa característica da escrita literária latino-americana, como defende a abordagem de Alberto Moreiras (2001). Nesse caso, a proposta de Lima Barreto nos ajuda a problematizar a ideia de uma literatura ocidental/europeia como a possibilidade de existência de uma solidariedade humana, tendo como cenário a conformação

sociocultural do país, como também a própria ambiguidade de Lima Barreto perante a produção literária nacional.

Palavras-chave: Literatura Militante. Cânone. Solidariedade humana. “Polaridade irresolúvel”.

TENHO UM TAMBOR DENTRO DO PEITO: LUTA E RELIGIOSIDADE EM CARLOS DE ASSUMPÇÃO

Glaucio Varella Cardoso (UERJ)

A recente (re)descoberta da poesia de Carlos de Assumpção trouxe para o cenário dos estudos na área de letras uma obra cuja riqueza vai se revelando aos poucos, por meio dos textos e artigos que se debruçam sobre o volume de sua poesia reunida, intitulado “Não pararei de gritar”, que conta com organização e posfácio de Alberto Pucheu. Nossa proposta será abordar a poesia de Carlos de Assumpção elegendo como temática a religiosidade afrodescendente presente em diversos de seus poemas. É nossa intenção apresentar tal religiosidade como representativa de a) um gesto de resistência em relação à cultura judaico-cristã, cujo viés de culto foi historicamente imposto aos africanos escravizados como parte de um violento processo de silenciamento cultural, e também de b) um movimento de resgate e (re)afirmação de uma identidade na qual a religiosidade está passos à frente do simples culto com hora marcada. Procuraremos demonstrar, a partir de poemas como “Eclipse”, “Tambor”, “Vim da África” e “Quem mandou matar Mariele”, entre outros, como tal religiosidade se confunde com a própria vida cotidiana e, por isso mesmo, torna-se também um gesto de luta. Os símbolos de tal religiosidade serão apresentados tomando a leitura dos poemas como ponto de partida e problematizados a partir do aporte teórico que nos serviu de referencial para sua apreciação. Também as divindades estão presentes, bem como o elemento

“sobrenatural” que perpassa diversos dos poemas em que Carlos de Assumpção apresenta e representa sua cultura e sua identidade.

Palavras-chave: Carlos de Assumpção. Poesia. Religiosidade. Identidade. Resistência.

UM CONTO DE NATAL DE MARIA JUDITE DE CARVALHO: TRANSGRESSÃO, POTÊNCIA E BLASFÊMIA COMO MÁSCARAS DA MORTE

Marcela Ansaloni de Azevedo (UERJ/CAPES)

Como proposta para esta comunicação, faremos uma análise do conto “Noite de Natal”, da escritora portuguesa Maria Judite de Carvalho. Publicado na coletânea *Tanta gente, Mariana*, em 1959, o texto oferece uma visão perspicaz do tema central que permeia a obra da autora. É notável que a solidão, a melancolia e a sombra iminente da morte são elementos recorrentes que pairam sobre as suas personagens. Esses sentimentos e temas, muitas vezes representados de maneira sutil, contribuem para a construção profunda e complexa das histórias. Nesse conto, a morte aparece como elemento de contestação. A nossa sociedade, de modo geral, relegou a mulher a um papel de inferioridade e de subalternidade. No contexto de uma ditadura, com muitas limitações culturais e, sobretudo, um cerceamento religioso, da mulher era esperado ter uma postura virginal, imaculada, que não transgredisse. Era uma sociedade provinciana e religiosa, impondo mais e mais obstáculos à libertação feminina. Exigia-se da mulher que ela desempenhasse o seu papel considerado pelo senso comum fundamental – ser mãe e esposa. A escrita de Maria Judite de Carvalho, de maneira sutil, porém dotada de considerável força para a época, emerge como um exemplo eloquente de transgressão. As personagens Emília e Dores, ao conduzirem sua narrativa por um caminho de melancolia, culpa

e desafio às tradições, culminando em uma libertação através da própria morte, ecoam a luta de muitas mulheres que, ao longo da história, buscaram romper os limites que a sociedade lhes impunha. Sua história, ainda que fictícia, retrata a resiliência e a determinação das mulheres em reivindicar suas vozes e agências em um mundo que frequentemente tenta silenciá-las. No íterim dessa narrativa, Emília e Dores subvertem convenções, enfrentam o peso da culpa e, em última instância, tomam as rédeas de sua própria libertação, um ato de resistência que reverbera através do tecido da escrita feminina e da busca incessante pela autodeterminação.

Palavras-chave: Morte. Transgressão. Contos. Maria Judite de Carvalho.

VINGANÇA E CICLO DE ÓDIO - UM BREVE ESTUDO SOBRE A VINGANÇA FEMININA NO TEATRO NORTE-AMERICANO

Fabiana Prieto G. da Silva(UERJ)

Rafaela Culuchi Benfica(UERJ)

Vanessa Cianconi Vianna (UERJ)

Ao longo dos séculos, as mulheres têm padecido simplesmente por serem quem são: mulheres. Condenadas como símbolo de desobediência, pecado e perdição – desde as mulheres ancestrais como Lilith, Eva ou Pandora, até as temíveis bruxas – as mulheres foram moldadas pela sociedade para viverem vidas submissas: obrigadas a serem esposas e mães perfeitas, obedientes a seus pais e maridos; renunciando aos seus desejos, sonhos e até mesmo às suas personalidades. No entanto, nem todas as mulheres estão dispostas a serem feitas de marionetes e muitas, saturadas de suas vidas subservientes, não somente se rebelam, mas também se vingam do que, ou de quem as oprimiam. Tal quebra de paradigma despertou o assombro e curiosidade da sociedade, e serviu como inspiração para a produção literária moderna Estadunidense. Desta forma, esta comunicação tem como objetivo realizar uma breve análise de como são abordados os temas vingança e ciclo de ódio através de personagens femininas, com foco em duas peças de teatro norte-americanas do século XX: *The Children's Hour* (1947) e *The Crucible* (1953). Apesar de muitos dramas explorarem a vingança de esposas contra seus maridos, ambas as peças optam por desenvolver temáticas diferentes em seus enredos. Em *The*

Children's Hour, de Lillian Hellman, são discutidas as relações de poder entre mulheres e a homossexualidade feminina naquele século; enquanto em *The Crucible*, de Arthur Miller, temos a destruição gradual de uma comunidade inteira através do medo de possíveis bruxas, gerado através das intrigas de uma jovem. Desta forma, podemos afirmar que há diversos cenários capazes de trazer sofrimento à figura feminina, mas que, quando as mulheres decidem dar um basta, elas são capazes de serem letais contra seus opressores.

Palavras-chave: Literatura Norte-americana. Teatro moderno. Mulheres. Vingança.

Eixo 11

*Tradução como forma de
repensar o cânone literário*



AS TRADUÇÕES DE LÍGIA SMITH E CECÍLIA FLORESTA POSSIBILITANDO NOVAS ROTAS PARA A RUA, DE ANN PETRY NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Cristiane Vieira da Graça Cardaretti (UERJ/CAPES)

O presente trabalho tem como objetivo destacar a relevância do papel do tradutor, tendo como objeto de análise duas traduções brasileiras para o romance *The Street* (1946), da autora afro-americana Ann Petry (1908-1997). A obra de Petry é um acontecimento marcante e definitivo no cenário literário afro-americano, uma vez que se torna o primeiro livro de autoria feminina negra a ser tornar um best-seller nos Estados Unidos. A obra de Ann Petry foi traduzida no Brasil primeiramente por Lígia Junqueira Smith em 1947 e por Cecília Floresta em 2021. No tocante ao papel do tradutor, buscaremos demonstrar como a neutralidade no trabalho do tradutor, parece-nos uma demonstração de retrocesso e de aniquilamento do processo criativo que se faz necessário às traduções que buscam “demolir as cartografias de poder” e “reinventar geografias” (SELIGMAN-SILVA, 2022). Percebe-se ser irremediável a interferência do tradutor no texto de partida, não podendo, portanto, ser ignorado, tampouco eliminado na elaboração da tradução. Para nossa análise, destacamos trechos das traduções de ambas as autoras para a obra de Ann Petry, e dialogaremos com as práticas propostas por Lawrence Venuti, com o conceito de retradução apresentado por Antoine Berman e com teoria de transcrição de Haroldo de Campos. Vale salientar que em

nosso trabalho, não nos caberá opinar sobre qual dentre as duas traduções produzidas é a “melhor”, ou ainda a mais “fiel” ao texto-fonte, porque cremos veementemente que ambas as traduções cumprem efetivamente com a missão de viabilizar a sobrevivência do texto literário produzido pela autora Ann Petry.

Palavras-chave: Tradução. Ann Petry. Lígia Junqueira Smith. Cecília Floresta. A Rua.

ELIZABETH BISHOP E A INVISIBILIDADE DA TRADUTORA

Marcelo de Carvalho Gonçalves Júnior (UERJ)

A poeta norte-americana Elizabeth Bishop já é um nome fixo no cânone da literatura anglofona do século XX. De produção bastante esparsa, as traduções de poesia que realizou durante a sua carreira são comumente anexadas às suas obras completas, embora pouquíssima atenção crítica se dê a elas. O curioso nisso é que Bishop traduziu grandes nomes da literatura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Clarice Lispector, além de ter também trabalhado na versão em inglês do romance *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley. Neste trabalho, levantaremos as razões que possam levar aos próprios estudiosos de Bishop a negar o papel da autora como tradutora – e as implicações que esse apagamento se dá tanto na visão da poeta, quanto na visão do trabalho tradutório como um todo, constantemente apagado. Para tal, antes é feita uma análise da crítica bishopiana como um todo, identificando como e com que frequência e profundidade as suas traduções são discutidas no contexto da sua obra e vida. Após, leremos algumas de suas traduções e tentaremos encontrar em Bishop uma espécie de método de tradução. Para fazê-lo, será necessário buscar em sua correspondência, visto que Bishop nunca escreveu formalmente um manifesto sobre o seu trabalho de tradutora, apesar de ter realizado a função com certa regularidade por um período e ter até co-editado com Emanuel Brasil o volume *An Anthology of Twentieth-Century Brazilian Poetry* (1972). Por fim, analisaremos

algumas traduções de Bishop de poemas de Carlos Drummond de Andrade através de termos já mais consagrados nos estudos da tradução, como as ideias domesticação/estrangeirização de Venuti (1995) e o marcado/não-marcado de Meschonnic (1999).

Palavras-chave: Elizabeth Bishop. Estudos da tradução. Crítica literária. Tradução de poesia.

O CASO DAS (RE)TRADUÇÕES DE *LITTLE HOUSE IN THE BIG WOODS*/UMA CASA NA FLORESTA DE LAURA INGALLS WILDER PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Mateus Bassani Cotias (UERJ)
Vanessa Cianconi Vianna (UERJ)

O presente trabalho teve início durante atuação no Projeto de Extensão “Formação de tradutores: prática da tradução literária” na graduação em Letras - Inglês na UERJ, orientado pela Profa. Dra. Vanessa Cianconi (UERJ). A pesquisa busca analisar a obra de Laura Ingalls Wilder, escritora norte-americana responsável pela série de livros infanto-juvenis *Little House* que ficcionou os acontecimentos da infância da própria autora (autobiografia), sendo o primeiro deles, *Little House in the Big Woods* (1932), objeto de estudo neste trabalho. A partir de tais explicações, nosso interesse é refletir criticamente sobre a obra de Wilder traduzida e o contexto em que ela está inserida atualmente no cânone literário norte-americano, principalmente entre autores que produziam histórias que têm como plano de fundo a história dos Estados Unidos. A metodologia de análise das traduções para o Português do Brasil foi a da retradução, comparando as escolhas tradutórias e dificuldades encontradas por tradutores em diferentes épocas em que a obra foi traduzida. Analisamos como essa tradução foi apresentada para o público em um primeiro momento, e sua última tradução, publicada no ano de 2022. Explicitamos as diferenças e tentamos responder a pergunta que norteia esta análise: por que retraduzir uma obra

antiga para que o público de hoje tenha acesso? Quais aspectos motivam que um livro seja retraduzido em diferentes épocas e contextos? Essas questões serão esclarecidas e debatidas tendo como objeto de análise a obra de Wilder. Além disso, para nortear nossa análise, nos baseamos em teóricos como Paulo Henriques Britto (2012), Lawrence Venuti (1995) e Maria Alice Antunes (2021), os dois primeiros teóricos norteados a análise das soluções tradutórias, e a última tentando responder aos questionamentos do porquê retraduzir uma obra considerada clássica.

Palavras-chaves: Tradução. Tradução literária. Estudos da tradução. Literatura norte-americana. Literatura infanto-juvenil.

RECEPÇÃO E TRADUÇÃO DE LYGIA FAGUNDES TELLES NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

Daniel Bandeira dos Santos (UERJ/PIBIC)

Ieda Magri (UERJ)

Após estudar o corpus poético de Lygia Fagundes Telles, comecei a refletir sobre a relevância da autora no cenário nacional e internacional, especialmente no que diz respeito à América Latina. É inquestionável a importância que a autora possui para a literatura e cultura nacional, tendo recebido vários prêmios, incluindo o Camões e o Jabuti. Suas obras foram adaptadas para televisão e cinema, traduzidas para diferentes países e ela é membro da Academia Brasileira de Letras, além de ter sido indicada ao Nobel em 2016. De maneira geral, eu gostaria de entender como Lygia F. Telles se relaciona com nossos vizinhos latino-americanos e se sua obra possui alguma ressonância no cânone literário latino-americano, assim como acontece aqui no Brasil. Esta parte foi fundamentalmente bibliográfica, e a busca em acervos e bibliotecas foi totalmente virtual. Comecei pelos sites das bibliotecas nacionais dos países latino-americanos, procurando vestígios de alguma tradução, trabalho acadêmico ou crítico relacionado a Lygia F. Telles, a fim de mapear a presença de seu trabalho fora das terras brasileiras. Também optei por examinar as publicações da Espanha, compreendendo que poderia haver circulação na América Latina devido à língua comum. Os resultados obtidos foram interessantes e inesperados. Constatei que Lygia F. Telles está menos presente

nos países vizinhos latino-americanos do que eu esperava. Há algumas traduções de seus livros, como *As Meninas* de 1978, publicado no Chile e na Argentina, *As Horas Nuas* de 1991, publicado em Barcelona, e *Ciranda de Pedra* de 1987, também em Barcelona. Existem também alguns contos avulsos que foram traduzidos e publicados em antologias, como “A Confissão de Leontina”, publicado em uma antologia chamada *Vientosdel Pueblo*, “O Moço do Saxofone”, traduzido em 1994 no Chile na antologia *Cuentos brasileiros*, “A Caçada” de 1983, publicado no México na revista da Universidad de México (UNAM) e “Senhor Diretor” de 2022, publicado na *Revista Belas Infiéis* em Brasília. Também encontrei alguns estudos teóricos, como a dissertação de Zyanya Carolina Ponce Torres (USP), intitulada: “Uma tradução comentada de três contos de Lygia Fagundes Telles para o espanhol mexicano”, na qual a pesquisadora propõe uma análise da tradução dos contos: “Apenas um saxofone”, “O jardim selvagem” e “Antes do Baile verde”. Encontrei ainda o trabalho de Ascensión Rivas Hernández e Helena Bonito Pereira, intitulado: “Releitura de Lygia Fagundes Telles”, publicado pela editora Mackenzie e EdicionesUniversidad de Salamanca em 2014. O livro é composto por textos de diferentes pesquisadores, tanto em português quanto em espanhol, que se propõem a pensar aspectos da literatura de Lygia F. Telles.

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles. América latina. Recepção. Tradução. Literatura latino-americana.

TRADUÇÃO-ARTE E TRADUÇÃO-MONSTRO: A PERFORMANCE VERBIVOCOVISUAL COMO NÚCLEO TRANSCRITIVO EM AUGUSTO DE CAMPOS E CID CAMPOS

Gabriel Costa Resende Pinto Bastos dos Santos (UERJ/CAPES)

Este trabalho analisa duas traduções enxertadas do repertório de Augusto de Campos – “O Tygre”, de William Blake, e “Jaguararte”, de Lewis Carroll – e suas vocoperformances, realizadas em parceria com o cancionista Cid Campos e encontradas nos livros-CDs *Poesia é Risco* (1995) e *Entre dados* (2022). Defendemos que a “tradução-arte”, sinônimo possível de “transcrição” (mais haroldiana) e “intradução” (mais augustiana), pode ser aliada ao conceito de “tradução-monstro”. A operação tradutória ativamente “deforma” o objeto estético de origem para, em um gesto de intertextualidade criativa, dar-lhe corpo renovado, incluí-lo em um novocorpus poético, e garantir neste trânsito a reinvenção de aspectos fonéticos e semânticos fiéis aos propósitos textuais originais – características fulcrais, indelévels, que resistem à monstrificação da linguagem e atestam vitalidade canônica. Demonstramos, durante nossa análise (que solicitará ferramentas previstos por autores como Aguilar e Tatit), que a formalização ideal deste modelo de tradução, respeitada sua natureza verbivocovisual, depende do acionamento de uma contrapartida vocoperformática – de modo contrário, há perigo do verbivocovisual reduzir-se a mero verbovisual. Por fim, concluímos que a atividade tradutória de um poeta-tradutor, considerada em diálogo com uma produção autoral, é pertinente

para, conforme o paradigma perloffiano do “gênio não-original” (que prevê o multilinguismo como discussão fundamental de novas poéticas), facilitar a fixação canônica ou anticônica de artistas polivalentes como Augusto de Campos.

Palavras-chave: Tradução. Intradução. Verbivocovisual. Poesia brasileira contemporânea. Augusto de Campos.

TRADUÇÕES DE “PINK DOG”: OS LANÇADOS NO RIO DA GUARDA E JOGADOS NO CIA

Maria Camila Do Coutto Prado Valladares (UERJ)

Esta comunicação apresentará o poema “Pink Dog” de Elizabeth Bishop como eixo central da discussão que acontecerá a partir do original e de duas traduções. O fazer poético de Bishop é um interessante ponto de discussão acerca do processo tradutório uma vez que sua produção conta com relações interculturais que desafiam o olhar da escritora norte americana a elaborar realidades culturais com as quais se depara a partir dos deslocamentos que realiza ao longo da vida. “Pink Dog”, um dos últimos poemas publicados por Bishop, é considerado por Lloyd Schwartz “o mais brasileiro dos poemas de Bishop (“Anais 96”). Mais especificamente, é um poema completamente carioca. É uma visão sombria do excluído (pode ser um auto-retrato amargo) lançado em um momento cultural e histórico específico: o do Rio de Janeiro dos anos 1960.” (PRZYSBYCIEN, 2002, p. 71). Trata-se de um poema que denuncia questões sociais brasileiras que, muitas vezes, são invisibilizadas, por interesse político, em períodos festivos como o carnaval. As traduções “Cadeira rosada”, de Paulo Henriques Britto, e “Cadeira cor-de-rosa”, de Marília Santana, aproveitam a localização marcada por Bishop no texto fonte como recurso para evidenciar ainda mais o caráter de denúncia do poema. Para isso, apresentam ao leitor, de maneiras diferentes entre si, situações de violência social específicas ocorridas no Brasil. A publicação de poesias

como “Pink Dog”, deslocadas do tempo em que Bishop viveu as experiências que motivaram sua escrita, levam à reflexão sobre o movimento que a poeta faz em relação a seu objeto. O olhar de Bishop se revela uma ferramenta fundamental que cria uma preciosa película de contato entre sua subjetividade e aquilo que observa. O mesmo acontece com o tradutor, aquele que toma o movimento para seu trabalho e com seu olhar e criação se torna um movimentador literário.

Palavras-chave: Tradução. Poesia. Localização. Observação. Deslocamento.

Eixo 12

*Histórias múltiplas: relendo
o mundo a partir de
perspectivas decoloniais*



“A SENHORA TINHA FÉ E AGORA NÃO TEM MAIS?": DESPOJOS E DESPEJOS COLONIAIS EM *SOLITÁRIA*, DE ELIANA ALVES CRUZ

Kaio Rodrigues (UFRJ/CAPES)

Esta comunicação tem por objetivo reler o romance “Solitária” (2022), de Eliana Alves Cruz, à luz dos estudos decoloniais. Nesse intento, os espaços da narrativa serão aqui trabalhados como marcadores da perpetuação dos despojos coloniais na obra da escritora carioca, uma vez que reforçam as tensões entre patrões e empregados: a sala de estar, a casa do porteiro, o quarto de despejo, a cozinha, o quartinho dos fundos, atuais configurações da casa grande e da senzala, ambientes nos quais antigas dinâmicas se repetem. A obra, que toma corpo em uma capital sem nome, funciona como um microcosmo do Brasil ao apresentar as condições de submissão de mãe e filha que atuam na casa de uma família de um luxuoso edifício, sofrendo diariamente com os desmandos dos patrões, em um lugar carregado de silêncios. Com isso, a classe média se torna *locus* de exploração do trabalho, reforçando aquilo que Cida Bento (2022) denomina como pacto da branquitude, o qual alimenta privilégios brancos e reduz à precariedade as condições de sujeitos racializados. A fim de orientar nossa leitura, recorreremos a autores como bellhooks (2017; 2018), que observa a transgressão como prática política; Juliana Teixeira (2021), que apresenta um estudo fundamental a respeito da questão do trabalho doméstico no Brasil; Rita Segato (2021), que empreende uma análise sobre

a perpetuação da colonialidade após a escravização; e Joaze Bernardino-Costa (2015), que fomenta discussões a respeito das condições do trabalho doméstico após a elaboração do Projeto de Emenda Constitucional nº 72. Por fim, serão analisadas situações dialógicas entre cenas do romance e momentos de nossa história social recente, de modo a demonstrar como a literatura pode atuar como um desenho das atuais condições brasileiras.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea. Pacto da branquitude. Literatura de autoria negra. Decolonialidade.
Eliana Alves Cruz.

APONTAMENTOS PARA UMA LEITURA NÃO-COLONIAL DE *ÚRSULA* (1859), DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Morgana da Silva Albuquerque (UERJ)

Henrique Marques Samyn (UERJ)

Maria Firmina dos Reis foi uma mulher negra, abolicionista, intelectual, professora, escritora, nascida no século XIX, no Maranhão. Seu livro *Úrsula*, publicado em 1859, é considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro escrito por uma mulher negra. Porém, seu pioneirismo e importância literária ficaram relegados ao apagamento em função de fatores sociais, como ser mulher, negra e maranhense em uma sociedade patriarcal e racista. Por isso, mesmo sua obra estando inserida dentro dos parâmetros técnicos, das tradições literárias da época e das discussões vigentes, não foi canonizada como algumas obras de escritores homens do mesmo período. Em “*Úrsula*”, Maria Firmina dá voz aos personagens negros escravizados, atribuindo-lhes uma espécie de protagonismo nada comum nos outras obras abolicionistas dos oitocentos, assim, subvertendo o lugar imposto ao negro pela sociedade. Nessa perspectiva, entende-se que, para ler Maria Firmina, é preciso uma fundamentação teórica que consiga contemplar a especificidade que sua condição de mulher negra traz enquanto escritora. Alguns estudos críticos situam Maria Firmina no contexto da tradição literária oitocentista, mas não a analisam como uma mulher racializada, ou seja, que desafia um viés interpretativo convencional, que não considera raça e gênero aspectos centrais para a análise. A

proposta, portanto, é contornar a colonialidade não só na leitura interpretativa de *Úrsula*, como também, na escolha de utilizar as pesquisadoras negras Fernanda Miranda (2019) e Luciana Diogo (2022), para pensarmos a obra pela perspectiva de uma crítica literária negra, que já o lugar da crítica literária é, historicamente, um campo masculino e branco, nesse sentido, mantendo as posições coloniais de hierarquia de produção de conhecimento e teoria literária. Por isso, o objetivo é demonstrar que aprender a ler uma autora negra como Maria Firmina dos Reis a partir de uma ótica racializada é, também, um exercício de assumir uma leitura não-colonial.

Palavras-chave: Colonialidade. Crítica literária. Maria Firmina dos Reis.

AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES FEMININAS E CONSTRUÇÕES DE MASCULINIDADES PRESENTES NAS OBRAS DE PAULINA CHIZIANE

Mayara Gonçalves (UERJ)

Andreia Alves Monteiro de Castro (UERJ)

Sabendo que a realidade feminina é constantemente submetida a silenciamentos e opressões em diferentes espaços e contextos, o presente trabalho procura investigar, dentro do âmbito literário moçambicano, as diferentes representações femininas e construções de masculinidades encontradas nas obras de Paulina Chiziane, escritora moçambicana que se iniciou na literatura no final do século XX. Diante disso, utilizando uma metodologia de abordagem inteiramente bibliográfica e com intuito exploratório a partir da recolha de materiais literários, buscou-se estudar mais especificamente como objeto de análise os romances *Niketche: uma história de poligamia* (2002), *O alegre canto da perdiz* (2008) e o conto “Quem manda aqui?”, presente no livro *As Andorinhas* (2009) a fim de compreender a posição da mulher dentro de uma sociedade patriarcal e misógina e o seu reflexo na literatura. Desse modo, a pesquisa propõe colocar em perspectiva as diferentes personalidades femininas que são atravessadas pelo contexto sócio-histórico de Moçambique dentro das obras examinadas, apresentando os conflitos étnicos e morais no que tange à poligamia e à tradição africana em choque com o modo de organização da sociedade imposto pelo colonizador, além de analisar o impacto da assimilação que subjuga esses

corpos, cruzando o colonialismo e a contemporaneidade pós-colonial. Ademais, a pesquisa também propõe investigar como se desenvolve dentro dessas obras a relação decolonial entre o universo feminino e a natureza através da cosmovisão africana que utiliza a transfiguração da natureza, e da própria África, em um corpo feminino e maternal.

Palavras-chave: Literatura africana. Paulina Chiziane. Representação feminina. Decolonialidade.

AS ESCRITAS IMAGINATIVAS QUENIANAS E SUL-AFRICANAS: O DESENCANTO PÓS-RUPTURAS EM ÁFRICAS

Valeria Silva de Oliveira (UERJ; CIAGA)

Marcella Granatiere (PUC-RIO/CAPES)

O objetivo da comunicação é fazer uma breve análise sobre o sentimento de desencanto nas escritas imaginativas africanas de expressão em língua inglesa produzidas no contexto pós-independência do Quênia e pós-apartheid na África do Sul. A partir das obras *A Grain of Wheat* (1967), traduzido para o português como *Um Grão de Trigo* ([1967] 2015), de Ngugi Wa Thiong’o, e *Spilt Milk* (2010), de Kopano Matlwa, discutiremos as estratégias narrativas empregadas que revelam as tensões que subjazem as escritas literárias dos respectivos autores. Em *Um Grão de Trigo* eventos significativos da história do Quênia são revisitados por meio de uma narrativa circular que se desdobra através de vozes e olhares de personagens complexos e diversos. Trata-se de uma estória - ou estórias, dada as múltiplas perspectivas - contada pela presentificação das memórias, principalmente da população local, gente comum marcada pelos traumas e intercorrências da colonização inglesa que se impôs no referido território. Segundo Vijay Agnew, “as memórias estabelecem uma conexão entre nosso passado individual e nosso passado coletivo (nossas origens, herança e história). O passado está sempre presente conosco [...]; ressoa em nossas vozes, paira sobre nossos silêncios e explica como nos tornamos nós mesmos [...]” (AGNEW, 2013, p. 3, tradução nossa). O presente estudo foi realizado a partir

de teorias decoloniais e revela a natureza dos processos de tessitura de fragmentos que constituem a imaginação africana, os quais contribuem para a rasura e contestação de narrativas eurocentradas que tendem a relegar o Outro à objetificação, marginalização, apagamento, à subalternização, à violência e à morte. Por fim, as escritas imaginativas de Thiong'o e Matlwa encenam o desencanto pós-rupturas no Quênia e África do Sul, refletindo sobre a complexidade das várias experiências locais. Para estes escritores, a fabulação se torna o território de (des) (re)construção do imaginário de nação em tempos pós-rupturas sociopolíticas.

Palavras-chave: Desencanto. Literaturas africanas em língua inglesa. Decolonialidade.

CARMEN DA SILVA: JORNALISTA, ESCRITORA E FEMINISTA

Thaís Fernandes Velloso (UFRJ/CAPES)

O resgate de produções de autoria feminina, algo que vem sendo realizado com mais frequência nas últimas décadas, corresponde à tentativa de reduzir o que a pesquisadora Constância Lima Duarte chama de “memoricídio”, termo que tem como significado o apagamento de escritoras dos cenários histórico e literário a fim de silenciá-las e inviabilizar suas produções. Com base nessa perspectiva e com o compromisso de analisar brevemente a produção de Carmen da Silva na imprensa brasileira, este trabalho explora a atuação profissional da referida jornalista e escritora, tendo como foco o caráter feminista de seus textos. Para isso, abordamos os estudos de Sylvia Paixão, em especial seu ensaio “Clarice Lispector e Marina Colasanti: mulheres no jornal” (1995), que discute a ausência e a conquista de espaço pela mulher nos jornais brasileiros; de Ana Rita Fonteles Duarte, a respeito da trajetória da autora, no livro *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira* (2005); e de Beatriz Sarlo, acerca das temáticas da memória e da subjetividade, exploradas na obra *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007). A partir dessa discussão, a pesquisa focaliza a leitura do artigo publicado no jornal *Mulherio* em março-abril de 1981, intitulado “Abracadabra!”, no qual Carmen da Silva estimula as mulheres a assumirem seus próprios destinos. Assim, será possível atestar a relevância da jornalista e escritora como feminista no cenário brasileiro, considerando a relação de seus

escritos com a crítica ao patriarcalismo e com a experiência de ter acompanhado o autoritarismo de um governo argentino, regime que lhe proporcionou uma “consciência coletiva” responsável por inspirá-la a produzir seu primeiro romance e a responder as cartas que recebia de leitoras de sua coluna em periódico – tema do texto “Abracadabra!”.

Palavras-chave: Literatura. Jornalismo. Feminismo. Autoria feminina.

DECOLONIALIDADE E O DOMÍNIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO NORTE GLOBAL: A TURMA DA MÔNICA CONTRA A DISNEY

Rafael Schuabb Poll da Fonseca (UERJ)

As histórias em quadrinhos possuem alto poder de influência sociocultural, notadamente pela sua popularidade entre os leitores mais jovens, possuindo inclusive papel reconhecido na formação cultural e na alfabetização das crianças, como é o caso no Brasil da *Turma da Mônica*, do quadrinista Mauricio de Sousa. No gênero discursivo história em quadrinhos, os textos imagético e verbal (co)operam na produção de sentidos que referenciam costumes, valores sociais e toda uma gama de expressões culturais, atuando como mecanismos que, em uma abordagem mais ampla, colaboram para a produção da idealização da nação de origem daquela(s) obra(s) no imaginário popular dos consumidores dos países onde se disseminam. Com o objetivo de que sejam alcançados os interesses nacionais, além de vários outros fatores, o *soft power* tem se revelado cada vez mais um importante e estratégico elemento e as histórias em quadrinhos são um grande expoente desse recurso do Norte Global, principalmente quando consideramos as *comics* norte-americanas e, mais recentemente no mercado editorial internacional, os mangás japoneses. A partir do ponto de vista da análise de discurso de Dominique Maingueneau, entendendo, portanto, a produção discursiva como um processo de movimento recíproco entre a comunidade que produz os textos

e os textos por ela produzidos; e empregando os conceitos de decolonialismo e de *soft power*, abordando diversos autores, este artigo pretende debater o papel das histórias em quadrinhos nesse contexto internacional como ferramentas midiáticas de dominação cultural do Norte Global e avaliar os espaços encontrados em produções latino-americanas no movimento inverso, de exportação cultural do Sul para as grandes potências mundiais, colocando *Disney* e *Turma da Mônica* como elementos de alteridade nessa perspectiva.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Análise de discurso. Decolonialidade. Soft power.

EXPERIMENTAR ESCREVER E VIVER ENTRE LÍNGUAS E TEXTOS-FRAGMENTOS DE/EM SYLVIA MOLLOY

*Luciana Alves Pereira(UERJ)
Ieda Magri (UERJ/FAPERJ; CNPq)*

A referência deste trabalho é a pesquisa “Literatura brasileira e latino-americana: questões de inserção no cenário contemporâneo” (MAGRI, 2022); e abrange o texto literário, com ênfase em escritoras/es contemporâneas/os, e o olhar da crítica sobre essa produção, ao discutir o contemporâneo e a literatura pós-autônoma, a indefinição das margens entre o real e a ficção, os novos modos e gêneros de escrita literária. O território de pesquisa é a coleção *Nos Ostras*, da Relicário Edições. Objetiva-se analisar as motivações explicitadas para as publicações da referida coleção, na busca de compreender a complexidade valorativa intrínseca da literatura e dos interesses dos agentes envolvidos. A metodologia foi predominantemente bibliográfica; a pesquisa teve início pelo livro *Viver entre línguas*, da escritora e ensaísta argentina Sylvia Molloy. Após leitura atenta da obra e levantamento bibliográfico de todo tipo de publicação virtual sobre obra e autora, foi possível encontrar um número considerável de textos (matérias, entrevistas, artigos científicos, dissertações e teses), que foram analisados e mapeados para definição das temáticas: o autobiográfico de/em Sylvia Molloy; forma é conteúdo; anotação como procedimento; inespecificidade: (não) romance-anotação; língua, herança e identidade. Partindo da ideia de que experimentar não é um ato

preciso, intentamos operar um exercício de escrita apoiando-nos nos “textos-fragmentos” de Molloy, presentes em *Viver entre línguas* (2018) e *Desarticulaciones* (2010). A anotação como possibilidade narrativa encena o diluir dos limites entre a ficção e a realidade, o autor e o narrador. Como discutido por Luciene Azevedo (2017), há “um convite ao leitor para que acolha o procedimento, aquiescendo à proposta de participar do que parece precário”, uma ambiguidade (de escrita, de gênero, de narrativa) do que parece o processo, mas já é a obra. Enquanto escreve sobre si, Sylvia Molloy interroga fronteiras, discute identidade e tradução, e pensa sobre o futuro; convida o leitor a resgatar sua própria história. *Viver entre línguas* nos faz refletir, também, sobre a trajetória das nossas línguas, sobre as nossas escritas.

Palavras-chave: Contemporâneo. Inespecificidade. Literatura latino-americana. Decolonial.

MEMÓRIA E PÓS-COLONIALISMO RETRATADO POR JAMAICA KINCAID

Patricia Vaz de Miranda Couto (UERJ)

O trabalho terá foco na vida e arte da escritora antiguana Jamaica Kincaid. Nascida em 1949, foi registrada como Elaine Potter Richardson, porém Kincaid, em 1973, troca o nome para enfim “ter a liberdade que ela precisava para escrever”. *Jamaica* vem da ilha mais conhecida do Caribe, embora não seja seu país de origem, e *Kincaid* por ser um sobrenome comum nos países de língua inglesa. De acordo com Kincaid, ter seu nome escolhido por qualquer pessoa que não seja você mesmo é uma forma de posse e domínio. Assim, quando o próprio se autointitula, nasce um mecanismo de autoafirmação libertadora. Como se a autora escrevesse dali em frente sua própria história de vida. Afastando-se de sua família, rompendo com seu lar, ela refaz uma identidade de maneira autêntica e independente, ao mesmo tempo cessando com narrativas tradicionais, as ditas “aceitáveis” pela sociedade. O estudo da escrita de Jamaica Kincaid estará fundamentado por leituras de textos críticos, além de pesquisas já realizadas sobre o tema no meio acadêmico. O objetivo será buscar o conceito de identidade discutido nas obras de Kincaid e trabalhado pelos teóricos. Ademais, as contribuições de pesquisas já feitas por docentes e discentes em universidades sobre a formação de caminhos e possibilidades para um espaço ideal, discutindo o processo de decolonialidade e pós-colonização. Encontraremos um apoio teórico aos estudos pós-coloniais enfatizando os efeitos da perda de identidade ocasionado pela

diáspora, e a influência cultural e linguística do colonizador sobre o colonizado. Frequentemente, a autora busca em suas memórias elementos utilizados para escrever sobre as ilhas caribenhas, diferente dos livros escolares de história que adotam uma visão eurocêntrica, aquela contada pelo colonizador. Esse movimento do poder na relação entre colonizador e colonizado é considerado a mais profunda revolução cultural do século XX: quando indivíduos e grupos marginalizados adquirem voz e, com isso, passam de objetos de cultura dominante a sujeitos de suas próprias narrativas.

Palavras-chave: Pós-colonialismo. Decolonialidade. Diáspora. Identidade. Memória.

MULHERES MIGRANTES NA OBRA *DESIRADA* (1997), DE MARYSE CONDÉ

Maria Leticia Macêdo Bezerra (USP/CAPES)

Desirada (1997), da escritora guadalupense Maryse Condé, acompanha a jornada de Marie-Noëlle em busca dos eventos que possivelmente aconteceram (ou daqueles que não aconteceram) no passado da sua mãe e que poderiam explicar a falta de amor dela pela filha. Ausência que esconderia a presença de algum acontecimento grave ou que colocaria em dúvida a palavra da mãe, Reynalda. Para tal, ela perfaz o caminho Antilhas-França-Estados Unidos atrás das suas origens as quais ela julga estarem intrinsicamente ligadas à identidade do seu pai, que nunca foi revelada por Reynalda. Mas essa tentativa de reconstituição se revela um labirinto sem fio de Ariadne, pois os relatos que ela recolhe são conflituosos. Marie-Noëlle executa o trabalho de uma escavadora nas ranhuras de histórias à procura de suas identidades estilhaçadas. Uma das particularidades das narrativas de Condé é projetar a errância a partir de um “Diverso” de mulheres individualmente repletas de contradições. Há, por vezes, uma tentativa de manter um fio condutor, um da extensão maternal, através da mulher diaspórica, que, apesar de também participar do movimento errático (no sentido de errância, a personificação disso), é por ela que esse trauma tem o impacto primeiro, fisicamente e simbolicamente, corpos como “terra de ninguém” e “moeda de troca”. Para o processo de análise das personagens femininas de *Desirada* textos de Gloria Anzaldúa e entrevistas e ensaios críticos de Maryse Condé foram

estudados. O objetivo desse trabalho é analisar como noções de extensão e filiação (Glissant) são construídas na circularidade genealógica das personagens femininas da obra *Desirada* (1997), da escritora Maryse Condé. Além disso, apresentamos como resultado a discussão do papel ativo das personagens femininas e as civilizações negras diaspóricas nas Américas na literatura, com destaque para a narrativa de Condé.

Palavras-chave: Mulheres. Migrações. Maryse Condé. Édouard Glissant. *Desirada*.

O “SENTIDO DO CONTINUUM”: AS RELAÇÕES ENTRE TEMPO E MEMÓRIA NAS CRÔNICAS DE ANA PAULA TAVARES

Amanda Regina dos Santos Lourenço (UERJ/ FAPERJ)

A obra *Um rio preso nas mãos* (2019), de Ana Paula Tavares e publicada pela editora Kapulana, é constituída por diversos textos produzidos pela escritora ao longo dos últimos anos. Dos gêneros textuais que compõe a obra, as crônicas são as mais expressivas não apenas em virtude da sua quantidade, mas por apresentarem narrativas que abordam as imbricações entre passado e presente, memória e História em Angola. Essa interconexão revela uma possibilidade particular de ler e de pensar o país, visto que os movimentos de revisitação dos tempos antigos nas literaturas do continente africano estão vinculados a um olhar crítico sobre o passado, distanciado da ótica europeia (SILVA; FONSÊCA, 2020). Da totalidade da obra, este trabalho destaca as crônicas do capítulo “Ananapalavra”, homônimo da principal voz e personagem narrativa da seção, cujas letras se dedicam a pensar as relações temporais e memorialísticas que se estabelecem em Angola. Cabe salientar que a presença de Ananapalavra, que também é o *alter ego* de Tavares nos textos, evoca um resgate das narrativas angolanas por meio de uma temporalidade não linear e profundamente conectada com a ancestralidade, rompendo com o silenciamento imposto pelo colonialismo e que ainda reverbera nas estruturas sociais. A fim de analisar a forma como esses pontos se conectam nos textos da autora angolana, esta comunicação se concentrará

numa investigação que compreende as relações entre História e Literatura; memória e temporalidades curvas; imbricações entre os gêneros crônica e carta; além de considerar aspectos relacionados a oralidades e a ancestralidades na produção literária de Ana Paula Tavares. Para isso, parte-se dos conceitos definidos por Martins (2019), Leite (2014), Pollak (1989), Fonseca (2005) e Padilha (2011).

Palavras-chave: Literatura angolana. Ana Paula Tavares. Crônicas. Um rio preso nas mãos.

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO MANGÁ *ONE PIECE* ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DA DECOLONIALIDADE

Raphael Freires Pessoa (UERJ)

O objetivo deste estudo é analisar, em uma obra de quadrinhos japonesa, sob a perspectiva da decolonialidade as discussões sobre os conceitos de justiça e liberdade; as dinâmicas de poder entre grupos não estatais e estatais; as narrativas e representações de indivíduos que estão em conformidade ou conflito com a lei; a influência do colonialismo e a interferência cultural nas relações entre diferentes comunidades retratadas; e as visões e realidades daqueles que ocupam posições diversas de poder ou submissão. Esses fenômenos podem ser identificados em narrativas encontradas em histórias em quadrinhos, sendo o corpus recortado de capítulos do mangá *One Piece* de Eiichiro Oda, onde tais conceitos são retratados narrativamente, seja em uma apresentação textual de falas ou apresentações de ocorrências. A relevância deste estudo, e a escolha específica desta obra a ser analisada, se torna observável em um mundo globalizado e conectado tecnologicamente, onde uma história em quadrinhos japonesa, conhecida como mangá, alcança sucesso em escala global, inclusive no Brasil. Como resultado, ela cativa leitores de todas as idades, especialmente adolescentes e jovens adultos, que podem identificar e refletir sobre as diferentes formas de justiça e, mais enfaticamente, injustiça, retratadas no contexto fictício e conseguem relacioná-las com as situações recorrentes do mundo real, assim como as que

eles vivenciam em suas próprias vidas. Além disso, durante a análise, é possível examinar como o fenômeno de consumo de produtos culturais importados não ocorre de maneira natural ou imparcial, mas, na verdade, é resultado da intersecção entre o *soft power*, o colonialismo e a busca por autoridade na validação de narrativas. As referências teóricas incluem autores como Achille Mbembe, Ariel Dorfman, Armand Mattelart, Charles Tilly, Joseph S. Nye Jr., Juan Pablo Dabove e Michel Foucault para embasar e fundamentar o trabalho.

Palavras-chave: Justiça. História em quadrinhos. Poder. Decolonialidade. Soft power.

Eixo 13

Releituras de personagens canônicos



“AND AT LAST, SHE FINDS HER VOICE”: REESCREVENDO A JULIETA DE WILLIAM SHAKESPEARE EM *& JULIET* (2019)

Mariane Vincenzi Nunes (UERJ/CAPES)

A personagem Julieta Capuleto de William Shakespeare é uma das personagens mais famosas da história da literatura. A tragédia é considerada uma das narrativas de amor mais belas, tendo uma conclusão bastante conhecida: devido à crença de que não podem permanecer juntos, os dois acabam se matando. Durante séculos, o relacionamento destes dois personagens foi considerado o modelo de amor romântico do ocidente. No entanto, uma evolução natural dos pensamentos que corriam na sociedade fez esse modelo começar a ficar datado. Um exemplo claro dessa evolução é o surgimento das ideologias feministas e o início de um protagonismo para essas correntes. Elas trazem pensamento como o incentivo ao empoderamento feminino, ideia essa que se torna cada vez mais proeminente e que nos possibilita uma série de questionamentos sobre esse fim de Romeu e Julieta: seria possível o fim dos dois ser diferente? Vale a pena terminar com a sua vida devido a um relacionamento? Seria justo Julieta acabar com a sua vida por conta de Romeu? Essa é a proposta da comédia romântica musical de 2019 *& Juliet*, escrita por David West Read: refletir sobre este final tão conhecido de *Romeu e Julieta* (2016), e realizar uma tentativa de trazê-lo para o pensamento contemporâneo. De uma forma bem-humorada, surge a pergunta “o que aconteceria se Julieta não se matasse ao fim da peça?” A partir daí, os personagens da

peça baseados no autor e sua esposa Anne e William Shakespeare recriam o final de Romeu e Julieta, o atualizando para os dias de hoje. Comparando os textos de ambas as peças, o objetivo dessa apresentação é entender como a personagem Julieta se desenvolve nessa narrativa em comparação com o texto original, analisando como foi feita a atualização de sua história para hoje. O que percebemos então é a possibilidade de um espaço para esta personagem feminina tão famosa se desenvolver sem depender de seu par romântico, Romeu, mas sem esquecer a referência no texto original da peça.

Palavras-chave: Julieta. Shakespeare. Releitura

A METAMORFOSE DE CIRCE: DA NARRAÇÃO DE UM HERÓI ÉPICO À NARRAÇÃO DE UMA FEITICEIRA DA ANTIGUIDADE

Gabriela Souza Farias de Azevedo (UERJ)

Resumo: Este trabalho se propõe fazer um estudo comparativo entre as narrativas realizadas por Ulisses nos Cantos IX-XII da *Odisseia*, de Homero, e desses mesmos episódios recontados pela feiticeira Circe no romance homônimo de Madeline Miller (1978-atual). A partir de nossa análise, foi perceptível a ocorrência de uma metamorfose dos eventos e dos personagens quando narrados por Circe na obra contemporânea, ratificando o postulado do estudioso francês Gérard Genette (1979, p. 212) acerca da autonomia da narrativa residir no ponto de vista de quem a realiza. Além disso, vale ressaltar que esses episódios contados por Ulisses introduzem “lendas isoladas” (Hegel, 2004, p.127), o que significa que o mito da feiticeira Circe foi registrado primeiramente na *Odisseia*, sob a voz do herói épico. Descrita pelo personagem como “terrível deusa de fala humana” (HOMERO, X, v. 136), sua presença no épico foi considerada uma “referência arquetípica para as bruxas que vieram depois” (BRACKE, 2009b, p. 94, apud MADUREIRA, 2020, p. 291), infelizmente, atrelada à “periculosidade feminina” (MADUREIRA, 2020, p. 298) por transformar homens em animais. Por isso, torna-se importante que autoras, como Madeline Miller, se proponham a resgatar a imagem da feiticeira a fim de recontar aquilo que Ulisses, famoso pela sua astúcia e também pelas suas mentiras (LOURENÇO,

2011, p.101), narra em suas histórias direcionadas aos feácios. Portanto, quando a autora contemporânea transfere o foco narrativo de sua obra para Circe, obtemos uma outra versão do que Homero, com maestria, coloca sob a voz de Ulisses.

Palavras-chave: Homero. Ulisses. Circe. Madeline Miller. Foco narrativo.

DANÇANDO NO ESCURO DE LARS VON TRIER: ENTRE A COREOGRAFIA DE RETORNO AO TRÁGICO E A RUPTURA

Dayana Mendes Lopes (UFRJ/CNPq)

Este trabalho tem por objetivo analisar o filme *Dançando no escuro* de Lars von Trier à luz das discussões sobre o trágico presentes em *Tragédia Moderna* de Raymond Williams e *Doce violência: a ideia do trágico* de Terry Eagleton. Além disso, pretendemos discutir como a criação de um melodrama com altas doses de ironia foi utilizado para romper com a tradição hollywoodiana do cinema de musicais ao mesmo tempo em que mantém elementos de tragicidade e dialoga com Édipo Rei. Lars von Trier iniciou sua trajetória oficialmente como cineasta em 1984 e, desde o início, colecionou polêmicas. No curso de Cinema, aprofundou seu conhecimento técnico sobre as regras de decupagem para ser capaz de subvertê-las em seus filmes, bem como conceber novas técnicas. Em *Dançando no escuro*, o diretor desconstrói o gênero musical ao propor uma nova maneira de gravar e editar cenas coreografadas, para isso, Trier filma todas as cenas de dança com cem câmeras ligadas ao mesmo tempo, o que deixa à montagem e à edição a responsabilidade por compor a coreografia. A utilização de várias câmeras deixa as cenas com música com cortes e mudanças abruptas de ângulos, gerando certo desconforto estético em um estilo de cena feito, tradicionalmente, para agradar aos olhos do público. Uma segunda ruptura com o gênero musical ocorre na estruturação do roteiro. Ao conceber como protagonista

uma imigrante de um país comunista e contextualizar o filme no período da Guerra Fria, o cineasta desestrutura o discurso meritocrático que projeta os Estados Unidos da América como a terra das oportunidades, da prosperidade pecuniária e ambiente favorável a todo aquele que deseja se tornar um *self-made man*. Selma imigra para os EUA com o objetivo de, por meio do trabalho árduo, economizar dinheiro para custear a cirurgia do filho e evitar que a criança fique cega, mas acaba tendo um desfecho típico de uma heroína trágica. Assim, a escolha do gênero musical como um receptáculo para o desmantelamento de tal discurso ideológico capitalista também promove uma subversão proposital deste gênero, já que a música, na obra trieriana, não atua de modo a impulsionar a narrativa. Ainda que as discussões acerca do trágico envolvam uma vasta bibliografia e entendendo a impossibilidade de aprofundá-la neste resumo, percebemos que a obra mantém elementos que podem ser caracterizadores de uma conformação trágica. Em linhas gerais, a presença de um dilema ético interior, o sentimento de culpa, suas virtudes morais e a complexidade de sua personalidade conferem à Selma características de uma heroína trágica. A personagem está em claro conflito com o Estado e com a Lei, alcançando a redenção por seu crime após ser enforcada, tal qual Jocasta da tragédia edípica. Dentro de tal perspectiva, ao mesmo tempo em que Selma representa inúmeros trabalhadores precarizados dentro de um sistema social excludente, ela firma-se como uma heroína trágica melodramática. Com isso, *páthos* do trágico, na modernidade, é operado por meio do melodrama.

Palavras-chave: Trágico. Lars von Trier. Édipo Rei. Dançando no escuro. Cinema.

MADWOMAN IN THE ATTIC: A SOBREVIDA DE UM SÍMBOLO DE REVOLTA CONTRA O PATRIARCADO

Karoline dos Santos Silva (UNIRIO)

O romance vitoriano *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë (1847), brevemente nos apresenta uma figura feminina excêntrica e outrificada: Bertha Mason, a esposa louca de Edward Rochester. Bertha é silenciada e sabemos sua história somente através da perspectiva de Rochester, seu marido. Ela é uma mulher branca crioula vinda da Jamaica, ex-colônia inglesa no Caribe e após seu casamento com Rochester, ela desenvolve uma série de transtornos mentais e por fim, é mantida em um sótão, longe do convívio social e tratada por vezes como um animal e causando horror a todos de Thornfield Hall. O que propomos na presente comunicação é analisar a sobrevida e refiguração da personagem Bertha no romance *Vasto Mar de Sargaços* (1966), de Jean Rhys. Analisaremos a refiguração de Bertha em *Vasto Mar de Sargaços*, levando em consideração os aspectos propostos por Carlos Reis (2015), o propósito ideológico da refiguração da personagem e sua representação no romance. Carlos Reis aponta que: “A refiguração pela imagem de personagens literárias favorece efeitos de leitura desdobrados, uma vez que aquela refiguração é, em simultâneo, uma releitura de um texto verbal e uma descoberta de aspectos insuspeitados das ditas personagens. (REIS, 2015, p. 46)”. Nossa análise comparativa busca apresentar como resultado as nuances e diferenças entre o discurso do colonizador sobre a mulher caribenha e o discurso dela sobre si.

O discurso de Edward Rochester sobre Bertha Mason é imbuído de visões estereotipadas que existiam no imaginário inglês sobre a mulher caribenha. Características como preguiça, animalismo, beleza exótica e falta de educação estavam relacionadas intrinsecamente com a ideia de que ingleses tinham acerca das mulheres caribenhas, em grande parte esse conjunto de imagens negativas não passavam de estereótipos. Daniel Henri Pageaux (2004), define: “O estereótipo é claramente, uma espécie de síntese, de resumo, uma expressão emblemática de uma cultura, de um sistema ideológico e cultural. Estabelece uma relação de conformidade entre uma expressão cultural simplificada de uma sociedade: a promoção do atributo ao nível de essência exige o consenso sociocultural mais vasto que é possível obter. Portador de uma definição do Outro, o estereótipo é o enunciado de um saber dito coletivo que se quer válido seja qual for o momento histórico” (PAGEAUX, 2004, p. 141).

Palavras-chave: Refiguração. Sobrevida da personagem. Bertha Mason. Outrificação. Releitura.

O MEIO-FIO DE SIMÃO BACAMARTE

Gabriela Ribeiro Nunes (UERJ)

O Alienista, novela seriada de Machado de Assis, publicada no jornal *A Estação* em 1882 e, posteriormente, no mesmo ano, reunida em livro junto a outros contos em *Papéis Avulsos*, forma parte de um dos diversos escritos do autor dedicado ao tema loucura, caro ao escritor. A narrativa da novela, em suma, conta a história do ilustre Dr. Simão Bacamarte e sua engenhosa ideia de criar uma casa de orates em Itaguaí a fim de estudar e tratar os loucos da região. Uma grande confusão é gerada quando o médico decide demarcar os limites da razão e da loucura, propondo a hipótese de que “A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia, e só insânia” (ASSIS, 2008, p. 17), resultando, a posteriori, na internação de quatro quintos da população itaguaiense na Casa Verde. Tal feito o faz mudar a doutrina para um novo extremo, oposto ao anterior, trazendo como hipótese patológica “todos os casos em que aquele equilíbrio [das faculdades] fosse ininterrupto” (ASSIS, 2008, p. 39). No final, o estatístico Simão Bacamarte, mais apegado à Matemática do que à Ciência, se dá conta de que possui todas as características “do perfeito equilíbrio mental e moral” (ASSIS, 2008, p. 47), reunindo em si mesmo “a teoria e a prática” para, no fim, morrer depois de dezessete meses, “no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada” (ASSIS, 2008, p. 48). A fortuna crítica de *O Alienista* tem muitos estudos que se dedicam a analisar não somente a presença da loucura na narrativa, mas também seu pano de fundo histórico.

Entretanto, a presente comunicação, indo de encontro à visão de que Simão Bacamarte é a caricatura de um cientista ou representação da Ciência, pretende defender a hipótese de que o médico, assim que cede à loucura, não pode mais ser visto ou comparado a um cientista, sendo apenas um alienado com pretensão de alienista, sem a capacidade de estudar as doenças cerebrais por já estar com a razão comprometida. Para isso, será feito um estudo atento das figuras taxadas como loucas pelo Doutor Bacamarte e as constantes mudanças que faz em suas teorias sobre a loucura.

Palavras-chave: O Alienista. Machado de Assis. Ciência. Loucura. Simão Bacamarte.

O MONSTRO MACOBEBE NA MARQUÊS DE SAPUCAÍ

Thayane Verçosa (UERJ/CAPES)

Apresentado, em 7 de abril de 1929 (p. 3) no periódico pernambucano *A província*, como “um horrível ente fantástico”, “muito grande, do tamanho de uma sucupira de meio século, com um extenso rabo metade de leão e metade de cavalo, quatro imensos olhos vermelhos como quatro grandes brasas vivas a flor da cara”, “que anda apavorando as tímidas crianças e impressionando a imaginação crédula dos matutos”, o monstro Macobeba protagonizou diversas aventuras assinadas por José Mathias, pseudônimo de Júlio Bello, de abril a setembro do mesmo ano. O impacto delas pode ser percebido, por exemplo, pela quantidade de refigurações da criatura elaboradas por diversos autores relevantes do Modernismo brasileiro, como Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Joaquim Cardozo e Manuel Cavalcanti Proença, com resultados bastante distintos. Enquanto o primeiro ironizou o aspecto assustador da assombração, o autor de *Vidas secas* reelaborou a figura para produzir uma crítica política alegórica. Já Jorge de Lima inseriu o monstro em narrativas repletas de elementos maravilhosos e Joaquim Cardozo produziu uma peça na qual os macobebas foram responsáveis pela destruição de Muribeca. Cavalcanti Proença, por sua vez, no livro macunaímico *Manuscrito holandês ou a peleja do caboclo Mitavaí contra o monstro Macobeba* (1959), ao figurar Macobeba, primeiramente, como o presidente estrangeiro de uma megacorporação exploratória e totalitária,

produziu uma crítica alegórica ao caráter diabólico do capitalismo – algo reiterado quando o monstro assume a forma destruidora semelhante à original. Seja pela semelhança com *Macunaíma*, pelo seu caráter plural, ou pelo seu aspecto crítico, a recepção do *Manuscrito holandês* impactou diversos leitores, incluindo o carnavalesco Paulo César Cardoso Pires, que, ao lado de Laíla e Renato Lage, transformou a trama no enredo intitulado “Macobeba, O Que Dá Pra Rir Dá Pra Chorar”, da Escola de samba Unidos da Tijuca no carnaval de 1981, em um desfile marcado por críticas políticas, econômicas e sociais. Assim, nesta comunicação analisaremos brevemente as publicações que apresentaram o monstro, comparando-as com as posteriores refigurações autorais, focando na reelaboração de Cavalcanti Proença, a fim de compará-la com o desfile apresentado, refletindo, por fim, sobre os impactos políticos e sociais deste.

Palavras-chave: Macobeba. Refigurações Autorais. Releituras. Carnaval.

O PAPEL DO NARRADOR NO ROMANCE *ÚRSULA*

Karline Lima de Carvalho (UFRJ)

A presente proposta de trabalho propõe-se a analisar o papel do narrador no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859. A obra é narrada em terceira pessoa, com um narrador intruso. *Úrsula* é um romance da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, considerado o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil e é considerado um romance precursor da temática abolicionista na literatura brasileira, antecedendo Castro Alves e Joaquim Manoel de Macedo. Maria Firmina apontou o caminho do romance romântico como atitude política de denúncia de injustiças. Nesse sentido, *Úrsula* polemiza com a tese segundo a qual nos falta um “romance negro”, pois apesar de centrado nas vicissitudes da heroína branca, pela primeira vez em nossa literatura, tem-se uma narrativa da escravidão conduzida por um ponto de vista interno e por uma perspectiva afro-descendente. Destaca-se a condição social da autora, que não teve estudo na Europa, tampouco conhecimento de outras línguas, quando afirma no prólogo da obra que “pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados”. Sob este aspecto, o viés abolicionista se destaca tanto no discurso das personagens, quanto nas palavras engajadas do narrador, trazendo a singularidade da obra para a literatura brasileira. Portanto, ao longo deste trabalho, pretende-se relacionar o ponto de vista do narrador ao de uma crítica

social do período. O enredo romântico trata-se de uma história de amor impossível entre os jovens Úrsula, pura e simples, e Tancredo, um nobre bacharel, situação muito comum naquela época. Relata também a tragédia dos escravos Túlio, Susana e Antero. Destaca-se também o triângulo amoroso formado pela jovem Úrsula, seu amado Tancredo e pelo tio Comendador, este caracterizado como vilão, tendo destaque principal nas ações. Ou seja, a narrativa se destaca diante do tratamento dado às mulheres, aos personagens negros e à escravidão diferenciando-se em vários aspectos da literatura produzida até então. Portanto, pretendemos analisar como o narrador constrói os personagens, sobretudo a mulher e o escravo, tendo em vista que eram figuras pouco exploradas pelo romance oitocentista brasileiro.

Palavras-chave: Regionalismo. Romance romântico brasileiro. Literatura feminina.

TRANSFIGURAÇÕES DA “MUSA” NA POESIA DE ADÍLIA LOPES E GOLGONA ANGHEL

Tamara Roza Campos Amaral (UERJ)

Esta comunicação tem como objetivo tecer uma análise acerca da presença da Musa na poesia de Adília Lopes e Golgona Anghel. Partindo dos escritos poéticos dessas autoras, o objetivo desta leitura é conhecer como essas escritas criam novas funções e significados para musa, seja a partir da conservação dessa figura na tradição literária, seja produzindo outras significações. Isto posto, delimito a discussão a um recorte pequeno na poesia portuguesa contemporânea, pois esboço aqui a tese de que a Musa ressurge na contemporaneidade sob novos paradigmas, impactando a estética de poesia do século XXI, e sobretudo, da poesia escrita por mulheres. Para tal, buscar-se-á analisar as relações de semelhança e diferença entre as musas surgidas na obra de Adília Lopes e as de Golgona Anghel, na intenção de tecer comparações e afastamentos das musas surgidas nas epopeias antigas, bem como buscar-se-á analisar os desdobramentos entre a musa representada ao longo da história da literatura e as musas apresentadas na poesia portuguesa hoje principalmente por poetisas do sexo feminino. Partindo, então, da épica clássica, de Homero e Camões, nota-se que a musa corresponde à divindade capaz de inspirar o poeta a cantar seus versos. Todavia, essa inspiração dada pela musa se deve a sua memória, uma vez que este ser divino seria capaz de transpor ao poeta a verdade daquilo que experimenta do fato histórico. Assim, por

um longo período na literatura, a Musa era a fonte de inspiração (entusiasmo) do fazer poético. Em alguma medida, a musa continuou reverberando na literatura a noção de inspiração, mas uma forma muito mais atrelada à sensualidade corpórea que mnemônica. Deste modo, a partir da década de 1960, ressurgiu na poesia portuguesa atual os dois tipos de musa mencionados. Minha intenção será analisá-los a partir das teorias de Adriana Cavarero e Erick Havelock, traçando um percurso histórico através do qual nota-se uma evolução dessa presença na poesia.

Palavras-chave: Adília Lopes. Golgona Anghel. Poesia Contemporânea. Musa. Tradição Poética.

Eixo 14

Estudos linguísticos em foco: a multiplicidade da linguística em suas variadas correntes, escolas, épocas e autores para decodificar o mundo



A TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL E A RELAÇÃO COM O PROCESSO DE COMPREENSÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Camila Bento de Almeida (UERJ)
Fernanda Carneiro Cavalcanti (UERJ)

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento no mestrado com o objetivo de realizar uma análise a respeito do tratamento de expressões idiomáticas em materiais didáticos do segundo segmento do ensino fundamental, levando em consideração os postulados da Linguística Cognitiva, em especial a Teoria da Metáfora, e sua visão de que a metáfora é de natureza sobretudo cognitiva. Assim sendo, consideramos importante estabelecer relação entre linguagem, cognição e cultura, em especial a relação entre metáfora e expressões idiomáticas. A escolha em trabalhar nessa direção tem como base dois aspectos: (I) o de que a metáfora é tradicionalmente abordada como figura de linguagem, contrariando a visão de que esta tem papel fundamental em como pensamos e significamos nossas experiências no âmbito de nossa cultura e comunidade de fala; (II) o de ser possível acompanhar de que forma as expressões idiomáticas aparecem e são abordadas pedagogicamente no âmbito escolar do 6º ao 9º ano, dado que analisaremos o livro didático “Araribá – conecta Português”, da editora Moderna, disponibilizado pelo Programa Nacional do Livro Didático. Nessa perspectiva, ao partirmos da metodologia de caráter qualitativo, o nosso corpus de investigação será constituído por diferentes

expressões idiomáticas encontradas nos quatro volumes do livro acima mencionado. Além disso, a nossa pesquisa será realizada com as expressões idiomáticas encontradas em tirinhas porque nos interessa o fato de que este gênero textual, ao apresentar linguagem verbal e não verbal, contempla aspectos que contribuem para o uso e a compreensão real dessas expressões. Dessa forma, esperamos que a escolha por trabalhar com o uso de expressões idiomáticas em tirinhas nos possibilitem, através da análise, colaborar para desenhos de metodologias pedagógicas voltadas para compreensão das expressões idiomáticas em sala de aula.

Palavras-chave: Cognição. Expressões idiomáticas. Linguagem. Metáfora conceptual.

AUTISMO E PRESSUPOSIÇÃO: UM ESTUDO PSICOLINGUÍSTICO

Brendha Portela Camargo (UFRJ/CAPES)

Este estudo, situado na literatura que aborda a relação entre pragmática e autismo, tem como objetivo investigar a maneira como adultos autistas lidam com enunciados pressuposicionais. A primeira hipótese formulada postula que indivíduos autistas enfrentam maiores desafios na compreensão desses enunciados em comparação com pessoas neurotípicos. A segunda hipótese, derivada da análise semântico-pragmática da Construção de Contraexpectativa com Bem (CCB) (PORTELA, 2021; SOUSA, 2021), propõe a existência de um novo tipo de pressuposição, chamado “pressuposição de expectativa”. Segundo nossa proposta, há diferenças no processamento entre a pressuposição de expectativa e a pressuposição de conhecimento (LAMBRECHT, 1994), sendo a primeira mais desafiadora em termos de interpretação. Para avaliar essas hipóteses, conduziu-se um experimento de escolha forçada com a participação de 32 indivíduos autistas e 32 indivíduos neurotípicos. O experimento incluiu dois tipos de gatilhos de pressuposição: a CCB (um exemplo de disparador de pressuposição de expectativa) e verbos de mudança de estado (VME; um exemplo de disparador de pressuposição de conhecimento). Os resultados confirmaram a primeira hipótese, indicando que pessoas com autismo enfrentam maiores dificuldades na compreensão de sentenças pressuposicionais em comparação com indivíduos neurotípicos. Por outro lado, a segunda hipótese não foi corroborada, uma vez

que os dados revelaram uma maior dificuldade de processamento dos enunciados do tipo VME, e não CCB – o que, embora aponte na direção oposta à da previsão inicial, ainda nos permite sustentar a proposta acerca da existência da pressuposição de expectativa.

Palavras-chave: Pressuposição. Autismo. Pragmática. Experimento psicolinguístico.

CANDOMBLÉ E LINGUÍSTICA COGNITIVA: CONTRIBUIÇÕES EM UMA VIA DE MÃO DUPLA

Viviane Alves Caldas (UERJ)

Leonardo Jovelino Almeida de Lima (UERJ)

O Candomblé é uma religião de origem africana que se desenvolveu principalmente no Brasil, especialmente entre a população afrodescendente. As divindades principais do Candomblé são conhecidas como Orixás -manifestações das forças naturais e representações de diferentes aspectos da vida e do universo. Ao longo dos anos, o Candomblé enfrentou perseguições e discriminação, mas manteve suas tradições vivas e tem sido uma importante forma de expressão cultural e espiritual para as comunidades afrodescendentes. O Candomblé não é apenas uma prática religiosa, mas também um sistema cultural complexo que abrange música, dança, arte, rezas, gestos, filosofia e medicina tradicional. Essa diversificação praticada em seu modelo de culto pode suscitar o interesse de estudos cognitivos, tendo em vista que ela representa toda uma forma de pensar e atuar dos seus praticantes. Nesse sentido, a Linguística Cognitiva (LC) se mostra um relevante caminho para uma melhor compreensão da referida religião, pois, assume como premissa entender como os aspectos linguísticos refletem e influenciam a maneira como percebemos, categorizamos e compreendemos o mundo ao nosso redor. Assim sendo, este trabalho tem por objetivo (a) discutir de que forma a Linguística Cognitiva pode nos ajudar a compreender o Candomblé, assim como, (b) refletir

de que maneira essa compreensão pode contribuir para a própria LC e, conseqüentemente, para a apreensão de nossa forma de ver e perceber o mundo. As análises partiram de uma abordagem qualitativa-interpretativista e foram norteadas por teorias basilares da LC, tais como, Semântica dos Frames (FILLMORE, 1977), Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994), Metáforas e Metonímias Conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 1980), e Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Ademais, realizou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica, na intenção de buscar pesquisas que articulam estudos cognitivos e práticas religiosas Candomblecistas. Assim, uma vez que a Linguística Cognitiva enfatiza a interconexão entre a linguagem e a cognição, e o Candomblé manifesta diversificadas formas de linguagem, ambos mostram recíprocas contribuições que permitem-nos entender melhor a religião e a nós mesmos, enquanto seres pensantes.

Palavras-chave: Candomblé. Linguística Cognitiva. Contribuições.

CHATGPT: CONTRIBUIÇÕES DE UMA PESQUISA LINGÜÍSTICA

Vanessa Barros Dutton (UERJ/PIBIC)

Ricardo Joseh Lima (UERJ)

O presente trabalho pretende facilitar e acelerar o acesso ao uso de um dos atuais geradores de texto a partir de inteligência artificial, conhecido como ChatGPT. O objetivo é garantir ao usuário comum a autonomia e a praticidade de uma ferramenta que ainda não foi tão explorada e utilizada em seu pleno potencial para o estudo pessoal. Isso será feito através de um vínculo entre as áreas da linguística e da tecnologia, explorando os padrões e métodos de conversação e comunicação dos quais a ferramenta dispõe. O ChatGPT, de acordo com ele mesmo, é um modelo de linguagem desenvolvido pela OpenAI para gerar textos coerentes, e foi treinado para reconhecer padrões de linguagem para conversar e interagir. É, portanto, uma ferramenta interacional, que depende de comandos, e não apenas um dispositivo de busca como o site do Google ou qualquer outro navegador. Entendemos que a velocidade e a instantaneidade são necessidades do ser humano nos dias de hoje, portanto o mesmo se aplica em relação ao estudante que possa vir a utilizar a ferramenta. A pressa e a expectativa da resposta podem muitas vezes gerar desapontamento, mas isso dá-se pela incompatibilidade do que o aluno espera com o que o ChatGPT pode oferecer. O atual trabalho oferece um modelo de comando pronto, pensado, estudado e testado a fim de oferecer ao usuário uma experiência mais veloz e eficaz de estudo a partir

da ferramenta, além de mais confortável. Afinal, o aluno poderá escolher como a resposta que deseja será produzida, atendendo às suas necessidades pessoais de modo mais agradável e gentil, ou com uma maior plenitude de informações e detalhes sobre o assunto ou área do conhecimento que ele escolher explorar.

Palavras-chave: Linguística. Tecnologia. ChatGPT. Inteligência Artificial. Estudo Pessoal.

O PAPEL DA METÁFORA E DA METONÍMIA NA CONCEPTUALIZAÇÃO DO FEMININO NO FUNK E SAMBA CARIOCAS

Laura Mariana de Jesus de Brito da Costa (UERJ/FAPERJ)

Fernanda Carneiro Cavalcanti (UERJ/FAPERJ)

A presente pesquisa possui enquanto objetivo compreender, à luz da teoria da metáfora conceptual – TMC – (LAKOFF; JOHNSON, [1980] 2002), a conceptualização do feminino, levando em conta a análise do léxico referente ao feminino presente em dois diferentes gêneros musicais, de matriz afro-brasileira, com suas raízes formativas em setores urbanos periféricos do Rio de Janeiro: o funk e o samba. A primeira etapa da pesquisa, já concluída, concentrou-se na análise de cem canções do funk carioca de autoria de Anitta, Dennis DJ, Lexa, Ludmilla e Pocah, produzidas entre 2017 e 2021. Os dados demonstraram a relevância do léxico referente ao feminino relacionado às partes do corpo, especialmente a bunda, com média de 13,56 ocorrências dentre todas as cem canções analisadas. A compreensão do feminino enquanto parte específica do seu próprio corpo, segundo a TMC, evidencia a emergência da metonímia conceptual PARTE PELO TODO e seu caráter não arbitrário. Concluiu-se, assim, que a metonímia conceptual PARTE PELO TODO ou ainda MULHER É BUNDA é forte ferramenta com que a sociedade carioca conceptualiza e categoriza o feminino no âmbito de suas interações corpóreas socioculturalmente situadas. A segunda fase da investigação, ainda em andamento, se concentra na análise do léxico referente ao feminino em

composições do samba carioca. Foram selecionadas cem canções de Dudu Nobre, Mart'nália, Mumuzinho, Dilsinho e Martinho da Vila, entre 2018 e 2022. A abordagem do léxico foi realizada através de metodologia qualiquantitativa, igualmente usada na primeira etapa da pesquisa. Os resultados preliminares demonstram divergências em relação a primeira parte dessa pesquisa voltada para o funk. Notamos, no âmbito do samba, a relevante recorrência do item lexical “boca”, com 56 presenças, para se referir à mulher amada, assim como a importância de elementos ligados à natureza, como água, sol, dia e flores, mapeados por metáforas conceptuais em termos de amor e de mulher. Em suma, os resultados parciais apontam para peculiaridades e diferentes perspectivas na conceptualização do feminino – em especial no que se refere à metonímia conceptual PARTE PELO TODO –, motivadas, ao que parece, por modelos culturais distintos - a visão do funcionamento do corpo feminino na sociedade laica carioca e nas religiões de matriz africanas.

Palavras-chave: Teoria da Metáfora Conceptual. Metonímia. Categorização do Feminino.

PROUD AND STERN OF GLANCE: ANALISANDO O ADJETIVO PROUD NA DESCRIÇÃO DE BOROMIR DE GONDOR EM *THE LORD OF THE RINGS*

Victoria Barros (UERJ)

A obra literária *The Lord of the Rings* (*O Senhor dos Anéis*, publicado em 1974 no Brasil) do inglês J.R.R. Tolkien foi publicada em três diferentes volumes na década de 50 do século XX. No volume inicial, *The Fellowship of the Ring* (*A Sociedade do Anel*, publicada originalmente em 1954 e em 1974 no Brasil), são apresentados o cenário ficcional da Terra-Média e os personagens que desejam salvá-lo de Sauron, o Senhor do Escuro. Dentre tais personagens, encontra-se Boromir de Gondor – uma das regiões mais próximas geograficamente de Sauron e reconhecida por seu poderio de guerra. Em sua primeira aparição na obra, Boromir é descrito como *proud*, um adjetivo repleto de ambiguidade na língua inglesa, já que pode descrever tanto o orgulho, no sentido do pecado católico, quanto a altivez de alguém. Assim, desde o início o guerreiro de Gondor é apresentado sob uma faceta ambígua que permanece através de incontáveis menções a *proud* ao longo da narrativa, sem encontrar uma definição precisa em nenhum dos dois aspectos do adjetivo até a sua queda e ascensão moral. O presente resumo busca analisar as menções a *proud* ao longo do primeiro e do segundo volume (*The Two Towers*, publicado originalmente em 1954 e em 1977 no Brasil sob a tradução *As Duas Torres*) da obra, observando de que maneira classificam os nomes a ele relacionados – positivamente, negativamente

ou de forma neutra. Para tanto, também será analisada a figura do narrador para compreender quem fala/descreve Boromir sob tal perspectiva. Objetiva-se dessa forma explicitar a visão do próprio J.R.R. Tolkien sobre o personagem como alguém que transita em uma zona cinzenta. Ele não é bom nem mau, apenas um ser humano. Para tal propósito, serão utilizadas as ideias de Daniel-Henri Pageaux (2004), Alan Rabatel (2016) e Paul Edmund Thomas (2000) para analisar a figura do narrador enquanto Megan Gifford (2020), Miryam Libran Moreno (2005) e outros autores serão utilizados de forma comparativa em relação aos resultados obtidos.

Palavras-chave:The Lord of the Rings. J.R.R. Tolkien. Narratologia. Análise linguística.

UM ESTUDO SOBRE OS EFEITOS DE SENTIDO NA RECEPÇÃO NEGATIVA DA OBRA *CASTANHA DO PARÁ* PELO VIÉS DA ABORDAGEM CRÍTICA DA METÁFORA

Eduarda Sena da Silva (UERJ)
Fernanda Carneiro Cavalcanti (UERJ)

O presente trabalho investiga a situação negativa de recepção de uma imagem retirada da História em Quadrinhos *Castanha do Pará*, de Gidaldi Júnior. Essa imagem foi divulgada na exposição de artes no Parque Shopping, na cidade de Belém, no Pará, no ano de 2018, e, por meio de uma publicação na rede social Facebook, um sujeito – que se identificou como policial militar – criticou a presença daquela gravura na exposição, a qual resultou na retirada da imagem desta de tal evento. A partir disso, buscou-se analisar a mencionada situação negativa a partir das metáforas conceptuais que estruturam os elementos visuais da imagem e sua relação com a postagem do sujeito-autor na rede social citada à luz da Teoria da Metáfora Conceptual (CHATERIS-BLACK, 2004; KOVECSSES, 2010; FORCEVILLE, 2006, 2008; GOATLY, 2006). Para tal, lança-se mão de metodologia de caráter qualitativo exploratório e descritivo-interpretativo, em que se descreve e se explana a relação da construção sentidos na narrativa acerca da HQ em questão e a emergência da metáfora conceptual (KOVECSSES, 2010), em especial, da metáfora animal (GOATLY, 2006), além das aplicações da metáfora em textos multimodais (FORCEVILLE, 2006, 2008) na condição de práticas sociais (CHATERIS-BLACK, 2004). Como resultado, observou-

se, primeiro, que o gênero multimodal restringe e afeta a conceptualização e a interpretação da metáfora, tendo como base os conhecimentos culturais do leitor/receptor; em seguida, notou-se que o uso da metáfora animal do urubu na imagem exposta bem como sua carga ideológica e os valores projetados das práticas sociais do leitor constituem um ponto fundamental para a produção e compreensão da mensagem da obra, em especial da imagem exposta no Parque Shopping, na cidade de Belém, no Pará, no ano de 2018. Ou seja, as associações entre humano e animal urubu, presentes no material analisado, permitem, ao se conceptualizar HUMANO COMO ANIMAL, a desumanização das pessoas em situação de rua, para abordar a marginalização desses sujeitos, inferindo, assim, a metáfora SEGURANÇA PÚBLICA É GUERRA CONTRA SUJEITOS EM SITUAÇÃO DE RUA na postagem do sujeito-autor. Dessa forma, esse estudo também explora o valor ideológico da metáfora em relação ao texto multimodal, na condição de prática social.

Palavras-chave: Metáfora Conceptual. Metáfora animal. Ideologia. Prática Social. Multimodalidade.

Eixo 15

*Escritas femininas:
identidade e narrativa de
vozes pioneiras*



AS VOZES AUTORAIS PREFATÓRIAS DE ESCRITORAS INGLESAS DA PRIMEIRA MODERNIDADE

Aline Fernandes Thosi (UERJ/CAPES)

As obras literárias de autoras inglesas da Primeira Modernidade (séculos XVI e XVII), ainda hoje praticamente desconhecidas no Brasil, foram descobertas por pesquisadores de países anglófonos na segunda metade do século XX e a pesquisa acadêmica acerca destes textos passou a ganhar mais fôlego apenas no século XXI. Hoje, sabemos que mais de 50 autoras inglesas produziram literatura na modernidade nascente, escrevendo sobre os mais variados temas, (as questões da mulher; religião; casamento; vida doméstica; família; guerra; leis; dentre outros) e em diversos gêneros (poesia; drama; romance; cartas; dentre outros). Ao analisar suas obras, é possível perceber que muitas dessas escritoras utilizaram o espaço prefatório não com o único objetivo de apresentar seu texto, mas também com o propósito de construir sua identidade autoral, defendendo sua escolha de tema e gênero textual, reivindicando seus direitos como escritora/leitora/tradutora, denunciando abusos do sexo oposto, convocando ajuda financeira de possíveis patronas das artes e convidando suas possíveis leitoras a se unirem ao seu propósito. Em seu ensaio “Prefacing Texts, Authorizing Authors, and Constructing Selves: the Preface as Autobiographical Space,” Julie A. Eckerle explica que muitas dessas escritoras utilizavam seus prefácios para defender não só a própria autoria, mas para fazer uma defesa de toda mulher escritora (ECKERLE,

2016, p. 100). É possível conceber este elemento paratextual, portanto, praticamente como uma convocação de comunidade feminina entre autoras e leitoras. O objetivo desta comunicação é apresentar uma breve análise do que diziam e defendiam as vozes autorais nos prefácios das seguintes obras: *Mirroure of Princely Deeds and Knighthood* (1578) de Margaret Tyler (1540-1590); *Jane Anger, Her Protection for Women* (1589) de Jane Anger (fl. 1589); *Of the Markes of the Children of God* (1590) de Anne Locke (1530-1590); *Salve Deus Rex Judaeorum* (1611) de Aemilia Lanyer (1569-1645); *Mortalities Memorandum with a Dreame Prefixed* (1621) de Rachel Speght (1597-?).

Palavras-chave: Autoras inglesas. Primeira Modernidade. Prefácios. Literatura feminina.

CENAS DA PUBERDADE EM CLARICE LISPECTOR

Marcella Mahara Costa Torós (UFRJ/FAPERJ)

Flávia Trocoli Xavier da Silva (UFRJ/FAPERJ)

A pesquisa propõe-se a ler como é construída a representação literária da transição entre a infância e a adolescência em dois textos de Clarice Lispector, *O Lustre*, segundo romance da autora, publicado em 1946, e “Os Desastres de Sofia”, conto presente no livro *A Legião Estrangeira*, publicado pela primeira vez em 1964. A análise terá como foco as singularidades nos modos como as protagonistas Virgínia, no romance, e Sofia, no conto, vivem as transformações que irrompem na transição da infância para a adolescência, em seus desdobramentos, e também como tal singularidade se faz em cada um dos gêneros textuais, romance e conto. Uma vez que esta pesquisa se insere no campo dos estudos literários, tal passagem será pensada como um acontecimento na linguagem, tendo em vista como esse tema é construído na escrita de Clarice Lispector. Serão consideradas as perspectivas teóricas presentes em *Limiar, Aura e Rememoração*, de Jeanne Marie Gagnebin, livro no qual a autora faz considerações, no ensaio “Limiar: entre a vida e a morte”, sobre um fragmento de Walter Benjamin a respeito do limiar e dos ritos de passagem. Benjamin pensa o limiar como uma zona de transição, de movimento, sendo a puberdade uma dessas experiências. Logo, a partir de tais considerações teóricas, o trabalho irá pensar a puberdade como um limiar, vivido em suas nuances pelas personagens de Clarice Lispector, e

como um momento sensível, complexo, que consiste em passar de um certo modo de estar no mundo para outro. Partiremos de pontos nas narrativas que parecem funcionar como impulso para essa transição, por levar ao encontro das personagens com o desconhecido, isto é, com aquilo que elas não necessariamente compreendem: em *O Lustre*, o contato com a morte e a criação da Sociedade das Sombras; em “Os Desastres de Sofia”, o modo como a narradora-personagem lê seu encontro com o olhar e as palavras do professor, o que parece ser fundamental para pensarmos a sua passagem de menina à mulher. Cabe pôr em destaque ainda as seguintes chaves de leitura, importantes para o desenvolvimento deste trabalho: as transformações vividas nas figurações do corpo e da subjetividade das personagens, o aflorar do desejo e da sexualidade, a inconformidade e o desajuste com a realidade (desejo por movimentos, ultrapassagens).

Palavras-chave: O Lustre. Os desastres de Sofia. Clarice Lispector. Puberdade. Limiar.

“ELA ERA MULHER, ELE ERA CÃO”: A ESCRITA CANINA DE VIRGINIA WOOLF

Renata Coutinho Villon (UFRJ)

Virginia Woolf diz, em *Um teto todo seu* (1990), que as mulheres “pobres”, ou seja, limitadas pelo domínio patriarcal, “não têm tido a menor oportunidade [dog’s chance] de escrever poesia” (p. 132). Sob o símbolo dessa “menor oportunidade”, ou “dog’s chance”, no original, pode-se dizer que as mulheres têm, sob certas circunstâncias extenuantes, tanta “chance” quanto um cão quando se trata de escrever. Mulher e cão, então, aparecem entrelaçados numa mesma impossibilidade, que fará nascer um vínculo e um companheirismo que, como nos aponta Donna Haraway no *The Companion Species Manifesto* (2003), formará um ramo da teoria feminista (p. 3) ao qual ela chama de dogwriting – exatamente por reconhecer o potencial da relação entre cães e mulheres para apontar novas direções de afetos e de convivência não-excludente. O presente trabalho pretende analisar, principalmente a partir da obra *Flush: uma biografia* (2016) e da relação retratada entre o cão e sua dona, Elizabeth Barrett Browning, a forma como Woolf parece usar a imagem canina: seja para criticar uma sociedade que coloca mulheres e cães num mesmo patamar, os menosprezando; seja para, como nos indica Maureen Adams – uma psicóloga e professora que se dedicou a investigar as vidas de diversas autoras inglesas e a forma como os cães que fizeram parte delas impactaram suas obras –, “atrair a atenção e expressar seus sentimentos pelas pessoas que amava” (2007, s.p.). Nos interessa também pensar

o que estaria em questão a respeito de uma abertura para vidas outras que a humana, fazendo com que escrita woolfiana nos leve “em direção a uma zona mais aberta e emaranhada de humano e animal, natureza e cultura [...]” (RYAN, 2012, p. 162). O presente trabalho funda-se também, portanto, no campo de *animal studies*, principalmente a partir das postulações derridianas (2006) nesse respeito.

Palavras-chave: Dog writing. Animal studies. Escrita feminina. Virginia Woolf.

ENSAIANDO COM TAMARA K. ("PORQUE NÓS, MULHERES, NÃO ESCRREVEMOS PARA CONVENCER NINGUÉM")

Márcia Fráguas (UERJ)

A escritora argentina Tamara Kamenszain (1947-2021) construiu uma obra literária cuja fronteira entre poema e ensaio mantém uma porosidade que se tornou uma das principais características dos textos da autora portenha. São inúmeros os escritos em que o poema se torna um ensaio que pensa o fazer literário, e que o ensaio só encontra sua solução sumarizada num poema. A fim de explicitar nessa comunicação o modo como o diálogo e a tensão entre literatura e sua reflexão crítica operam na obra de Kamenszain, tomamos como ponto de partida *El libro de Tamar* (2018), em que o trabalho de análise de um poema escrito pelo ex-marido da autora, Héctor Libertella, põe em relevo o debate com a psicanálise, a evolução da própria crítica literária e seus pressupostos, ao passo que as categorias da ficção são tensionadas nas chamadas escritas de si. De modo semelhante, *Garotas em tempos suspensos* (2021), longo poema que pode ser lido como ensaio, Kamenszain reclama uma nova história da literatura, que repense não só as formas literárias, mas o papel das mulheres nessa história. Na trama desses textos, muitos são os interlocutores invocados: Roland Barthes, Jacques Lacan, Julia Kristeva, Pablo Neruda, Jorge Luis Borges, Anne Carson entre outros. E, finalmente, *Livros pequenos* (2020), volume de ensaios que portam em si narrativas fragmentadas, e que narram a formação da autora Kamenszain, a partir da leitura dos livros

que a marcaram e das relações que viveu em seu ambiente literário. Note-se que “pequeno” aqui torna-se conceito e projeto literário, que expõe um debate caro à autora em sua obra, a saber, a erudição dos chamados vates, as grandes figuras literárias masculinas incontornáveis no processo de formação de leitores-escretores, e um outro modo de fazer literatura, em que a posição das mulheres escritoras torna-se central nessa reflexão.

Palavras-chave: Tamara Kamenszain. Vates. Mulheres. Ensaio. Ficção.

LUXÚRIA (2020) DE RAVEN LEILANI E MISFITS (2021) DE MICHAELA COEL: ATRAVESSAMENTOS ENTRE FICÇÃO E NÃO-FICÇÃO

Victor Soares Lopes (UERJ)
Marcela Santos Brigida (UERJ)

Este trabalho propõe uma leitura dos atravessamentos entre *Luxúria* (2020), romance de estreia de Raven Leilani, e *Misfits* (2021), ensaio autobiográfico de Michaela Coel, a partir de uma leitura crítica do conceito de “desajuste”. O sujeito desajustado, o *misfit* de Coel, toma forma em Edie, protagonista de *Luxúria* (2020). Trata-se de uma figura produzida interseccionalmente por fatores como raça, gênero e classe que a colocam em posição de precariedade. Neste trabalho, analisaremos a construção de Edie à luz do conceito do desajuste tal como proposto pela ensaísta e dramaturga inglesa Michaela Coel. Em *Misfits: A Personal Manifesto* (2021), Coel situa o termo *Misfits* a partir de duas perspectivas diferentes. A primeira considera desajustado “aquele que olha a vida de forma diferente” (COEL, 2021, p. 54), enquanto a segunda se volta para o coletivo, propondo que *misfits* são assim “porque a vida os encara de maneira diferente” (COEL, 2021, p. 54). Para além de ser uma mulher negra, Edie surge como uma subjetividade em posição de extrema precariedade após ser demitida da editora onde trabalhava. Sem renda e perspectivas em uma cidade altamente gentrificada, ela é convidada pela esposa do homem com quem se relaciona a morar em sua casa confortável. Embora ganhe acesso a um espaço da classe média

alta, Edie é mantida pelo casal em uma posição ex-cêntrica (HUTCHEON, 1991), forasteira, desajustada. Atravessando os elementos raciais e de classe, o conflito intergeracional entre Edie e os Walker reafirma a condição da protagonista. Coel (2021) aponta que o desejo por transparência é o que motiva o desajustado que se confronta com conflitos intergeracionais. É por meio da expressão artística e do contato com Akila, a filha adotada do casal, que Edie é capaz de recentralizar seu universo a partir de suas vivências, reformulando sua posição de desajustada em seus próprios termos. Assim, alinharemos os conceitos de desajuste e de precariedade (BUTLER, 2004) para interrogar as diversas perspectivas e jogos de poder presentes no romance.

Palavras-chave: Raven Leilani. Michaela Coel. Interseccionalidade.

O GÊNERO INTENSIVO DE VIRGINIA WOOLF E VITA SACKVILLE-WEST

Mariana Muniz Pivanti (UERJ/CAPES)

Em seu livro *Nomadic Theory* (2011), a filósofa italiana Rosi Braidotti declara que a correspondência entre Virginia Woolf e Vita Sackville-West é nutrida de uma intensidade de desejo e vida que se transfere para a escrita de Woolf, criando assim, um gênero intensivo nas obras da autora. Sendo assim, neste trabalho pretendemos discutir a noção de gênero intensivo, uma escrita capaz de abandonar as amarras do ego e adotar a voz da multiplicidade através de um ponto de vista nômade, relacionado à obra de Virginia Woolf e Vita Sackville-West. Focaremos nos escritos em que Woolf articula ficção e o gênero da biografia para demonstrar a potência nômade nas obras em que a autora se volta para o outro. Assim, analisaremos a obra *Orlando* (1928) de Virginia Woolf para perceber como Woolf articula e transgride as limitações do gênero da biografia através da ficção ao criar a personagem Orlando, um jovem rapaz da aristocracia que, em uma viagem como diplomata à Turquia, dorme durante sete dias e acorda como uma mulher imortal. Além disso, será importante notar que a Orlando fictícia de Woolf se baseia em sua amiga e amante Vita Sackville-West. Entretanto, pretendemos nos debruçar na figura intrigante de Sackville-West não apenas como companheira de Woolf, interlocutora de cartas intensas, e musa inspiradora para Orlando, mas também como autora. Portanto, veremos que algumas obras ficcionais de Vita Sackville-West também rompem as barreiras do gênero

biográfico através da ficção. Em *The Edwardians* (1930), a autora desenvolve um narrador irônico que analisa criticamente as maneiras da geração aristocrática dos eduardianos. Nesse sentido, argumentaremos que as críticas mordazes de Vita aos habitantes e convidados da propriedade fictícia de Chevron se voltam, na realidade, contra uma geração hedonista e superficial de aristocráticos que se sustentava através de um ideal vazio e antiquado de nobreza tradicional inglesa. Portanto, analisaremos como o gênero intensivo que exala das cartas de Virginia e Vita se transforma em uma potência múltipla e criadora nas obras em que ambas utilizam e subvertem a biografia para lançar um olhar crítico a noções excludentes e opressoras de história, aristocracia e tradição.

Palavras-chave: Virginia Woolf. Vita Sackville-West. Gênero Intensivo. Cartas. Ficção.

O JORNAL DAS SENHORAS: A RECEPÇÃO DO PRIMEIRO PERIÓDICO FEMININO DA AMÉRICA LATINA

Nathália Santiago Tavares (UFRJ/CAPES)

Tendo como objeto de estudo *O Jornal das Senhoras*, primeiro periódico redigido por mulheres e dirigido às mulheres da América Latina, a proposta da presente pesquisa é estabelecer uma análise que mostre de que forma esse periódico, por ser constituído de forma exclusivamente feminina, anônima e politizada – no sentido de promover a busca por uma emancipação moral das mulheres – possibilitou que o mercado editorial abrisse as portas para o público feminino, de forma que suas sucessoras tenham a possibilidade de pertencer a um mundo onde a publicação de antologias feministas e editoras exclusivamente femininas, por exemplo, são uma realidade. Assim, limitando-se ao primeiro ano de publicação do jornal, a pesquisa visa determinar como se deu uma primeira inserção da figura feminina no mercado editorial, analisando de que forma um periódico voltado às mulheres, editado e escrito por elas se distancia daqueles escritos por homens, contribuindo, dessa forma, com as questões do feminismo no Brasil do século XIX, com a produção editorial e imprensa feminina e com a recepção das mulheres a uma literatura voltada especificamente para elas. Para esta comunicação, optamos por focar na análise da recepção de um periódico específico, um dos capítulos centrais da dissertação de mestrado atualmente em desenvolvimento. Dentro desse capítulo, concentramo-nos na análise crítica da

maneira como a sociedade reagiu à publicação de um periódico feminino que propunha ideias consideradas progressistas para a época em questão. Ao longo dessa análise, deparamo-nos com o que podemos interpretar como um precursor do movimento feminista, evidenciado pela recepção significativamente positiva que as inovadoras ideias apresentadas no periódico receberam por parte das mulheres. Essa aceitação notável pode ser vista como um reflexo do descontentamento das mulheres com a limitada posição social que lhes era imposta. Portanto, por meio desta investigação da recepção desse jornal, nosso objetivo principal é destacar os indícios que sustentam a hipótese de que a ampla adesão por parte das mulheres e, inversamente, a resistência marcante por parte dos homens em relação à noção de liberdade intelectual feminina indicam a presença incipiente do pensamento feminista nas mentes das mulheres latinoamericanas da época.

Palavras-chave: Imprensa. Feminismo. América Latina. Escrita feminina. Recepção.

(RE)LEITURAS DE MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO E NÍSIA FLORESTA SOBRE A EDUCAÇÃO COMO MEIO DE EMANCIPAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX

Camille Aguiar dos Santos (CEFET/RJ)

Adriana Ortega Clímaco (CEFET/RJ)

A comunicação apresenta a pesquisa em desenvolvimento no PIBIC/CEFET-RJ sobre as obras de Maria Amália Vaz de Carvalho e Nísia Floresta, duas autoras oitocentistas nascidas em Portugal e no Brasil, respectivamente. Embora tenham escrito de inserções sociais diferentes, é possível notar que essas escritoras compartilhavam uma visão em comum como tema central de suas obras: a proposta de uma educação feminina emancipatória. No período de publicação de seus trabalhos, a educação feminina objetivava somente capacitar as mulheres para serem boas mães e esposas, limitando seus estudos basicamente à alfabetização e ao ensino de prendas domésticas, fato muito criticado por Nísia Floresta e Maria Amália. Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo geral analisar o que defendiam a portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho e a brasileira Nísia Floresta em suas obras sobre a educação feminina no século XIX. O projeto se trata de uma pesquisa histórico-documental com abordagem qualitativa cujas principais fontes são os livros *Mulheres e crianças: notas sobre educação* (1880) e *Opúsculo Humanitário* (1853), escritos por Maria Amália Vaz de Carvalho e Nísia Floresta, respectivamente. As fontes serão interpretadas à luz de três principais referenciais teóricos: *As mulheres ou*

os silêncios da história (PERROT, 2005), “Educação feminina no século XIX em Portugal: em busca de uma consciência” (PEDRO, 2006) e “Mulheres na sala de aula” (LOURO, 2008). A principal contribuição da pesquisa está em revisitar o trabalho dessas autoras, que não é tão reconhecido hoje em dia, realçando a importância de seus escritos nas discussões acerca da educação como meio de emancipação feminina no século XIX.

Palavras-chave: Maria Amália Vaz de Carvalho. Nísia Floresta. Educação Feminina. Oitocentos.

“WORK AND SWEAT, CRY AND SWEAT, PRAY AND SWEAT!”: UMA LEITURA MULHERISTA DE *SWEAT* (1926) E *THEIR EYES WERE WATCHING GOD* (1937) DE ZORA NEALE HURSTON

Karen Marcelle Mattos F. Beijer (UERJ)

Marcela Santos Brigida (UERJ)

Este trabalho tem como objetivo produzir uma leitura mulherista de duas obras da autora estadunidense Zora Neale Hurston, *Sweat* (1926) e *Their Eyes Were Watching God* (1937). Discutindo a predominância das vozes de autores homens na tradição literária, Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000, p. 8) investigam a própria materialidade das ferramentas de escrita: “A caneta foi definida não só acidentalmente, mas essencialmente como uma ‘ferramenta’ do homem. Logo, o instrumento se torna não somente inapropriado, mas estranho à mulher”. Esta certamente é uma realidade enfrentada por Hurston, cuja carreira como autora publicada se estendeu da década de 1920 à de 1960. Ademais, se as mulheres sofreram variados apagamentos no campo literário, as mulheres negras foram duplamente negligenciadas. No ensaio “In Search of Our Mothers’ Gardens” (1983, p. 8), Alice Walker defende um novo termo para explorar as questões da feminista negra, explicando que “muitas mulheres negras não conseguiam se identificar como feministas devido ao racismo existente no movimento de liberação das mulheres organizado no ano de 1960”. A pensadora propõe o debate a partir do desafio básico de acolher a diversidade das mulheres

negras, adotando os termos “mulherismo” e “mulherista”. Analisando dois romances de Hurston, pensaremos como a autora produz obras mulheristas *avant la lettre*. Em *Sweat* (1926), encontramos Delia, vítima de abusos físicos e psicológicos praticados pelo marido, subalternizada ao longo de 15 anos, até que decide se posicionar. Em *Their Eyes Were Watching God* (1937), Janie é uma mulher que ainda jovem foi encaminhada para o casamento, embora já estivesse à procura de sua própria identidade. Nossa análise focalizará na reação da personagem aos abusos praticados pelo segundo marido. A partir de um enfoque mulherista, faremos uma leitura comparativa das duas obras. Mostraremos, assim, que as narrativas de Hurston ilustram como o machismo na comunidade negra funcionava em seu contexto histórico, além de analisar as maneiras pelas quais personagens femininas negras exercitam sua potência para se desprender das amarras impostas pelo patriarcado.

Palavras-chave: Zora Neale Hurston. *Sweat*. *Their Eyes Were Watching God*. Mulherismo.

Eixo 16

*Literatura na era digital:
interseção entre mídias e
contemporaneidade*



A IDENTIDADE GAY E O “CASO DO PEDREIRO HOMOFÓBICO” NO TWITTER

Ruan Felipe Madela Lima, (UERJ)
Michelle Gomes Alonso Dominguez (UERJ)

O estudo proposto parte da teoria queer sobre a construção gradativa da identidade gay e suas relações com a classe média estabelecidas por John D’Emilio (1993) para observar como tal correlação foi desenvolvida historicamente e como é expressada por usuários de maneira ampla em discussões sobre pautas sociais que ocorrem no espaço digital. Para tanto, analisamos os comentários feitos em resposta a publicação de um *tweet* realizado em 2020, denunciando um caso de homofobia, cuja repercussão no ambiente digital tomou grandes proporções e ficou conhecido na rede social como “caso do pedreiro homofóbico”. O ocorrido acabou por interseccionar pautas tanto contra homofobia, quanto a contextualização socioeconômica do suposto ofensor, consequentemente fazendo com que pontos de vistas contrastantes entrassem em conflito durante o debate, mobilizando um grande número de usuários da plataforma. O corpus da pesquisa consiste em capturas de tela do *tweet* original, algumas respostas e *quote retweets* feitas à postagem, adicionalmente a *tweets* posteriores referenciando a discussão, assim como imagens e GIFs anexados às publicações. Utilizando o arcabouço teórico da Análise de Discurso Crítica, conforme proposta por Norman Fairclough (1999; 2003), e algumas intervenções relativas aos aspectos do digital elaboradas por Marie-Anne Paveau (2020), a pesquisa propõe uma reflexão sobre

como a construção da identidade homossexual é interpretada e reproduzida no discurso de classe, oferecendo ainda uma mirada sobre a forma como a identidade gay é lida publicamente e como o espaço de uma rede social tem mecânicas discursivas exclusivas que influenciam em tais argumentações. São considerados também os procedimentos técnicos com mínimo ou nenhum controle por parte do usuário de uma rede social, mas que ainda assim atuam na construção do discurso, como a filtragem de conteúdo baseado em uma seleção algorítmica e até mesmo as restrições de design e utilização da plataforma.

Palavras-chave: Identidade gay. Análise do Discurso Crítica. Twitter.

AFETOS DIGITAIS: PRÁTICAS TECNODISCURSIVAS E GÊNEROS ÍNTIMOS EM TORNO DE ALEJANDRA PIZARNIK

Gabrielle de Oliveira Sá (UERJ)
Alejandra Judith Josiowicz (UERJ)

Este estudo analisa práticas discursivas digitais que nomeiam, referenciam e citam Alejandra Pizarnik na plataforma digital Twitter entre 2009 e 2022, a partir da perspectiva teórica das Humanidades Digitais decoloniais e feministas na América Latina, levando em consideração também o feminismo de dados. Para isso, foram empregadas ferramentas de processamento computacional para capturar, compor e processar um grande volume de tweets que mencionam Pizarnik em diversas línguas. O trabalho mobiliza a perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso Digital e o Estudo dos Afetos, considerando as práticas de citação, nomeação e referência à autora no Twitter como performances tecno-discursivas capazes de estabelecer laços afetivos, de ternura, compreensão e de companhia, bem como de formar comunidades na plataforma por meio de hashtags e menções à autora. Após uma breve apresentação da escritora, o trabalho explica a metodologia utilizada para a coleta e o processamento computacional do corpus. Em seguida, analisa as práticas discursivas digitais que referenciam, nomeiam e citam Alejandra Pizarnik através das hashtags mais comuns, dos nomes de usuários mais mencionados e dos tópicos mais mobilizados. A partir disso, o trabalho argumenta que essas performances operam em três modalidades fundamentais: Em primeiro lugar,

criam coletividades feministas, genealogias e uma memória discursiva capaz de construir sororidades e “dororidades” em torno da escrita íntima de Pizarnik baseadas em seus diários e correspondências. Em segundo lugar, transformam sentimentos e sensações particulares em uma forma de explorar a subjetividade na esfera digital, como marcada pela ausência e pela construção do indivíduo anômalo e inacabado. Em terceiro lugar, retomam sentidos que transgridem os padrões da heteronormatividade através dos quais o afeto entre mulheres, a angústia, o prazer, a sensibilidade *queer* ganham força no espaço público.

Palavras-chave: Alejandra Pizarnik. Discurso Digital. Subjetividades. Intimidade.

ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL EM TORNO DE DJAMILA RIBEIRO: MEMÓRIA

Ana Cristina Andrade dos Santos (UERJ)
Alejandra Judith Josiowicz (UERJ/FAPERJ)

O presente trabalho parte da perspectiva da Análise do Discurso, especificamente análise do discurso digital, a partir de uma perspectiva antirracista e interseccional. Estuda as práticas discursivas digitais, especificamente as postagens no Twitter que referenciam a intelectual negra Djamila Ribeiro, ativista, autora e editora, entre 2011 e 2022. Mobilizamos os conceitos de interdiscurso, polêmica e memória discursiva para avançar na pesquisa do modo pelo qual os discursos delimitam e instauram áreas polêmicas e de conflito. Apontamos para as práticas discursivas em torno de Djamila Ribeiro e seus efeitos de sentido como perpassadas pelas tensões, exclusões e violências próprias das plataformas digitais no interior das quais eles são produzidas, mas nas quais também emergem forças em jogo capazes de desenvolver estratégias de resistência. Observamos três eixos sociopolíticos e de debate significativos no corpus de pesquisa: Em primeiro lugar, o processo eleitoral de 2022 e, em geral, a política brasileira; em segundo lugar, o “movimento negro” como contrapúblico de resistência no Twitter e, em terceiro lugar, a memória da exclusão e desumanização das mulheres negras na vida pública no Brasil. Na esfera pública brasileira, aqui especificamente em plataformas digitais, percebemos, nos diversos campos de debate, que grupos marginalizados, considerados subalternos, muitas vezes, foram excluídos ou

marginalizados. A metodologia utilizada foi a coleta de todas as postagens com o nome “Djamila Ribeiro”, no Twitter, cuja extração foi feita através da Busca Acadêmica do Twitter, lançada em 2021, a qual permitiu coletar *tweets* em arco histórico, desde 2009 e até 2022, em múltiplas línguas. Para a coleta dos *tweets*, utilizamos “Twarc”, um pacote de Python para coletar dados do Twitter desenvolvido por Documenting the Now. Nossos resultados contemplam a coleta total de 121.248 *tweets* sobre a filósofa postados entre 2011 e 2022. Concluimos que as práticas de nomear e citar Djamila Ribeiro agem como “performances tecnodiscursivas”, capazes de fortalecer contrapúblicos e identidades coletivas e causar um efeito de memória discursiva, estabelecendo relações entre o passado e o presente do racismo e do sexismo no Brasil e na América Latina.

Palavras-chave: Djamila Ribeiro. Humanidades digitais. Contrapúblicos. Análise do discurso digital. Feminismo negro.

HIPERTEXTUALIDADE E INTERTEXTUALIDADE NA LEITURA DE *FANFICTIONS*: UM EXEMPLO A PARTIR DE UMA PRODUÇÃO DE FÃS EM ESPANHOL SOBRE *HARRY POTTER*

Cristina Maria da Silva Grilo Martorelli (SEEDUC-RJ/CEJK)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo pensar e definir a *fanfiction*, a fim de discutirmos a questão da leitura hipertextual e intertextual a partir de sua produção. Para isso, tomamos como *corpus* uma *fanfic* em espanhol sobre as ficções-mãe de *Harry Potter*, na qual percorremos o caminho hipertextual de acesso à sua leitura e verificamos a compreensão leitora do *ficwriter* pela intertextualidade encontrada na construção de sentidos realizada para a produção de sua própria ficção. Embasamos este estudo de caso na Linguística Sociocognitiva, com as perspectivas de autores consagrados por seus estudos em texto, hipertexto, leitura e conhecimentos para o processamento textual, intertextualidade, gêneros textuais e *fanfics*, tais como Koch (2014; 2015a; 2015b), Koch e Elias (2014), Vergnano-Junger (2009; 2010), Bakhtin (2003), Marcuschi (2002). Concluimos que, se os jovens se interessam por escrever *fanfiction*, é porque leem alguma(s) obra(s), tomando-a(s) como partida para sua(s) própria(s) criação(ões). Isso aprimora seu letramento no concernente a aspectos intertextuais e hipertextuais, próprios do ambiente digital.

Palavras-chave: *Fanfiction*. Gênero textual. Hipertexto. Intertextualidade. Leitura.

Eixo 17

*Confluências culturais:
possíveis diálogos entre
literatura, cinema e teatro*



A FORMA E A FALA: A MÉTRICA EM *AUTO DO FRADE*

Fernanda Luis Nunes de Mattos (UERJ/CNPq)
Éverton Barbosa Correia (UERJ)

O pernambucano João Cabral de Melo Neto tem uma extensa produção poética ao curso de vida. Na condição de dramaturgo, não possui tanta produção, que no contexto de sua obra há a presença de dois autos: *Morte e Vida Severina: um auto de Natal pernambucano* (1956) e *O Auto do Frade: poema para vozes* (1984). O primeiro, sua obra mais famosa, é tido majoritariamente como um poema. E o segundo, objeto desta análise, é reconhecido como sua principal dramaturgia, sendo a obra dedicada a seus filhos. Com o friso de *O Auto do Frade* ter sido veiculado por duas editoras no mesmo ano de 1984, após Cabral romper com a José Olympio e seguir suas publicações com a Nova Fronteira. Percebe-se que seu subtítulo *poema para vozes* já evidencia o caráter natural do teatro, comum também a multiplicidades de vozes que ali ressoam e aparecem. Ao longo do auto, ilumina-se que há nessas muitas vozes dramáticas uma alternância regular entre prosa e poesia. Não sendo somente uma alternância nessas estruturas de composição, mas também ocorre na poesia tipos de variação formal da técnica empregada por João Cabral, que oscila no uso de redondilhas maiores, octossílabos ou até mesmo eneassílabos. Por meio de um estudo analítico feito de um recorte de falas dos personagens do *Auto do Frade*, é analisado como que tais vozes oscilam em sua composição formal. Percebe-se no curso da análise que,

ao depender da forma, o conteúdo do trecho dramático é articulado em relação ao que é dito, por qual personagem é dito e em respectivos momentos da narração. Dessa forma, verifica-se que a escolha da forma poética não se dá de forma acidental ou aleatória, é um recurso da linguagem para representar os discursos que ecoam da figura histórica, religiosa e política que foi Frei Caneca, no contexto de ter sido mártir da Revolução de Pernambuco de 1817.

Palavras-chave: Auto. Teatro. Voz. Forma.

FREI LUÍS DE SOUSA (1844): UMA TRAGÉDIA MODERNA

Thayane Alves Guerra Sant'Anna (UERJ/CAPES)

No estudo da cultura portuguesa do século XIX, João Baptista Leitão de Almeida Garrett (1799-1854) destaca-se tanto por sua dedicação como homem público em prol da renovação e do desenvolvimento da cena teatral quanto pelo talento manifestado como escritor em seu repertório dramático, do qual, além de outras singulares obras, distingue-se *Frei Luís de Sousa* (1844). O drama é considerado grande obra-prima não só do teatro garrettiano, mas de todo o teatro em língua portuguesa. Foi encenado com sucesso em palcos europeus e conta com uma enorme fortuna crítica e diálogos intertextuais, com diferentes interpretações. O enredo se baseia nos seguintes dados históricos: a vida de Manuel de Sousa Coutinho, o prosador eclesiástico seiscentista Frei Luís de Sousa, que, antes de ingressar na vida religiosa, casou-se com Madalena de Vilhena, então viúva de D. João de Portugal após a batalha de Alcácer-Quibir. Baseada em discurso verídico, a composição se configura como um texto trágico, uma tragédia nova, segundo denominação do próprio autor durante o discurso de apresentação da obra, a 6 de maio de 1843, quando foi dedicada ao Conservatório de Arte Dramática. O presente trabalho objetiva analisar a obra e discutir acerca da diferenciação entre o que é compreendida como tragédia clássica e o que seria a tragédia moderna, buscando entender a modernização empreendida por Almeida Garrett em seu drama. Para esse fim, será fundamental a recuperação dos conceitos

clássicos fixados por Aristóteles sobre os gêneros dramáticos na *Poética*, tratado que norteia, desde a antiguidade aos dias de hoje, a ideia de tragédia.

Palavras-chave: Garrett. Teatro. Drama. Tragédia.

O HERÓI TRÁGICO A PARTIR DO SÉCULO XX, COMO O PROTAGONISTA DA TRAGÉDIA MUDOU ATRAVÉS DO TEMPO

Ana Paula Santos Hermínio (UERJ)

Vanessa Cianconi Vianna (UERJ)

Como é o caso com a maioria das concepções humanas, a definição de tragédia mudou com o tempo, e com ela também seu protagonista. Uma leitura da *Poética* Aristotélica revela um herói trágico de berço nobre ou um ocupante de uma alta classe da hierarquia social de sua época. Esta comunicação pretende ilustrar através de leituras de Miller em *The Theater Essays of Arthur Miller* não só como ainda é possível falar no gênero tragédia hoje, mas também como seu protagonista não está mais restrito aos moldes da tragédia clássica. Na verdade, para Miller, e para diversos outros autores e dramaturgos de seu tempo, o homem comum não só digno de protagonizar uma tragédia, como é, para os nossos tempos, o herói trágico ideal. Afinal, se a tragédia estivesse limitada à nobreza ou classes sociais elevadas, seria lógico pensar também que a substância da tragédia estaria diretamente relacionada aos problemas típicos das mesmas. Entretanto, como pontua Miller, esse não é o caso. A substância da tragédia se encontra na impossibilidade de o herói trágico ocupar o lugar no mundo onde acredita pertencer. Também é objetivo da comunicação pontuar e ilustrar como a tragédia do pertencimento é sujeito central na nossa contemporaneidade.

Palavras-chave: Tragédia. Herói-trágico. Teatro. Aristóteles. Arthur Miller.

PISTAS DO CINEMA NA LITERATURA DE ROBERTO BOLAÑO: UMA CARTOGRAFIA DE REFERÊNCIAS E PROCEDIMENTOS

Guilherme Rezende Machado (UERJ/CAPES)

João Carlos Pinho Pereira (UFF)

Os romances do escritor Roberto Bolaño são famosos, dentre outras coisas, pela forma com que ele estabelece na sua narrativa uma relação direta com o meio literário, tornando-o um tema de sua obra. A exemplo do que acontece com a literatura, Bolaño também insere em seus livros uma série de referências (diretas e indiretas) ao cinema. Isso tendo em vista sua relação intensa com a sétima arte e também uma incontornável exploração em sua obra de questões da modernidade do século XX, do qual o cinema é um elemento cultural central. Ainda que as referências ao cinema sejam muitas na literatura de Roberto Bolaño, são poucos os textos que nos oferecem algum panorama da relação entre esses dois elementos. Esse trabalho pretende, portanto, fazer um percurso cartográfico em que sejam mapeadas algumas referências cinematográficas na obra de Roberto Bolaño e exemplificar o uso de procedimentos fílmicos na construção da ficção do autor. A ideia de percurso cartográfico parte do conceito homônimo trabalhado por Félix Guattari em *Cartografias Esquizoanálíticas*, além dos comentadores da obra no Brasil. Através desse caminho teórico será possível estabelecer, não apenas as relações diretamente aludidas ao cinema nas obras do escritor, mas aquelas em que as semelhanças e diferenças estão por vias de serem traçadas. Dentre algumas

das referências já encontradas está, por exemplo, a semelhança apontada por Clarisse Lyra Simões entre a técnica de Alfred Hitchcock, denominada *Macguffin*, e a estrutura estabelecida em *Los detectives salvajes* com desvios de natureza similar aos do cineasta. Outra aproximação que vem sendo observada neste sentido está na utilização de procedimentos de composição e montagem entre Roberto Bolaño e o cineasta Eduardo Coutinho, relações que levam a pensar como a literatura contemporânea faz uso de dispositivos cinematográficos para se construir.

Palavras-chave: Literatura e cinema. Roberto Bolaño. Cartografia. Procedimento. Literatura contemporânea.

UMA REVISITA A MOLIÈRE: A PRESENÇA DO TEATRO CLÁSSICO FRANCÊS NA COMÉDIA BRASILEIRA

Cláudia Trindade de Oliveira (UNESP - Assis)

O teatro é o gênero da ação falada. Uma personagem fala para agir sobre outra ou para comentar uma ação, neste caso a fala é instrumento da ação. Normalmente o autor reproduz as falas do cotidiano, organizando-as em diálogos ou monólogos, com o objetivo de se comunicar com os espectadores através de suas personagens. Dada a atenção à comédia brasileira intitulada *O Santo e a Porca* (1964), de autoria de Ariano Suassuna, observa-se que tal obra possui uma criada denominada Caroba, que tem acesso a praticamente todas as conversas da casa onde trabalha, à semelhança da empregada Frosine, presente na peça *L'avare* (1667), do comediógrafo francês Molière; ambas personagens sempre costumam questionar os seus próprios patrões avarentos e tramam contra eles a fim de obterem alguma recompensa financeira. Para isso, elas utilizam tudo o que sabem para armar ou mesmo fortalecer as intrigas das histórias, dando assim, sustentação aos seus respectivos enredos e alimentando, de certa forma, o caráter cômico que caracteriza os dois teatros. Desse modo, importa-nos nesse breve estudo estabelecer uma analogia entre tais personagens, apontando a existência de um diálogo entre as peças, apesar do extenso período temporal que as separa. Para atingir esse propósito, buscamos como base teórico-metodológica para a presente discussão alguns estudos inseridos no campo da literatura comparada. Assim, objetivamos

através desta comunicação verificar como o teatro clássico francês pode ser reencenado e ambientado em outras épocas e culturas. Em suma, considera-se que a obra mais recente – *O santo e a porca* – faz diversas alusões à obra clássica francesa, ao mesmo tempo em que ela se constitui uma nova roupagem que a torna uma obra única incorporada de características nacionais.

Palavras-chave: Comédia brasileira. *O santo e a porca*. *L'avare*. Personagens. Teatro clássico francês.

Eixo 18

Tema livre - Línguas



ALEMÃO ATRAVÉS DA TELA: PERSPECTIVAS (PÓS)PANDÊMICAS SOBRE O USO DAS TDICS NO ENSINO DE ALEMÃO EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Maria Elisa de Oliveira Scheuenstuhl (UERJ)

A aprendizagem, para Vygotsky (1998), é fruto da interação do indivíduo com o meio e com outros indivíduos, acontecendo primeiro no âmbito social e depois no âmbito individual. No ensino de línguas adicionais, a interação é definida por Funk *et al.* (2014) como todos os processos de comunicação que ocorrem durante a aula, seja entre indivíduos ou com o material didático. Durante a pandemia de Covid-19, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) foram fundamentais para realização das aulas, por serem o principal meio para os alunos interagirem com o material, com outros alunos e com os professores. Embora propostas sobre o uso dessas ferramentas na educação não sejam um tema novo (KUMARAVADILEU, 2001; LEFFA, 2006; PAIVA, 2006; KENSKI, 2007), muitos professores começaram a utilizá-las apenas neste período. Essa necessidade repentina desvelou o baixo nível de letramento digital dos docentes (CARDOSO, 2021; RABELLO, 2021). Partindo desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar perspectivas de docentes e discentes do curso de Letras/Alemão de duas universidades públicas no estado do Rio de Janeiro, acerca do uso de TDICs nas aulas de alemão. A pesquisa, de natureza qualitativa-interpretativista de base etnográfica, utiliza questionários e entrevistas semiestruturadas para compreender a inserção das

TDICs durante a pandemia e sua atual aplicação. Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento e parte da hipótese de que o uso de TDICs para a aprendizagem de línguas adicionais pode fomentar a interação, visto que o uso mediado da Web pode transformar o conteúdo em algo mais atrativo para os alunos, permitindo que tenham liberdade para se expressar, apropriando-se dos temas trabalhados em aula e relacionando-os com suas próprias vivências (KUMARAVADIVELU, 2001; ROZENFELD *et al.*, 2017).

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de línguas adicionais. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Interação.

IDIOMATICIDADE NO PB: UM ESTUDO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO DA CONSTRUÇÃO BEM QUE S

Clara Sousa da Silva (UFRJ/CNPQ)

No PB, há uma construção idiomática particular identificada pela sequência “bem que”. Exemplos do seu uso são frases como “Ele bem que gostou da salada que eu fiz”, “Bem que minha mãe avisou que ia chover” e “Bem que eu queria ganhar na loteria”, em que há, respectivamente, as noções de desafio, de arrependimento e de desejo sendo veiculadas pelo elemento. Diante da diversidade de valores pragmáticos que ele parece veicular, cabe investigar qual seria a semântica comum a todos os seus usos. Em Cunha e Cintra (2001), essa sequência é categorizadas como uma conjunção subordinativa concessiva, mas os autores não explicam essa categorização, sequer apresentam exemplos. É importante questioná-la, à luz das duas sentenças acima, observando que não é utilizada para introduzir orações subordinadas, nem mesmo apresenta exatamente o sentido de concessão. A proposta da pesquisa é investigar esse fenômeno sob a luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2006). Adotando essa perspectiva, propomos que todos os usos analisados da sequência “bem que” são instâncias de uma construção mais abstrata, a Construção de Bem Que S. Especificamente, propomos que ela é identificada, formalmente, pela sequência [bem que [sentença]] e, no polo semântico-pragmático, pela presença do valor de rejeição de pressuposição negativa, comum a diversos valores

pragmáticos que a construção é capaz de instanciar, como desafio, arrependimento e desejo. Nesse sentido, defendemos que se trata de uma construção de intersubjetividade, já que atua no gerenciamento de informações inter-sujeito (SOUSA; PINHEIRO, 2023) Para levar a cabo essa hipótese, foi feita uma análise qualitativo-interpretativa de dados retirados do Twitter, em procuramos relacionar, detalhadamente, os usos dessa construção com as generalizações propostas.

Palavras-chave: Construção. Bem Que. Pragmática. Negação. Idiomaticidade.

LÉXICO COSMÉTICO: LIMITES E CONTIGUIDADES DA TERMINOLOGIA E DA NOMENCLATURA

Juliana Pereira Guimarães (UERJ/CAPES)

Esta apresentação objetiva a identificação entre terminologia e nomenclatura, que apresentam conceitos e objetos distintos, não obstante, obtêm significações imprecisas propostas pelos dicionários, que as igualam. Esta abordagem constitui um recorte da pesquisa de doutorado que objetiva descrever essa linguagem especializada a fim de acessibilizá-la ao público leigo. O Léxico Cosmético abarca a terminologia e a nomenclatura. A terminologia consiste no conjunto de termos técnico-científicos, representando o conjunto das unidades lexicais presentes na Cosmetologia. Já a nomenclatura constitui uma lista de convenções que preceituam nomes-símbolos, a fim de satisfazer certos critérios teóricos e metodológicos científicos - Nomenclatura Internacional de Ingredientes Cosméticos; Denominação Comum Brasileira; Denominação Comum Internacional. O estatuto específico de termo é atribuído pelas condições pragmáticas, para adequá-lo à determinada situação, ao passo que o estatuto do nome-símbolo é estipulado pelas convenções nomenclaturais. O referencial teórico-metodológico compreende Terminologia (CABRÉ, 1999; BARROS, 2004; KRIEGER; FINATTO, 2004), Nomenclatura (SAGER, 1993) e Pesquisa Terminológica (PAVEL, NOLET, 2003). Temos constatado no Léxico Cosmético que as unidades lexicais ora se comportam como termos nos rótulos, ora como nomes-símbolos nas nomenclaturas. Dessa forma,

as unidades léxicas da língua são classificadas conforme o contexto linguístico-científico e pragmático em que se inserem e atuam: na nomenclatura, as unidades são nomes-símbolos; na terminologia, as unidades são termos; no dicionário ou obras, as unidades são listas de verbetes/entradas. Desse modo, essas unidades podem se aproximar devido aos usos.

Palavras-chave: Léxico. Terminologia. Nomenclatura. Léxico Cosmético.

O USO DOS VERBOS MODAIS “DEVER” E “TER QUE” NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO EXPERIMENTAL

Thamiris Santos Halasz de Farias (UERJ)

Este estudo tem como objetivo analisar quais são as preferências de crianças de 6 e 7 anos entre os verbos modais *dever* e *ter que*, em leituras epistêmicas e de raiz, por meio de um estudo experimental. Esta pesquisa é baseada na perspectiva da Semântica Formal, que define a modalidade como uma categoria de expressões da língua, tendo como finalidade transmitir possibilidade ou necessidade a depender do contexto (KRATZER, 2012; VON FINTEL, 2006). Nossa hipótese é de que se acredita que, nas idades mencionadas, já há uma preferência pelo uso do verbo modal *ter que* em contextos não epistêmicos, enquanto que para contextos epistêmicos, conhecido também como contextos de raiz, há uma preferência pelo uso do verbo modal *dever*, seguindo resultados apontados por Pessotto (2018) em um estudo experimental realizado com adultos. Para isso, realizou-se um estudo experimental com dois grupos de participantes: 15 crianças de 6-7 anos e um grupo controle de adultos. Contextos de interação verbal são apresentados e a tarefa experimental é escolher qual sentença (com os modais *dever* ou *ter que*) se encaixa melhor naquela situação. Para as crianças, os contextos de interação verbal são apresentados por meio de histórias em quadrinhos em formato PowerPoint, que escolhe, dentre as duas sentenças expostas a que melhor se encaixa para completar a história. Já com o grupo controle de adultos, os mesmos

contextos são apresentados, mas em formato de formulário, e ambas as possibilidades também são apresentadas para a escolha da melhor delas. Tanto os resultados preliminares dos adultos, como os primeiros resultados das crianças, confirmam a nossa hipótese: de que há uma preferência do modal dever para contextos epistêmicos e para os contextos não epistêmicos há uma preferência pelo uso do modal ter que.

Palavras-chave: Estudo experimental. Verbos modais. Ter que. Dever.

UMA ANÁLISE DAS REALIZAÇÕES MORFOLÓGICAS DE *PERFECT* ASSOCIADO AOS TEMPOS PASSADO E FUTURO NO INGLÊS AMERICANO

Fernanda Costa da Silva Machado (UFRJ)
Adriana Leitão Martins (UFRJ)

O *perfect*, objeto de pesquisa deste trabalho, é um tipo de aspecto gramatical que revela um intervalo de tempo existente entre dois pontos em uma linha temporal, podendo estar associado aos tempos passado, presente ou futuro. Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) propõem a seguinte classificação para esse aspecto: *perfect* universal (PU) e *perfect* existencial (PE). Associando esses tipos de *perfect* ao tempo presente, o PU é descrito como uma situação passada que persiste no momento presente, enquanto o PE é relacionado a uma situação finalizada no passado, mas que produz efeitos ainda percebidos no presente. Sobre a representação sintática de *perfect*, Nespoli e Martins (2018) sugerem, com base na análise das realizações morfossintáticas desse aspecto no português brasileiro e no italiano, a cisão do nóculo de *perfect* em dois: um para PU e outro para PE. A proposta de classificação de *perfect* em PU e PE e a sugestão de cisão do nóculo de *perfect* em dois são utilizadas neste trabalho, que tem como objetivo geral contribuir para o entendimento da representação sintática de *perfect* e como objetivo específico investigar as morfologias que realizam PU e PE associados ao passado e ao futuro no inglês americano. A hipótese deste trabalho é: há estruturas morfológicas exclusivas

para a veiculação de pelo menos PU ou de PE associados aos tempos passado e futuro no inglês americano. Para a verificação da hipótese, três fases metodológicas foram aplicadas: análise de um recorte de cinco horas do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, aplicação de um teste de preenchimento de lacunas e aplicação de um teste de decisão. Os resultados indicaram estruturas morfológicas específicas que realizam o PU associado ao passado e ao futuro no inglês americano. A hipótese não foi refutada e, conseqüentemente, foi possível advogar a favor da cisão do nóculo de *perfect* na árvore sintática em dois nóculos, um relacionado a PU e outro, a PE.

Palavras-chave: aspecto perfect, tempo passado, tempo futuro, realização, inglês americano.

(UN) PEU: ADVÉRBIO DE INTENSIDADE/ QUANTIDADE OU MODIFICADOR DE GRAU?

Guilherme de Mello Rodrigues (UFRJ/CNPq)

(Un) *peu* é polissêmico na tradição, denotando intensidade ou quantidade, com significado dependente do discurso: o falante usa *peu* se vê a quantidade como insuficiente, e *un peu* se a vê como suficiente (DUCROT, 2002). Na linha da Semântica Formal, propomos uma análise composicional de *un peu*, formado pelo indefinido *un* e pelo operador de graus (KENNEDY; MCNALLY, 2005) *peu*. Diferentemente de Grevisse e Bosse (1986), Martin (1969) e Ducrot (2005), para nós, (un) *peu* estabelece uma comparação de inferioridade implícita, tal como proposto para “pouco” por Gomes e Delduque (2019). A aparente polissemia é fruto de uma mesma operação de graus sobre escalas distintas. Em “Marie est *un peu* belle” (‘Maria é um pouco bonita’), o nível de beleza de Marie está abaixo do esperado pelo falante, assim como, em “il a acheté *peu* de livres” (‘Ele comprou poucos livros), o número de livros adquirido é menor que o parâmetro de comparação. Em contraste com a análise dos quadros da Semântica Nocial (GREVISSE; BOSSE, 1986), da Semântica Argumentativa (DUCROT, 2005) e da Semântica sistêmico-funcional (MARTIN, 1969), a nossa propõe uma semântica única para *peu* em todos os ambientes sintáticos em que é licenciado, explicando também o que impede o seu licenciamento em outros, como em *’Il est *peu* mort” (*’Ele está pouco morto’) ou *’elle est *un peu* arrivée” (*’Ela chegou um pouco’), além de

explicar, pela pragmática, a estranheza de # 'elle est *peu* belle' ('Ela é pouco bonita').

Palavras-chave: (Un) peu. Modificador de grau. Semântica Formal.

Eixo 19

Tema livre - Literatura



“A FÊNIX DOS ELOGIOS RETÓRICOS”: JORGE LUIS BORGES E O ENSAIO FANTÁSTICO

Vinicius Santos Loureiro (UFRJ/CAPES)

A obra do autor argentino Jorge Luis Borges apresenta como um de seus temas fundamentais a tenuidade das fronteiras entre a ficção e o ensaio, entre o poético e o crítico, construindo um repertório de textos que se localizam no limiar entre as diferentes intenções autorais: o ensaio imaginativo, a ficção crítica e outros espécimes genuinamente híbridos, que revelam como sua obra se dá numa constante dinâmica de negociação entre o concreto e o possível. Parte desses atravessamentos está tematizada pelas convenções da literatura fantástica, aqui tomada através dos redesenhos contemporâneos que a definem como gênero ou modo no qual a introdução de determinado elemento semântico ou sintático opera com o propósito de questionar ou invalidar um sistema lógico ou sociocultural compartilhado entre obra e leitor. O objetivo do presente trabalho é tecer possibilidades para uma dinâmica inversa de leitura, na qual o ensaio em sua conformação tradicional é reinventado em uma forma textual que dialoga e negocia com as convenções do fantástico, tendo em vista como a elaboração conceitual se relaciona com mecanismos tradicionalmente atribuídos às engrenagens da ficção. Para tal, o presente trabalho toma como objeto o ensaio “Kafka e seus precursores”, um dos mais renomados do panorama crítico que Borges produziu, e o interpela diante das convenções das formas breves, da literatura fantástica e das expectativas gerais

da conformação dos textos que se propõem por meio de um viés investigativo, científico ou acadêmico, contra as expectativas que se cultivam diante da obra marcadamente ficcional. Dessa forma, o trabalho que aqui se propõe busca uma aproximação, entre a conceituação e a denominação provisória, à definição de “ensaio fantástico” dentro da perspectiva da obra crítica de Borges, como forma de pensar os modos de composição e argumentação dos quais o autor lança mão para a concepção de sua ensaística.

Palavras-chave: Ensaio. Fantástico. Literatura latino-americana.

A IMAGERIA COMO PROPOSTA DE ANÁLISE PARA AS OBRAS DE VIRGINIA WOOLF

Ana Carolina de Azevedo Guedes (UERJ/FAPERJ)

No presente trabalho pretendo apresentar a noção de imagieria como a união entre imagens, sons e percepções presentes na leitura das obras de Virginia Woolf, produzidas entre 1911 e 1941. É através desses eixos conceitos que pretendo estabelecer como as metáforas utilizadas por Virginia Woolf comunicam sobre a constituição da ficção como terreno comunicante entre a história e a literatura. Para isso, mobilizo a teoria da metaforologia de Hans Blumenberg e, a partir dela, desenvolvo a noção de “imageria”, como uma correlação entre símbolo, ritmo e metáfora, em um processo pós-estético. É através dessa chave que analiso as obras de Virginia Woolf, localizando as metáforas que ela utiliza em *To the Lighthouse* (1927) e *The Waves* (1937). O objetivo é demonstrar como os escritos woolfianos se preocupam com o uso metafórico como forma de expressão narrativa e sensorial, abrindo ao leitor espaço para sua subjetividade. São as metáforas que sustentam a narrativa, não como elemento decorativo e analógico, mas como parte fundamental na compreensão e apreensão necessárias para uma experiência estética no correr da leitura, acionando mecanismos da memória e dos sonhos que permitem ao leitor estabelecer um contato mais profundo com essa literatura. A imageria funciona lado a lado com a percepção de um individualismo dentro de cada leitura. A aposta na subjetividade é o grande trunfo da geração de Woolf, T. S. Eliot, Katherine Mansfield e James Joyce.

É na subjetividade que essas metáforas se afirmam e que a própria noção de uma coleção de metáforas ganha um aspecto metacínético conseguindo alcançar o máximo da identificação e ritmo com a história ali narrada, não importando o tamanho dela.

Palavras-chave: Virginia Woolf. Imageria. Literatura Inglesa. Século XX.

APONTAMENTOS SOBRE A FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Mykaelle de Sousa Ferreira (UERJ/FAPERJ)

Entre os principais aspectos da contemporaneidade é possível destacar a exacerbação de imagens em uma atmosfera predominantemente digital e midiática, bem como o desmantelamento do senso comunitário, o colapso das infraestruturas e a ameaça dos impactos do aquecimento global, para citar apenas alguns exemplos. Nesse cenário, a distopia emerge como um recurso utilizado por escritores de diferentes nacionalidades para lidar com a crise proporcionada por tal panorama. Seja movido pelo senso ético de promover uma reflexão crítica acerca da realidade ou pelo viés do consumo, no Brasil, é notório que o aumento de obras de ficção distópicas publicadas ou traduzidas no país, até então eclipsadas no mercado editorial, alcançam novos leitores e produzem, por conseguinte, uma fortuna crítica e acadêmica palpável. Se, de acordo com Jonathan Crary na obra: *Terra Arrasada: Além da era digital, rumo a um mundo pós capitalista* (2023, p. 11), “é no Sul global, onde o espírito de revolta nunca foi derrotado, que os caminhos mais relevantes para um mundo pós-capitalista estão sendo forjados”, é importante, portanto, compreender o modo como a literatura tensiona e problematiza as principais tendências em torno da estética contemporânea. É nesse sentido que a presente comunicação traça um mapeamento de ficções distópicas na literatura brasileira, com a seleção de obras escritas por Ignácio de Loyola Brandão, Bernardo Kucinski,

Joca Reiners Terron e Samir Machado de Machado. Afinal, cabe questionar: qual linguagem é elaborada pela literatura distópica diante da crise do presente? Quais recortes e imagens são projetados nas obras? Assim, proponho discutir os textos ficcionais produzidos na atualidade a partir de uma análise das personagens e dos espaços ficcionais, destacando as principais singularidades e convergências, além de articular uma reflexão sobre a constituição do gênero.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Contemporâneo. Distopia.

DA ARCA DE NOÉ AO “NA ARCA”, DE MACHADO DE ASSIS: PREENCHENDO LACUNAS E REIMAGINANDO PERSONAGENS

Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes (UERJ/ CAPES)

O conto brasileiro desenvolveu-se de forma imprecisa entre a metade da década de 1930 e o final da de 1970. Nesse período, diversos autores nacionais publicaram suas narrativas curtas em periódicos; contudo, destacou-se o ano de 1941, com Norberto de Sousa e Silva, como a datação desse gênero no Brasil (LIMA-SOBRINHO, 1960; GUIMARÃES; CAMILO, 2022; BOECHAT, 2014). Apesar de haver “[...] uma extensa produção ficcional em prosa de contistas que, anteriores a Machado de Assis, firmaram o que agora podemos reconhecer como uma tradição continuada de prosa ficcional no Brasil” (BOECHAT, 2014, p. 170); foi, segundo Lima Sobrinho (1960), em Machado de Assis que o gênero, no caráter de rigor literário, alcançou relativa estabilidade. A publicação de *Papéis avulsos* (1882) é marcada como a fixação do conto literário brasileiro. Considerada uma obra da fase madura do fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL), a coletânea apresenta-se como “[...] a mais importante coleção de contos de Machado de Assis [...]” (GLEDSON, 1998, p. 15). Gledson (1998), tratando da relevância que *Papéis avulsos* tem entre a obra do Bruxo do Cosme Velho, ainda destaca que “[...] é possível que, de certo ponto de vista, as coleções posteriores sejam melhores – mais sutis na ironia, mais penetrantes na sua complexidade psicológica –, mas aqui sente-se o poder resultante de uma repentina libertação de energia [...]” (GLEDSON, 1998, p. 15). O

objetivo do presente trabalho, portanto, é tratar da relação da obra de Machado de Assis, *Papéis avulsos* (1882), com a cultura judaico-cristã. Para tal propósito, buscamos estabelecer uma relação entre o texto bíblico e o do Bruxo do Cosme Velho. Assim, selecionamos o conto “Na arca”, a partir do qual procuramos entender como elabora-se a pretensa complementação da história de Noé e de sua família durante a estadia deles na grande barca que os livrou, junto aos animais, da destruição do grande dilúvio.

Palavras-chave: Machado de Assis. Papéis avulsos. Bíblia. Arca. Lacuna.

ENTRE O MITO E O CONTO: A PERSONAGEM FEMININA E AS REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO EM “DÂNAE”, DE GUIOMAR TORRESÃO

Bianca Gomes Borges Macedo (UERJ)
Carlos Eduardo Soares da Cruz (UERJ)

Na mitologia grega, Dânae, a filha de Acrísio, foi aprisionada pelo pai em um quarto de paredes de bronze, após um anúncio do oráculo de que seu filho mataria o avô. Porém, a prisão de Dânae não foi capaz de barrar a libido e o gozo de Zeus, o deus maior do Olimpo. Ele fez-se chuva de ouro para penetrar no confinamento da linda moça, entrou por uma fenda da câmara e fecundou a princesa virgem, engravidando-a. Na tradição Ocidental, segundo a cultura judaico-cristã, a construção da imagem do feminino tem, nas figuras de Eva e Lilith, a representação de mulheres que deveriam manter a estrutura patriarcal e seguir condicionadas à obediência, servidão e submissão. Lilith foi colocada em um lugar de esquecimento por não seguir as regras enquanto Eva, mesmo resignando à submissão masculina, ganhou o status de sedutora e mãe do pecado. O reflexo disso é a culpa no corpo feminino que perdura até os nossos tempos. A proposta deste trabalho é a leitura do conto “Dânae”, escrito por Guiomar Torresão (1844-1898) e publicado no volume *As batalhas da vida* (1892), de mesma autoria. Ele tem como objetivo a análise da personagem feminina Olga, a esposa do príncipe Lastorff, mulher eslava, de grandes olhos vagos da cor de pervinca e que “tinham profundidades insondáveis que desorientavam” (TORRESÃO,

1892, p. 73). A representação da personagem Olga em torno do mito de Dânae, do quadro com a pintura da princesa mitológica e do comportamento masculino, através da “voz do contador” da narrativa, serão norteadores para a análise neste trabalho. Os pressupostos teóricos contidos em Ivone Leal (1986), Michelle Perrot (2007, 2009), Pierre Bourdieu (2014), Nádya Gotlib (1988), Paula Mourão (2003) e Massau Moisés (2006) conduzirão a reflexão sobre a temática da representação das mulheres oitocentistas em torno de um olhar masculino fiscalizador e desejanste, e que, adensa a vaidade, a violência simbólica e o compromisso da dominação masculina com o corpo feminino.

Palavras-chave: Dânae. Conto. Guiomar Torresão. Personagem feminina. Corpo feminino.

ENTRE O SERTÃO E A CAPITAL, ENTRE TAPEROÁ E RECIFE: ARIANO SUASSUNA E SUA TRAJETÓRIA

Thaísa Menezes de Assis (UERJ)

A região pode ser definida pela área em que se apresenta uma dialética interna ou um parâmetro que a singulariza. Do ponto de vista da geografia cultural, a região é compreendida como o espaço de construção social, no qual interagem diferentes ações. De lastro muito mais amplo que os acervos e as peculiaridades das demais regiões brasileiras, o Nordeste cultiva e preserva espontaneamente suas matrizes culturais, enaltecendo seu patrimônio sociológico e antropológico. Por outro lado, a distância constitui o sertão e o litoral como espaços distintos e complementares. Opostos, porque quem está no litoral, mais do que estar junto ao mar, vive em um espaço conhecido e, nos moldes coloniais, catequizado e próximo da sociedade. Já quem está no sertão ocupa o local do desconhecido, do perigo e da selvageria. Para Ariano Suassuna (1927-2014), entretanto, essa particularidade geográfica, o Sertão, especialmente o de Taperoá, é a terra que deixa uma marca de pertencimento em sua vida. O sertão armorial de Suassuna é o espaço singular em que o autor elabora seus cenários, imagens e personagens, partindo sempre de suas vivências. Portanto, neste trabalho, apresentaremos os dois eixos que nos orientam: a produção artística de nosso escritor e sua trajetória desde a infância no sertão nordestino até a vida na capital de Pernambuco. Assim, analisaremos, através das memórias do autor, como essa

relação singular dele com suas raízes acaba refletindo em suas produções. Por fim, falaremos sobre as vivências na capital até o seu reconhecimento como um artista consagrado. O aporte teórico ancora-se em Albuquerque Júnior (2011); Amado (1995); Bourdieu (1989); Gagnebin (2009); Newton Júnior (1999, 2014, 2017); Santos (1999); Suassuna (2010, 2017, 2023); Tavares (2007); Victor; Lins (2007) entre outros.

Palavras-chave: Ariano Suassuna. Armorial. Recife. Sertão. Taperoá.

FOTOLITERATURA: TRANS (BORDA) MENTOS INTERMIDIÁTICOS EM *CATÁLOGO DE PERDAS*

Daniella Moreira de Oliveira (UERJ)

Este trabalho discorre sobre o diálogo intermidiático entre literatura e fotografia na obra *Catálogo de perdas* (2017), do escritor João Anzanello Carrascoza e da fotógrafa Juliana Monteiro Carrascoza. Investiga-se de que forma o silêncio se faz presente em ambas as mídias, qual o efeito de sentido advindo dessa relação intermidiática – mais voltada à fotoliteratura –, bem como a contribuição da hibridação para a formação de um perfil diferenciado de leitor, convocado pela expansão da narratividade cada vez mais visível na sociedade contemporânea. Para tanto, considero o conceito de mídia como *medium*, isto é, “meio físico e/ou técnico” (CLÜVER, 2012), que se utiliza de sua “materialidade como forma de expressão de sentido” (ULM, 2021). A materialidade é compreendida como “todos os fenômenos e condições que contribuem para a produção e sentido” da mídia (GUMBRECHT, 2010). Em relação ao silêncio, proponho uma leitura não negativa, considerando que ele não fala, mas, sim, significa (ORLANDI, 2007). Portanto, não lido com o silêncio comparando-o ao que ele não é (linguagem), mas aproximando-o do que ele se constitui (sentido). A base teórico-metodológica apoia-se nas Intermidialidades, segundo Claus Clüver (2012) e Irina Rajewsky (2012), em sua perspectiva literária das Intermidialidades. Dentre as categorias propostas por Rajewsky, a ênfase está na combinação de mídias, isto é,

quando pelo menos duas mídias distintas, cada uma em sua materialidade, são articuladas para contribuir com a produção de sentido de um produto; busca-se, nos estudos de Liliane Louvel (2012) as nuances da picturalidade, que visam estabelecer os graus de saturação pictural em um texto, a fim de investigar em que medida o literário evoca ou se aproxima da imagem. Assim, procura-se demonstrar, em primeiro lugar, que a relação entre a narrativa literária e a fotografia pode ser benéfica para ambas as mídias, desde que não sejam analisadas sob um ponto de vista hierárquico (RIBAS, 2018); e em segundo, que a estimulação de um olhar mais atento pode contribuir para a construção do pensamento crítico, sendo esse um caminho para a libertação das clausuras políticas do presente.

Palavras-chave: Intermidialidade. Fotoliteratura. Catálogo de perdas. Carrascoza. Silêncio.

LINGUAGEM E REALIDADE: CARTOGRAFANDO IMAGENS DE CAMILA O’GORMAN

Luísa Perissé Nunes da Silva (UERJ)

O objetivo da presente pesquisa consiste em desenvolver uma análise cartográfica da iconografia sobre Camila O’Gorman, uma jovem da alta sociedade argentina que foi assassinada pelas tropas do exército de Juan Manuel de Rosas na primeira metade do século XIX. Camila O’Gorman desafia as relações de poder sustentadas pela Igreja e pelo governo de Rosas ao se apaixonar pelo padre da paróquia, Ladislao Gutiérrez. Os amantes fogem juntos para viver o amor proibido, mas são descobertos, delatados, presos e fuzilados em 18 de agosto de 1848. Desde então, Camila O’Gorman é temática de diferentes obras artísticas e literárias e se converte em um mito histórico feminino nacional. A seleção iconográfica realizada para o corpus desta pesquisa visa a analisar obras que contribuem para a construção da imagem mítica de Camila O’Gorman. Para empreender tal estudo, nos basearemos em Rocha (2014) no que tange às reflexões entre linguagem e realidade, superando a visão representacional da linguagem. Segundo Rocha (2014, p. 623) palavras produzem o mundo. Nesse sentido, defendemos, no presente trabalho, que, assim como as palavras, as imagens também são produção do mundo e da realidade. Nossa pesquisa encontra-se inserida no marco das discussões trazidas pela Análise Cartográfica do Discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021) em diálogo com a perspectiva rizomática da filosofia deleuze-

guattariana (DELEUZE; GUATTARI, 1980 [2000]). Além disso, nos baseamos também na abordagem cartográfica postulada pelos estudos da Psicologia Social (PASSOS, KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Constam no cópuz: o filme Camila (1984) da cineasta argentina Maria Luisa Bemberg; litografias do pintor italiano BaldassareVerazzi e do pintor alemão Rodolfo Kratsestein, ambas do século XIX, capas do romance do escritor argentino Enrique Molina “Una sombra donde sueña Camila O’Gorman” e dos livros do historiador argentino Héctor Daniel de Arriba.

Palavras-chave: Cartografia. Camila O’Gorman. Imagem.

MATILDE CAMPILHO E A TRADIÇÃO LITERÁRIA

Carolina Dias Huguenin (UFRJ)

Em algumas entrevistas, uma delas para o projeto “Retratos”, de Clara Cavour, Matilde Campilho sempre coloca o ato de ler como antecedente da sua escrita, como se a prática de leitura fosse uma necessidade para ela, sua fonte de inspiração: “Faço um café, leio, escrevo...” (CAMPILHO, 2014, s.p.). A partir disto, fica claro que a artista, além de escritora, apresenta-se como uma grande leitora, assim, a leitura faz parte integralmente do seu processo criativo, o que pode gerar uma grande aproximação de sua obra com a tradição literária. Segundo T.S. Eliot, no ensaio “O que é um clássico?”, “A persistência da criatividade em qualquer povo consiste na manutenção de um equilíbrio coletivo entre a tradição no sentido mais amplo – a personalidade coletiva, por assim dizer, consubstanciada na literatura do passado e a originalidade da geração que se encontra viva.” (ELIOT, 1991, p. 83). Desta maneira, entende-se que a ligação com a tradição literária está presente em toda e qualquer obra, é fundamental, e, por isso, pode ser encontrada nas publicações da escritora contemporânea portuguesa. Utilizando como corpus a produção poética de Matilde Campilho presente no livro *Jóquei* (2014) e os poemas “Fevereiro” e “31 de outubro” publicados, inicialmente, em seu canal do Youtube, este trabalho pretende investigar como a possível ligação da poeta com a tradição literária acontece e em que medida ela interfere em sua escrita. Para isso, serão feitas, de maneira inicial, reflexões acerca da tradição e do fazer

poético com base em pensamentos de Octavio Paz e T.S. Eliot. Posteriormente, realizar-se-á a análise de seus poemas para que, de forma concreta, seja averiguado como a escrita de Campilho reflete muito de suas leituras, do seu cotidiano como leitora, enfim, toda uma tradição literária, uma fonte que ela bebe.

Palavras-chave: Matilde Campilho. Tradição literária. Poesia contemporânea.

“NATUREZA” SEGUNDO EMILY DICKINSON: EM BUSCA DE RESSIGNIFICAÇÕES EM TEMPOS DE CRISE CLIMÁTICA

Flavia Moreno de Marco (UERJ)

Considerando a crise climática provocada pela ação humana que degrada o meio-ambiente e aumenta a concentração de gases do efeito estufa na atmosfera, este trabalho propõe uma leitura ecocrítica de dois poemas de Emily Dickinson, escritos no século XIX, a fim de analisar como o conceito de “natureza” é construído, discutir aproximações e distanciamentos dessas construções com ideias do século XXI, além de sugerir possíveis contribuições dos Estudos Literários para a mitigação da crise climática, conforme proposta de Puchner (2022). Para o pesquisador, a literatura tem o poder de impactar as pessoas, o que torna necessárias leituras ecocríticas que evidenciem os processos sociais que licenciaram nosso estilo de vida individualista e extrativista, sustentado pela exploração de recursos naturais e pela queima de combustíveis fósseis em velocidade maior que a capacidade de recuperação do planeta. Uma possível solução para o problema passa necessariamente pelo deslocamento da individualidade isolada em direção à construção de ações coletivas, e aqui a literatura tem papel fundamental por proporcionar (re)leituras de textos mais antigos por lentes ecocríticas (PUCHNER, 2022). Os poemas de Dickinson selecionados para análise são “Nature – sometimes sears a Sapling –” (Fr457) e “This is my letter to the World” (Fr519) por conta das relações que estabelecem entre a natureza e a vida humana. Estas podem, por sua vez, ser exploradas a fim

de construir outros significados que têm potencial de nos levar à reflexão sobre nossos modos de vida, bem como encorajar mudanças em nosso vínculo com a e nossa percepção da natureza. Expandindo a discussão, trabalhamos com a ideia de Krenak (2019) de que tudo é natureza, abandonando a dicotomia “cultura x natureza”, e de que precisamos personalizar os elementos à nossa volta para que percebamos que somos parte de um todo, responsáveis pela destruição e, conseqüentemente, pela preservação do planeta.

Palavras-chave: Ecocrítica. Emily Dickinson. Crise climática.

O ANIMAL NÃO-HUMANO: UM PANORAMA DE APAGAMENTOS

Felipe Leibold Leite Pinto (UERJ/CAPES)

A presente comunicação recorta uma seção da dissertação *Storytelling for Earthly Survival: Tensões humano-animal na trilogia MaddAddam* de Margaret Atwood”. Deixando de lado, aqui, a trilogia de Atwood, o foco da fala reside em contextualizar alguns apagamentos da figura do animal não-humano pela literatura, tendo como obra paradigmática *O planeta dos macacos* (1963), de Pierre Boulle. A ficção francesa aponta para desdobramentos importantes no que tange o reconhecimento de uma alteridade não-humana, porém a proeminência discursiva, referida como paradigmática, está na utilização dos animais não-humanos da narrativa, os macacos, como mera figuração do humano. Em *O planeta dos macacos*, o símbolo antropomorfizado que são os habitantes símios do planeta Soror acaba por conduzir a uma noção de alteridade ainda muito devedora de sua ligação com o humano. Tendo como alicerce teórico os escritos de Donna Haraway, Vinciane Despret, Jacques Derrida e Maria Esther Maciel, o trabalho busca uma leitura crítica de algumas práticas “antropomorfizantes” da literatura: a procura por um outro que de fato possa ser Outro. Quando Derrida tece reflexões sobre seu gato vendo-o nu, ele faz questão de apontar que este gato não é uma alegoria, não é um símbolo para todos os gatos do mundo, mas um Ser vivo concreto e ali presente. Vinciane Despret, em seus escritos tanto teóricos quanto ficcionais, trabalha com a ideia de desmistificar processos científicos que

apontam para um interesse maior na concepção humana do animal do que no animal em si. Maria Esther Maciel, a partir de contínuas pesquisas no campo da Zooliteratura, entende o espaço poético como terreno fecundo para a especulação séria quanto às nossas espécies companheiras, de um modo que sua alteridade não seja reduzida a negações do normativo. Haraway, por sua vez, enxerga dentro dessas narrativas verdadeiramente não-humanas um caminho para a reconstrução de refúgios em um período marcado por extermínios, como apontado por Anna Tsing ao teorizar sobre o Antropoceno. Em suma, a comunicação objetiva evidenciar os mecanismos literários pelos quais o apagamento do animal não-humano pode ocorrer, tendo o romance de Boulle como objeto de análise ambíguo, de modo sempre aliado a um projeto eco-político em prol do reconhecimento de uma variedade de agências terrestres.

Palavras-chave: Animalidade. Alteridade. Antropomorfismo. Zooliteratura. Não-humano.

“O NOSSO MUNDO” EM *LIVRO DE “SÓROR SAUDADE”* ENTRE CORRESPONDÊNCIA E LITERATURA

Paola Pessôa (UERJ)

Para analisar a construção do eu lírico de Florbela Espanca em *Livro de “Sóror Saudade”* (1923), buscamos promover uma análise baseada em suas correspondências e elementos biográficos relacionados ao contexto de produção da obra. De acordo com Cláudia Pazos Alonso, em *Imagens do Eu na Poesia de Florbela Espanca* (1997), o *Livro de “Sóror Saudade”* (1923) marca a autocaracterização de Florbela como poeta mulher, deixando para trás o conflito existente em *O Livro de Mágoas* (1919) entre as personas de poeta e de mulher. O objetivo é mostrar como as correspondências podem oferecer subsídios para a compreensão da transformação desse eu lírico. Não se trata de reduzir a obra de Florbela a reflexos de sua vida. Para exemplificar de forma breve, este resumo contemplará as análises de Alonso sobre o soneto “O nosso mundo” e cartas que envolvem António Guimarães, segundo marido de Florbela Espanca, enquanto o *Livro de “Sóror Saudade”* (1923) estava em processo. Em *Livro de “Sóror Saudade”* (1923) veremos presente um descobrimento por parte da autora para o eu lírico do Poeta romântico. Por outro lado, veremos que, assim como analisa Alonso (1997), a autora transcende essa definição de poeta romântico no feminino, substituindo tal imagem para realizar uma tentativa de autoconhecimento. Ainda de acordo com Alonso (1997), o amor passa a ser o ponto central de *Livro*

de “*Sóror Saudade*”, sendo correspondido ou não, convencional ou subversivo. Em relação a “O nosso mundo”, Alonso analisa a profundidade do Amor entre Florbela e Guimarães, além do seu caráter físico. Além disso, as análises de Maria Lúcia Dal Farra (2012) e Rui Guedes (1986), sobre correspondências trocadas pelo casal, possivelmente tenham evocado elementos líricos nas mesmas. Em relação à bibliografia, relacionamos: os livros de coleções de cartas de Florbela Espanca organizados por Rui Guedes (1986); o livro *Acerca de Florbela* (1986); os livros de Maria Lúcia Dal Farra (2002 e 2012); e, como fundamentação teórica, os livros *La Escritura Epistolar* de Nora Bouvet (2006) e *Imagens do Eu na Poesia de Florbela Espanca* de Claudia Pazos Alonso (1997).

Palavras-chave: Florbela Espanca. Correspondência. Literatura.

O PEIXE ME OLHAVA:

Daniel Aparecido Veneri (UFRJ/CAPES)

O presente trabalho, inserido em um projeto de doutorado mais amplo sobre a representação do peixe na poesia brasileira tanto moderna quanto contemporânea, propõe-se a interpretar o poema “Na feira”, escrito pelo poeta Eucanaã Ferraz e publicado primeiramente na *Revista Piauí* e recentemente no livro *Raio*. A partir da imagem de um peixe morto na feira e do seu olhar “perplexo”, todos os questionamentos surgem tanto para o peixe morto quanto para o eu lírico supostamente vivo. Tudo parte deste olhar, que, inclusive, provoca uma catábase no sujeito poético na “feira de sempre”. O olhar do peixe é a metamorfose da feira, do poeta e, conseqüentemente, da própria linguagem. Questiona o peixe via poeta: “O que faço aqui?/ Onde estão as águas? / Os corais morreram?/ Por que de repente/ me perdi de tudo?/ Por que sem aviso/ me tornei a pedra/ que de longe eu via?/ Aonde foi a duna?/ Onde estou agora?/ O que são vocês?”. Esta interação paradoxal faz o peixe viver no sujeito lírico, já que, segundo a professora Maria Esther Maciel (2016, p. 129), “cada poeta, portanto, inventa maneiras de encontro com a outridade animal. Seja por meio do pacto ou da aliança, seja pela via dos devires e metamorfoses, seja pela incorporação de uma subjetividade alheia e de uma linguagem estranha [...]”. O poema “Na feira” constrói-se, então, por meio da incorporação de uma subjetividade alheia, que olha “de dentro da morte” e, por isso mesmo, não responde ao questionamento do poeta: “quanto tempo resta?”, mas o metamorfoseia existencialmente, pois a

adaga existe tanto para o peixe quanto para o homem. Como suporte teórico para a análise, utilizarei as obras *Literatura e animalidade* e *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*, de Maria Esther Maciel, a performance do poema em questão concebido e dirigido pelo próprio poeta divulgado no Instagram da editora Companhia das Letras, além da obra *Eloquência da sardinha: histórias incríveis do mundo submarino*, do físico e doutor em hidrodinâmica Bill François.

Palavras-chave: Poética de cardumes. Poesia brasileira contemporânea. Peixe. Animalidade. Eucanaã Ferraz.

O RIO-VERSO EM MÁRIO DE ANDRADE E MARCOS SISCAR: CRISE, ENDEREÇAMENTO E REVOLTA

Laila Souza de Paula (UFF)

A proposta é discutir o rio no poema “A meditação sobre o Tietê”, de Mário de Andrade, e dos poemas “O que é o rio, o rio é uma ponte” e “Dentro do peito dos filhos do rio” de Marcos Siscar. Serão discutidas ideias como origem, endereçamento, retorno e revolta, relacionadas à percepção de uma subjetividade ao mesmo tempo particular e coletivizada. A presença do rio Tietê na poesia *marioandradina* também aparece ao longo das *Poesias Completas I* (2013), publicação utilizada na leitura em questão. Em *Metade da arte* (2003), livro de Marcos Siscar que contém o poema analisado o rio que corta São Paulo aparece no capítulo “Rio Verdadeiro”, em uma referência à origem etimológica tupi do nome *Tietê*. Tal referencial em comum torna possível uma reflexão sobre o rio e as águas como itens imagéticos na poesia de ambos. O estudo dos dois poetas se apoia também no conceito de crise discutido por Marcos Siscar (2011) como um dos que atravessa o campo da poesia moderna e contemporânea, além da noção de revolta no poema, abordado por Guilherme Gontijo Flores (2019), aqui em uma tentativa de analisar o movimento revoltoso do rio como análogo ao fluxo dos e nos poemas. A discussão dos conceitos de margem e de limiar, segundo Raul Antelo (2002) questiona limitações de significação do poema e do rio, seja semântica e estruturalmente. O objetivo é abordar a desestabilização que não provoca a destruição da construção

poética, mas abre espaço para outras possibilidades de sentido. O que se percebe na análise dos poemas em questão é que o verso em sua força potencial adquire e vai tomando outras formas, um *verso-criatura* que se metamorfoseia alcançando o campo do rio. A desestabilização é recorrente nas linhas ao ponto de montar, contraditoriamente, um padrão de movimento. Trata-se de um abalo nas relações de sentido para expandi-las. A interrupção e deslocamento dos itens semânticos em sua continuidade opera um tipo de quebra produtiva, no que possibilita quase um transbordamento do potencial semântico nas palavras do poema, de modo que elas abarcam, invadem e associam-se umas às outras.

Palavras-chave: Verso. Crise. Endereçamento. Revolta.

O VÉU DESNUDADO: AMOR E DESEJO EM OS MAIAS, DE EÇA DE QUEIRÓS

Amanda de Carvalho Ferreira (UERJ/CAPES)

É bem aceito pelos estudiosos da literatura romântica lusitana, que além do amor, a temática sexual também figura nos romances da época, (ainda que este tenha sido colocada de forma velada). É conveniente também pontuar que Almeida Garrett já havia começado a mencionar uma suposta separação entre amor e sexo, ainda no Romantismo. Apesar disso, Eça de Queirós vai além. O autor fala sobre a sexualidade de forma mais explícita, devassando, de fato, as alcovas. Uma personagem feminina famosa criada pelo autor que separa muito bem o casamento do desejo sexual, por exemplo, é Leopoldina, de *O primo Basílio* (1878). Voltando-nos especificamente para o tema do trabalho, no romance *Os Maias* (1888), temos muitos conflitos interiores e exteriores quanto à separação entre amor e desejo, além de observarmos as várias formas de amar que começavam a ser possíveis nesse período do século XIX, exploradas em diferentes personagens. Segundo Carlos Reis, em *O essencial sobre Eça de Queirós*, a sociedade apresentada em *Os Maias* possuía alguns traços românticos. Daí o subtítulo ser “Episódios da vida romântica”. Além disso, são abordados temas que seriam retomados no século XX, principalmente a desambiguação entre amor e a sexualidade. É importante mencionar o tabu que essa separação volta a ser, inclusive no período da ditadura salazarista, no século posterior. Quando pensamos no protagonista do romance, Carlos da Maia, percebemos que o

rapaz teve uma educação à inglesa e apesar de ter sofrido da terrível maldição de satanás, (não conseguir encontrar o amor e o desejo em uma mesma mulher) e de ter questionamentos sobre o véu da separação entre amor e desejo, sabia como tratar as senhoras e as cortesãs. Além disso, fatores como o gênero e a própria subjetividade de cada pessoa e dos pares amorosos também entravam nessa equação. O fato é que a divisão entre amor e desejo começa a ser lançada na mesa nos oitocentos, causando libertação, mas também confusão entre os indivíduos que se viam diante de possibilidades nunca imaginadas por seus pais. No romance em questão, temos uma bela amostra do que essas várias formas de amar poderiam oferecer aos indivíduos. Um caminho décadas antes pontilhado pelo poema “Não te amo, quero-te”, nas *Folhas caídas* de Almeida Garrett foi traçado a linhas fortes por Eça e pelas personagens do romance abordado.

Palavras-chave: Amor. Sexualidade. Eça de Queirós. Século XIX.

OS POETAS DE ZAMBRA EM *POETA CHILENO*

Alice Turino de Mattos (UERJ)

Ieda Maria Magri (UERJ)

A comunicação que proponho é resultado de minha pesquisa de iniciação científica e faz parte do projeto “Literatura brasileira e latino-americana: questões de inserção no cenário contemporâneo” da professora Ieda Magri. Dentre os muitos autores latino-americanos apresentados no projeto, escolhi o chileno Alejandro Zambra, considerado um dos escritores mais relevantes do cenário da literatura contemporânea latino-americana. O início do processo de pesquisa foi com a leitura da obra do autor, seguido pela busca e leitura da bibliografia crítica já existente, além de textos teóricos sobre conceitos importantes para a teoria da literatura e o estudo da narrativa. Ao fim, meu foco foi definido por um de seus mais recentes livros, *Poeta Chileno*(2020), que tem dois protagonistas, Gonzalo – um amante e estudioso da literatura e também professor – e seu enteado Vicente que, influenciado por seu padrasto, Gonzalo, acabou se interessando ele também pelos estudos literários. Ao mesmo tempo em que o romance conta a história do relacionamento entre o padrasto e o filho, uma bonita história de amor, também dá uma amostra da literatura e do modo como ela perpassa suas vidas. Com isso, *Poeta Chileno* é um livro de homenagem à poesia chilena e a seus grandes nomes, sem deixar de lado também outros tópicos como as relações familiares – principalmente a paternidade –, a vida íntima dos personagens,

entre outros temas recorrentes na obra de Zambra. Atualmente, estou fazendo a listagem de todos os poetas mencionados no livro com o objetivo de pensar suas relações com o enredo, com o autor e com o processo de escrita, além da própria relação do Zambra com a poesia. Alguns dos poetas mencionados já listados são Pablo de Rokha, Vicente Huidobro e Pablo Neruda. Ao fim dessa etapa da pesquisa, publicarei um artigo sobre o tema da poesia em *Poeta chileno* e suas formas de homenagem.

Palavras-chave: Literatura chilena. Alejandro Zambra. Poeta Chileno. Literatura contemporânea latino-americana.

PENSANDO O GÊNERO ENSAIO A PARTIR DE MONTAIGNE E CAROLA SAAVEDRA

Hanna Carolina Vinagre Gaspar (UERJ)

Ieda Maria Magri (UERJ)

A comunicação que proponho é resultado de minha pesquisa de iniciação científica e faz parte do projeto “Literatura brasileira e latino-americana: questões de inserção no cenário contemporâneo”, da professora Ieda Magri. Entrei na pesquisa com a intenção de estudar a autora Carola Saavedra, nascida no Chile e naturalizada no Brasil, especificamente seu livro *O Mundo desdobrável: Ensaios para depois do fim* (2021), que me instigou a pensar a estética do fim do mundo. Além do tema anunciado no título de seu livro, senti a necessidade de estudar primeiro o gênero ensaio para entender melhor o procedimento de Carola Saavedra. O presente trabalho assim, parte dos *Ensaios* de Michel de Montaigne e faz uma incursão na definição da forma contrastando-o com outros textos que tratam o gênero, em especial os da antologia *Doze ensaios sobre o ensaio*, organizada por Paulo Roberto Pires. A metodologia que seguimos foi um primeiro levantamento de bibliografia, sua leitura crítica, fichamento e posterior escrita de um ensaio para experimentar também eu o objeto de estudo. Se como defende César Aira *O Ensaio e seu tema*, “certada a escolha [do tema], o ensaio já está escrito, antes de se escrever”, então o ensaio possibilita que o autor não se prenda a um saber específico para falar sobre um assunto: a partir das experiências do eu, o ensaísta passeia entre diferentes campos sejam literários, filosóficos, entre outros para

falar sobre seu tema. O que é para se falar já está no mundo, mas o ensaísta faz isso olhando para dentro de si e, assim, pensa os temas que estão do lado de fora. Portanto, o objetivo dessa pesquisa é perceber como o ensaio permite pensar o eu e o mundo, o que da forma se encaixaria como característica dele e o que foge, mas serve como acréscimo para dar conta do tema, desde a sua primeira tentativa, com Montaigne, até o contemporâneo, com Carola Saavedra.

Palavras-chave: Ensaio. Montaigne. Carola Saavedra.

PERDI O CAMINHO DE VOLTA: O APAGAMENTO DA MEMÓRIA NOS LABIRINTOS

Dora Lutz (UERJ)

O labirinto está presente no imaginário da humanidade há séculos, acompanhando as mudanças tecnológicas, industriais e também comportamentais das diferentes sociedades humanas. Ainda assim, ele permanece como um cenário anacrônico que pode representar tanto uma infinidade de temores como de possibilidades. É um lugar feito para dificultar o trajeto e confundir os objetivos, sejam eles alcançar o centro, encontrar a saída ou localizar uma pessoa. O labirinto é um cenário que tipicamente retrata a confusão do inconsciente e, partindo principalmente de o labirinto de Dédalo, na mitologia grega, até as narrativas de Jorge Luis Borges e *O labirinto do fauno* (2006), filme de Guillermo del Toro, as representações na ficção das encruzilhadas minuciosamente pensadas seguem marcando gerações. No século XXI, momento em que somos bombardeados com milhares de opções de escolhas a todo momento, o labirinto aos poucos começa a reaparecer na narrativa de ficção juvenil e jovem adulta como um cenário/objeto cada vez mais angustiante, que reflete a ansiedade por trás de cada escolha e também da incerteza de cada caminho. Afinal, não há um tutorial on-line sobre como prosseguir no labirinto. Nele, diversos personagens acabam por esquecer quem são ou quem já foram ao atravessar as suas paredes, fazendo com que tal espaço-cenário seja marcado por uma característica peculiar: o apagamento da

memória. Neste trabalho, cabe-nos refletir sobre tal apagamento e sobre o que significa perder não apenas a memória, mas a si mesmo, ao adentrar o espaço do labirinto. Além disso, será relevante refletirmos sobre como perder-se (tanto literalmente como figurativamente) é um acontecimento chave para que os personagens possam – paradoxalmente – se encontrar.

Palavras-chave: Labirinto. Memória. Esquecimento.

PSÊUDOLO EM TRADUÇÃO: UMA PROPOSTA EM HEXASSÍLABOS

Renan de Castro Rodriguez (USP)

O presente trabalho, recorte da minha pesquisa de doutorado programa de pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo (USP), tem como objetivo principal apresentar uma tradução em verso, seguida de comentários, de algumas cenas em senários iâmbicos da peça romana *Psêudolo*, escrita pelo comediógrafo Tito Mácio Plauto (c.254 - c.184 a.C.). A peça *Psêudolo*, encenada em 191 a.C. nos *Ludi Megalenses*, foi uma das últimas peças de Plauto antes de sua morte em 184 a.C. Em relação ao enredo, a intriga da peça se forma a partir da tentativa da venda da prostituta Fenício pelo cafetão Balião para o soldado macedônio Polimaqueroplágides. O jovem Calidoro, apaixonado por Fenício, pede ao seu escravo Psêudolo que o ajude a conseguir a amada antes que o soldado macedônio envie seu escravo Harpace para pagar a quantia pedida pelo cafetão. A fim de conseguir esse feito, Psêudolo fará diversas trapaças, sendo uma delas a de se fantasiar no escravo de Balião para ir ao encontro de Harpace, num recurso claramente metateatral. Já em relação à estrutura métrica, é importante destacar a grande variedade de versos na peça. Dos seus 1335 versos, os que mais aparecem na peça são os iambo-trocaicos, representados por 557 senários iâmbicos (42%), 467 septenários trocaicos (35%), 26 octonários trocaicos (2%), 22 octonários iâmbicos (2%), 9 septenários iâmbicos (1%), entre outros versos menores. Como destacado no começo deste resumo, pretendo apresentar uma

proposta experimental de tradução de algumas passagens do *Psêudolo* em senários iâmbicos para um verso composto por dois hexassílabos, somando de 12 a 16 sílabas; além de comentários tradutórios à luz dos estudos de Henri Meschonnic (2010), Ezra Pound ([1970] 2015), Paulo Henriques Britto (2012), entre outros.

Palavras-chave: Psêudolo. Plauto. Comédia Romana. Tradução

QUESTÕES DE UMA OBRA INTERNACIONAL (OU ANTINACIONAL): O CASO DE SAMUEL BECKETT

Vinício Lima Berbat (UERJ)

Após realizar uma série de viagens e trabalhar com James Joyce em Paris, Samuel Beckett abandona de vez seu país de origem, a Irlanda, e se fixa na França, onde consolida sua carreira literária. As movimentações de Beckett ao longo dos anos 1920 e 1930 já apontavam o caminho que o consagrado autor queria trilhar e, de fato, o fez a partir dos anos 1940. Beckett deixa bem claro esse caminho, principalmente, em dois ensaios do início dos anos 1930: em “Recent Irish Poetry”, Beckett alfineta boa parte dos autores do movimento dos revivalistas irlandeses; já em “Dante... Bruno. Vico... Joyce”, Beckett se volta para autores que ele toma como modelos estéticos, marcando sua admiração (e, mesmo, alinhamento de visões estéticas, sobretudo com seu mentor e contemporâneo Joyce). Com o passar dos anos, Beckett passa do que Célia Berrettini considera uma linguagem exuberante (BERRETTINI, 2004, p. 61), similar à de Joyce, a um estilo mais próprio, abandonando qualquer preocupação figurativa, mas sempre com atenção à centralidade do papel criador, transformador da linguagem, como destaca Edward Said. Beckett, assim, teria partido em busca do que Pascale Casanova considera não apenas uma obra internacional, mas antinacional (CASANOVA, 1997, p. 140), abandonando também uma visão de nação mais homogeneizante dos revivalistas, associada ao pedagógico de Homi Bhabha. Nesse sentido, o papel dos diferentes

estágios de autotradução da obra de Beckett identificados por Chiara Montini é crucial: primeiramente, o monolinguismo poliglota, seguido do bilinguismo predominantemente anglófono, um bilinguismo predominantemente francófono e, por fim, um bilinguismo misto (MONTINI, p. 2). Contudo, algumas questões, dentre muitas, permanecem: qual o papel dessa obra numa República Mundial das Letras, como cunhada por Casanova? Uma vez findado esse projeto estético, podemos considerá-lo exitoso? Quais as leituras feitas pela crítica e historiografia contemporâneas e que questões elas suscitam?

Palavras-chave: Samuel Beckett. Projeto estético. Obra antinacional.

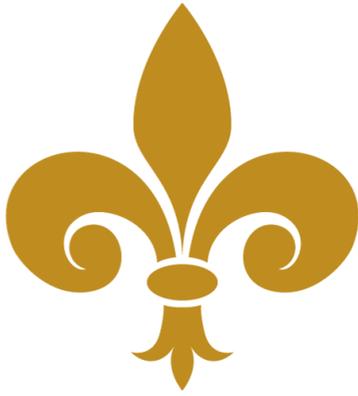
RELAÇÕES LITERÁRIAS LUSO-BRASILEIRAS: UM BREVE PANORAMA DA RECEPÇÃO CRÍTICA D' *O PRIMO BASÍLIO* (1878) NO BRASIL OITOCENTISTA

Isabela Coradini Pinheiro (UERJ/CAPES)

O primo Basílio, publicado em fevereiro de 1878, é incontestavelmente uma das produções mais famosas de Eça de Queirós, contando com tamanha repercussão que uma tiragem inicial de três mil exemplares rapidamente se esgotou. Com esse grande impacto, o romance rapidamente foi exportado para além das terras lusitanas e chegou, também, no território brasileiro, entretanto, tanto em Portugal quanto no Brasil a obra recebeu críticas sobre seu conteúdo, e diversos pensadores – inclusive bastante renomados no meio literário português e brasileiro – publicaram em jornais textos direcionados à escrita de Eça. Sendo assim, o intuito do presente trabalho é estabelecer um panorama sobre a recepção crítica do romance queirosiano nos periódicos brasileiros, analisando, sobretudo, o conteúdo dessas críticas, e estabelecendo considerações sobre o estado da arte literária brasileira oitocentista e sobre os conceitos sociais em voga naquele momento, como a questão da moralidade, por exemplo, que foi um ponto do romance fortemente debatido. Para embasar as análises, foram utilizados textos sobre a escrita queirosiana, presentes nas reflexões de Carlos Reis (2000); estudos específicos sobre *O primo Basílio* e sobre a recepção da obra no Brasil, encontrados em Paulo Franchetti (2007) e José Leonardo do Nascimento (2008). Também serão destacados

alguns artigos originais publicados pelos críticos nos jornais da época, vistos na seção de folhetins de periódicos como *Gazeta de Notícias*, *O Cruzeiro* e *Jornal do Commercio*, e algumas piadas e ilustrações vistas n’*O Besouro* e na *Revista Ilustrada* – todos tendo como foco principal a narrativa de Eça. A partir dessas ponderações, será possível refletir acerca da maneira pela qual aconteciam os diálogos literários entre intelectuais brasileiros e portugueses do século XIX e perceber uma circulação ultramar das ideias desses pensadores.

Palavras-chave: Eça de Queirós. Século XIX. Recepção crítica. O primo Basílio. Brasil.



O Seminário dos alunos de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (SAPUERJ) é um evento anual organizado por estudantes do mestrado e doutorado da UERJ, com o objetivo de divulgar e compartilhar a produção discente. A décima quarta edição do evento conta com 176 comunicações, enviadas não só por pós-graduandos, mas também por graduandos com seus orientadores. Todos os resumos estão reunidos neste livro, separados em 19 eixos, com assuntos diversos que abordam o ensino, a africanidade, a experiência urbana na literatura, as contranarrativas, as variações linguísticas, a leitura na perspectiva da história, filosofia e sociologia, as representações do monstro, a literatura infantojuvenil, a literatura como protesto, a tradução como forma de repensar o cânone literário, as perspectivas decoloniais, as releituras de personagens canônicos, as escritas femininas, a literatura na era digital, os possíveis diálogos entre literatura, cinema e teatro, além dos temas livres de línguas e literatura. Os trabalhos reunidos aqui são uma parte das pesquisas apresentadas durante o evento, entre os dias 6 e 10 de novembro de 2023 na UERJ, campus Maracaña.